“ISSO AQUI NÃO É VIDA PRA VOCÊ”:

MASCULINIDADES E NÃO VIOLÊNCIA NO RIO DE JANEIRO, BRASIL

IDRC | CRDI

International Development Research Centre
Centre de recherches pour le développement international

Canada

Resultados do Estudo Internacional sobre Homens e Igualdade de Gênero (IMAGES) com foco na violência urbana

Desenvolvido para o Programa *Safe and Inclusive Cities*,
uma iniciativa do *International Development Research Centre* do Canadá
e do *Department for International Development* do Reino Unido

INSTITUTO PROMUNDO (BRASIL)
Rua da Lapa, 161
Centro/Lapa – Rio de Janeiro
Brasil – CEP: 20021-180
www.promundo.org.br

PROJETO GRÁFICO E DIAGRMAÇÃO:
Mórula Oficina de Ideias

REVISÃO:
Rogério Amorim

SUGESTÃO DE CITAÇÃO:
Taylor, A.Y., Moura, T., Scabio, J.L, Borde, E., Afonso, J.S., e Barker, G. *Isso aqui não é vida para você: masculinidades e não violência no Rio de Janeiro, Brasil. Resultados do Estudo Internacional sobre Homens e Igualdade de Gênero (IMAGES) com foco na violência urbana*. Washington, DC e Rio de Janeiro, Brasil: Promundo, 2016.

ESTE RELATÓRIO REFLETE OS RESULTADOS DA PESQUISA E AS PERSPECTIVAS DOS AUTORES E DAS AUTORAS, NÃO REFLETINDO NECESSARIAMENTE AS OPINIÕES DO *INTERNATIONAL DEVELOPMENT RESEARCH CENTRE* – IDRC (CENTRO DE PESQUISA SOBRE O DESENVOLVIMENTO INTERNACIONAL) E DO *DEPARTMENT FOR INTERNATIONAL DEVELOPMENT* (DEPARTAMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO INTERNACIONAL) DO REINO UNIDO.

"ISSO AQUI NÃO É VIDA PRA VOCÊ":

MASCULINIDADES E NÃO VIOLÊNCIA NO RIO DE JANEIRO, BRASIL

Abril | **2016**

"ISSO AQUI NÃO É VIDA PRA VOCÊ"

O título vem do relato de um ativista comunitário de uma favela do Rio de Janeiro que atuou por pouco tempo no tráfico de drogas. Ele conta que um colega do tráfico, ao observá-lo se relacionar com uma criança, disse que "aquela vida" (do tráfico) não servia para ele. O relatório expõe como muitos homens e familiares constroem alternativas de vida não violentas, resistindo diariamente a sistemas, grupos e práticas que promovem a violência.

SOBRE IMAGES

A Pesquisa Internacional sobre Homens e Equidade de Gênero (IMAGES) é um estudo que abrange vários países sobre as práticas e atitudes de homens relacionadas com normas de gênero, atitudes diante de políticas de igualdade de gênero e dinâmicas familiares e domésticas, incluindo o cuidado e o envolvimento dos homens enquanto pais, violência entre parceiros íntimos, diversidade sexual, saúde e questões econômicas, entre outros temas.[1] O Promundo e o *International Center for Research on Women* (ICRW) desenvolveram a IMAGES, que foi aplicada, até hoje, em mais de 16 países. Estudos adicionais inspirados em IMAGES foram desenvolvidos por organizações parceiras na Ásia, com o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).[2] Este estudo é uma adaptação da pesquisa IMAGES focada em gênero, masculinidades e não violência em contexto de violência urbana.

O questionário foi aplicado a mulheres e homens com idades entre os 18 e os 59 anos. As mulheres foram questionadas sobre as suas realidades e sobre os seus parceiros do sexo masculino. De acordo com as recomendações da Organização Mundial de Saúde para pesquisas sobre violência sexual e de gênero, o questionário envolve homens e mulheres das mesmas comunidades, mas não dos mesmos domicílios. Todos os procedimentos éticos foram seguidos. O questionário foi aplicado a par com o estudo qualitativo que visou mapear masculinidades, contextualizar os resultados desse instrumento e desenvolver histórias de vida detalhadas capazes de esclarecer os principais resultados quantitativos. Em cenários de conflito e pós-conflito e em contextos de alta concentração de violência armada, o questionário IMAGES inclui questões adicionais sobre os efeitos de conflitos, da violência urbana e de deslocamentos forçados nas relações de gênero.

1. Para mais informações sobre IMAGES, ver Barker et al. *Evolving Men: Initial Results from the International Men and Gender Equality Survey (IMAGES).* Washington, DC: International Center for Research on Women (ICRW) e Rio de Janeiro: Instituto Promundo, 2011. Disponível em: <http://www.promundo.org.br/en/activities/activities-posts/international-men-and-gender-equality-survey-images-3/>.
2. Para mais informações sobre estudos inspirados pela IMAGES na Ásia, ver: <http://www.partners4prevention.org/>.

PROMUNDO

Fundado no Rio de Janeiro, Brasil, em 1997, a missão do Promundo é promover masculinidades e relações de gênero não violentas, igualitárias e baseadas no cuidado ao redor do mundo. As organizações independentemente registradas do Promundo no Brasil (Instituto Promundo), nos EUA (Promundo-EUA), Portugal (Promundo-Europa), e República Democrática do Congo (*Living Peace Institute*) colaboram para alcançar esse objetivo através da realização de pesquisas aplicadas cuja intenção é construir uma base de conhecimento sobre masculinidades e igualdade de gênero, desenvolvendo, avaliando e ampliando intervenções e programas transformadores das relações de gênero e defendendo, em nível nacional e internacional, a igualdade de gênero e justiça social.

AGRADECIMENTOS E AUTORIA

Os escritórios do Promundo no Brasil e nos EUA coordenaram a pesquisa, que foi elaborado para o *Safe and Inclusive Cities* –SAIC (Programa Cidades Seguras e Inclusivas), um programa global de pesquisa do *International Development Research Centre*, IDRC (Centro de Pesquisa para o Desenvolvimento Internacional) e o *Department for International Development* (Departamento do Desenvolvimento Internacional) do Reino Unido.

- **JOÃO SUCENA AFONSO:** análise de dados quantitativos
- **DANIELLE ARAÚJO:** entrevistas qualitativas, assistência técnica quantitativa e gestão de dados
- **GARY BARKER:** pesquisador principal; assistência técnica na análise de dados, redação do relatório e supervisão geral, Promundo–EUA
- **BEATRIZ BERRIOS:** amostra quantitativa
- **ELIS BORDE:** coordenação do trabalho de campo quantitativo, análise e redação do relatório
- **TATIANA MOURA:** pesquisadora principal; assistência técnica no desenho da pesquisa e na análise de dados, redação do relatório e supervisão geral, Promundo–Brasil
- **INSTITUTO PEREIRA PASSOS:** amostra quantitativa
- **JEFERSON DE LARA SCABIO:** desenho e realização de entrevistas qualitativas, análise de dados qualitativos.
- **MARCIO SEGUNDO:** coordenaçao do campo quantiativo (Norte) .
- **ESTHER SPINDLER:** análise de dados qualitativos.
- **ALICE TAYLOR:** coordenação geral do projeto e do trabalho de campo, desenho de pesquisa, análise de dados qualitativos e redação do relatório.

A equipe de pesquisa do IMAGES agradece aos(às) 48 pesquisadores(as) locais que integraram o estudo quantitativo, aos pesquisadores da área qualitativa e a todos os membros da equipe do Promundo e consultores que apoiaram o processo desde 2011, nomeadamente Ceiça Alcoforado, Daniel Duque, Nina Ford, Raquel Gomes, Barbara Guimarães, Amanda Guimarães, Alexa Hassink, Giovanna Lauro, Ruti Levtov, Marco Aurélio Martins, Victoria Page, Bárbara Pires, Leticia Serafim, e Mohara Valle. Um muito obrigado ao Carlos Casanova, Laurie Denyer, e Marina Motta pelo apoio dado à pesquisa e ao desenho e desenvolvimento do questionário na fase inicial.

O financiamento deste estudo foi assegurado pelo *International Development Research Centre* – IDRC (Centro de Pesquisa sobre o Desenvolvimento Internacional) e o *Department for International Development* (Departamento para o Desenvolvimento Internacional) do Reino Unido através do Programa *Safe Cities and Inclusive Cities* – SAIC (Cidades Seguras e Inclusivas). Agradecemos a Jennifer Salahub e Markus Gottsbacher, do IDRC, pelo apoio desde o início do projeto e a Rosemeri Orth, Promundo-Brasil, e Manon Therien, IDRC, pela coordenação financeira do projeto. Agradecemos ainda a Susan Guthridge-Gould e Cindy Hill, da Beyond Jargon LLC, pelo trabalho de edição original e a Rita Santos, Centro de Estudos Sociais/Universidade de Coimbra, Portugal, pela tradução deste relatório.

A equipe de pesquisa agradece também aos especialistas brasileiros da área de investigação e outros intervenientes pelas contribuições na adaptação desta pesquisa, incluindo Ignácio Cano, Doriam Borges, Thais Duarte e Eduardo Ribeiro, do Laboratório de Análise de Violência (LAV) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Elizabete Albernaz, Raphael Calazans, Fátima Cecchetto, Carolina Cooper, Henrique Gomes, Renata Giannini, Barbara Mourão, Silvia Ramos, Jaílson de Sousa e Silva, Juliana Tibau, André Rodrigues, Raquel Willadino, e outros que participaram nos eventos e discussões do projeto e contribuíram para o trabalho de campo e análise.

DEDICATÓRIA

Thais de Souza Santos foi morta no dia 5 de janeiro de 2016 numa troca de tiros entre a polícia e traficantes de drogas na comunidade onde morava, no Morro dos Prazeres, Rio de Janeiro. A liberdade de ir e vir, de estar na rua e de levar a vida que ela desejava foi interrompida de forma trágica na luta constante – e num contexto de ausência de segurança pública adequada – no Rio de Janeiro. Juntamo-nos à família de Thais no seu luto e celebramos a causa e inspiração que ela nos deu no Promundo. Nunca a esqueceremos, nem a sua causa, que é também a nossa. Este relatório é dedicado à Thais e aos jovens que perderam a vida durante a elaboração deste relatório, em tiroteios constantes entre facções do tráfico e entre facções e a polícia. Este relatório é uma forma de protesto. Pretende lembrar-nos que a não violência é possível e que são imperativas agendas que deem prioridade à construção de cidades seguras, inclusivas e igualitárias – não apenas para alguns, mas para todos e todas.

TERMINOLOGIA

NORTE • Uma das duas áreas onde foram realizados questionários quantitativos domiciliares: n=902 (n=451 homens / n=451 mulheres). Corresponde à zona da Área Integrada de Segurança Pública com o segundo maior índice de homicídio da grande área metropolitana do Rio de Janeiro (AISP 9), abrangendo principalmente a área norte da cidade. Está longe do centro da cidade e corresponde, de forma geral, a uma área de baixa renda com poucas intervenções governamentais em termos de segurança pública e serviços.

SUL • A segunda área onde foram aplicados os questionários quantitativos domiciliares: n=249 (n=121 homens / n=128 mulheres). "Sul"corresponde à área AISP 23, com o segundo menor índice de homicídio da cidade, abarcando especialmente a zona sul da cidade. Esta área inclui zonas de baixa renda (favelas) e um dos bairros de mais alta renda, classe média/média-alta da cidade, que tem sido alvo de maiores investimentos do poder público, nomeadamente no setor da segurança. Os bairros incluídos nas categorias "Norte"e "Sul"estão listados na Tabela 2 e serão referidos subsequentemente no presente relatório por Norte e Sul.

EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA URBANA • Tal é medido usando um indicador objetivo de índice populacional (índices de homicídio) e medidas subjetivas/plano individual.

GÊNERO • Entendido como a construção social sobre as diferenças entre os homens e mulheres. As diferenças de gênero se definem por pressupostos e expectativas designadas socialmente, e não por diferenças determinadas pela biologia de homens ou mulheres. O gênero inclui a masculinidade (papeis masculinos) e a feminilidade (papeis femininos).

MASCULINIDADE • Expectativas sociais sobre atitudes e comportamentos de homens e jovens do sexo masculino na sociedade. Essas expectativas são construídas, e não determinadas por características biológicas.

VIOLÊNCIA VERBAL • Uso de insultos e ameaças de morte.

VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG) • Violência cujo alvo são pessoas em razão do seu gênero (os papéis associados a homens e mulheres), a par de relações de poder desiguais entre os dois gêneros. Mulheres, meninas, homens e meninos podem ser vítimas de violência baseada no gênero; contudo, a maioria das vítimas são mulheres.

VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS OU VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS (VPI) • A VPI foi avaliada de acordo com a definição da OMS (OMS, 2012), dizendo respeito a qualquer tipo de comportamento que, num contexto de relacionamento íntimo, causa danos físicos, psicológicos ou sexuais aos envolvidos. No questionário, a VPI foi avaliada através de questões sobre diferentes graus de violência contra

parceiros íntimos num relacionamento marital, de coabitação ou íntimo/romântico, incluindo violência física e verbal, humilhação e abuso sexual.

VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES (VCM) • É uma das formas de violação dos direitos humanos mais comuns no mundo. VCM é uma forma de violência baseada no gênero e é definida como qualquer tipo de manifestação de violência física, sexual, psicológica e econômica que tem lugar na família ou na comunidade, incluindo espancamentos, abuso sexual de crianças, estupro, mutilação genital feminina e outras práticas tradicionais nocivas para as mulheres, violência perpetrada por desconhecidos (não parceiros) e violência associada à exploração.

VIOLÊNCIA URBANA FÍSICA • Inclui participação em brigas e enfrentamentos de grupos juvenis rivais, abuso sexual de mulheres que não parceiras íntimas, questões relacionadas ao uso de armas de fogo em fogo cruzado e contra pessoas, espancamentos, roubo à mão armada, abuso sexual de mulheres que não as parceiras íntimas, abuso sexual em grupo, e abuso sexual em grupo de mulheres que não as parceiras íntimas.

VIOLÊNCIA SEXUAL • Abuso sexual de mulheres que não as parceiras íntimas, abuso sexual em grupo e abuso sexual em grupo de mulheres que não as parceiras íntimas.

NÍVEL SOCIOECONÔMICO (NSE) • Medimos o NSE através de um conjunto de três variáveis: situação laboral, natureza do emprego e renda. Esta abordagem foi utilizada tendo em vista reconhecer a importância de fatores além dos monetários na definição das condições socioeconômicas. A moeda é o real brasileiro, o símbolo é R$ e o código da moeda é BRL. Diferenciamos: (1) desempregado sem renda; (2) empregado de forma formal ou informal ou subsidiado pelo estado com 0 a R$1.759,00 = ESE baixo; (3 empregado de forma formal ou informal ou subsidiado pelo estado com R$1.760,00 a R$3.520,00 = ESE médio e (4) empregado de forma formal ou informal com renda mensal superior a R$3521 = ESE alto. Os valores foram definidos em função do salário mínimo nacional (aproximadamente R$880,00) e em relação ao local, Rio de Janeiro, sendo que o ESE mais baixo representa até dois salários mínimos.

ACRÔNIMOS

IMAGES • Estudo Internacional sobre Homens e Igualdade de Gênero

AISP • Área Integrada de Segurança Pública

VPI • Violência entre parceiros íntimos ou violência nas relações íntimas

ESCALA GEM • Escala de Atitudes Equitativas de Gênero para Homens

PMERJ • Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro

UPP • Unidades de Polícia Pacificadora (modelo de polícia comunitária adotado em algumas favelas do Rio de Janeiro)

VU • Violência urbana

ÍNDICE

SUMÁRIO EXECUTIVO 16

01 | CONTEXTO E PESQUISA 22
Introdução 23
Quadro conceltual 31
Metodologia 36

02 | RESULTADOS 42
A socialização violenta dos meninos e a exposição à violência 47
Normas de gênero 56
Masculinidades e violência 58
Violência entre parceiros íntimos e violência sexual 61
Relacionamentos entre homens e mulheres em contextos marcados por altos índices de violência urbana e tráfico 64
Trajetórias da violência 70
Trajetórias não violentas: caminhos de saída da violência 78
Trajetórias não violentas: estratégias dos ex-traficantes 93

03 | CONCLUSÕES E ESTRATÉGIAS 108
Conclusões 109
Estratégias destinadas a programas, políticas e pesquisas 112

REFERÊNCIAS 118

ANEXO 1 | METODOLOGIA, CONSIDERAÇÕES ÉTICAS E LIMITAÇÕES 124
ANEXO 2 | ANÁLISE MULTIVARIADA 129

SUMÁRIO **EXECUTIVO**

Homicídios e outras formas de violência permanecem elevadas em contextos de baixa renda no Rio de Janeiro. Enquanto esta violência afeta esmagadoramente os homens jovens, pobres e negros, a relação entre esta violência e as normas de gênero tem recebido relativamente pouca atenção. Além disso, as pesquisas têm examinado de forma escassa a interação entre violência urbana e violência familiar ou nas relações íntimas. Enquanto muitas pesquisas têm analisado as trajetórias rumo à violência em vários contextos, apenas um conjunto limitado de estudos tem-se centrado nos fatores que promovem a não violência.

Nas favelas e em outras comunidades de baixa renda e marginalizadas no Rio de Janeiro, os meninos são expostos desde cedo a múltiplas formas de violência no lar e nas suas comunidades. Meninos e jovens do sexo masculino têm poucas oportunidades econômicas atraentes ao seu alcance, ao mesmo tempo que são convidados para participar no tráfico de drogas e, em muitos casos, encorajados a usar armas ou violência no cotidiano.

Num contexto de níveis elevados de violência urbana, como é que tantos homens adotam e mantêm a não violência nas suas vidas? Esta pesquisa levada a cabo pelo Promundo procurou entender: (1) que fatores apoiam grupos de homens (i.e. membros de facções de droga e policiais) que estão rodeados por desigualdades, alta exposição à violência e incentivos para usar violência, a evitar, abandonar ou reduzir o uso de violência em cenários urbanos complexos; procurou ainda compreender (2) como a alta exposição à violência urbana (definida pelas taxas de homicídio) influencia a construção de masculinidades, as experiências de violência durante a infância, as atitudes de gênero e os comportamentos relatados pela população em geral.

O Promundo realizou esta pesquisa tendo por base o Estudo Internacional IMAGES, Questionário Internacional sobre Homens e Igualdade de Gênero. O IMAGES é um estudo abrangente, realizado em vários países sobre as práticas e atitudes de homens relacionadas com normas de gênero, atitudes diante de políticas de igualdade de gênero e dinâmicas familiares e domésticas, incluindo o cuidado e o envolvimento dos homens enquanto pais, violência entre parceiros íntimos, diversidade sexual, saúde e questões econômicas. Os escritórios do Promundo no Brasil e nos EUA coordenaram o estudo, que foi elaborado para o *Safe and Inclusive Cities* – SAIC (Programa Cidades Seguras e Inclusivas), um programa global de pesquisa do *International Development Research Centre*, IDRC (Centro de Pesquisa para o Desenvolvimento Internacional), Canadá, e do *Department for International Development*, DfID (Agência para o Desenvolvimento Internacional), Reino Unido.

O estudo do Rio de Janeiro, conhecido como IMAGES-Violência urbana, é uma adaptação da pesquisa IMAGES focada em gênero, masculinidades e não violência no contexto de violência urbana, abrangendo as interações entre violência nas esferas públicas e privadas.

ESTUDO IMAGES SOBRE VIOLÊNCIA URBANA NO RIO DE JANEIRO

- **Foram aplicados 1.151 questionários domiciliares** com mulheres e homens e adultos em duas áreas: "Sul", a zona da cidade onde as taxas de homicídio são mais reduzidas; e "Norte", a área Norte da cidade marcada pelas taxas de homicídio mais elevadas. A amostra foi desenhada tendo por base as áreas administrativas de segurança pública.

- **Foram realizadas 14 entrevistas com informantes-chave e 45 entrevistas aprofundadas de histórias de vida.** As entrevistas aprofundadas procuraram capturar os fatores que promovem as trajetórias de distanciamento da violência dos homens em cenários urbanos complexos. Ex-traficantes de droga e operacionais da força policial foram alguns dos participantes, além de ativistas locais e mulheres parceiras de traficantes e de policiais. Estes grupos de homens foram selecionados por causa dos seus papéis importantes que têm no uso e experiência de violência e não violência na cidade.

PRINCIPAIS RESULTADOS

A pesquisa procurou compreender a relação entre exposição a formas "públicas" de violência urbana e formas de violência na esfera "privada", como por exemplo, a violência nas relações íntimas e entre familiares. O componente qualitativo da pesquisa visou entender as trajetórias de violência e os tipos de violência urbana baseados no gênero. Os resultados têm múltiplas implicações para as políticas e programas de segurança cidadã inclusiva e de redução da violência urbana no Brasil e em outras cidades latino americanas caracterizadas por violência urbana crônica.

1. **O medo da violência urbana e as experiências de violência durante a infância** contribuem para o uso da violência e para a criação de traumas ao nível individual, familiar e coletivo. Este tipo de trauma é mais prevalente nos bairros onde as taxas de homicídio são mais elevadas. No estudo quantitativo, o medo e as experiências de violência durante a infância estavam associados à violência familiar e às relações íntimas.

2. **A exposição à violência urbana antes dos 18 anos** está fortemente associada à perpetração de violência durante a idade adulta. A média de 82,8% de homens da amostra total viveram ou testemunharam pelo menos duas das seguintes situações antes dos 18 anos: agressão grave, abordagem violenta por parte da polícia, espancamento, troca de tiros, casa ou o local de trabalho atingido por balas, ameaças de morte, lesão por disparo de arma de fogo – as quais aumentam a probabilidade de perpetração da violência.

3. **A exposição à violência fora do lar** está profundamente relacionada com a violência em casa. Os indivíduos nos bairros com os índices de homicídios mais elevados (Norte) relatam de forma consistente taxas superiores de recurso a quase todos os tipos de violência – pública e privada. Os inquiridos nas áreas com maiores índices de homicídio apresentam taxas superiores de medo da violência do que as registradas nas zonas com menores índices de homicídio (no Sul do Rio).

4. **A exposição a violência doméstica contra as mães durante a infância** está associada à perpetração de violência durante a idade adulta e é elevada, como se pode verificar nos resultados qualitativos e quantitativos.

5. **O uso de violência contra parceiras íntimas**, violência sexual e violência pública é mais elevado nos bairros com maiores índices de homicídio.

6. **O medo da polícia** é relatado por mais de metade dos inquiridos (59% no Norte e 53% no Sul). Os resultados do questionário sugerem que os indivíduos residentes nas favelas e em comunidades de baixa renda do Rio de Janeiro têm quase tanto medo da polícia quanto da milícia, dos assaltantes, bandidos ou dos traficantes.

7. **Normas de gênero mais equitativas** estão associadas a menor exposição à violência pública. Na zona com maior exposição à violência urbana (Norte), tanto homens quanto mulheres demonstram atitudes de gênero menos equitativas do que as verificadas nas áreas com menor exposição à violência urbana (Sul), o que sugere que o medo crônico da violência contribui para normas de gênero mais contenciosas ou desiguais.

8. **O estresse econômico relacionado com a ausência de trabalho e de renda** é altamente prevalente entre os participantes no estudo e está associado à entrada no tráfico de drogas, bem como ao uso de violência em geral.

9. **A posse e uso de armas de fogo** é vista de forma favorável por quase 95% dos homens inquiridos, apesar de uma proporção relativamente pequena de indivíduos relatarem possuir ou ter usado armas; as mulheres têm atitudes menos favoráveis ao uso/posse de armas. Os homens que favorecem o uso/posse de armas de fogo estão mais suscetíveis a usar algum tipo de violência.

10. **A violência urbana molda e interage com as construções violentas de masculinidade** e cria estresse familiar e trauma individual que muito possivelmente contribuem para a reprodução social da violência na esfera pública e privada. A "transferência" consistente da violência dos espaços públicos para os familiares sugere a necessidade de uma prevenção integrada – combinando abordagens de segurança cidadã com apoio psicológico sob a forma de terapia, e esforços em nível comunitário que visem prevenir e reduzir a violência baseada no gênero e outras formas de violência familiar. Ambos devem ser acompanhados por abordagens que visem mudar normas sociais sobre masculinidade assentes em "ser duro", usar e brincar com armas, em detrimento de outras baseadas em noções de cuidado e não violência.

FATORES DE REDUÇÃO DA VIOLÊNCIA

As entrevistas qualitativas focaram-se nos homens e nos seus familiares que evidenciaram trajetórias de não violência. Estes resultados revelam que ex-traficantes, policiais, ativistas e suas respectivas parceiras, assim como familiares, usam estratégias notáveis para superar a violência ou evitar usá-la.

Nos questionários e nas entrevistas, a paternidade surgiu como um fator central no distanciamento dos homens face à violência e rumo à não violência. Fatores adicionais associados às trajetórias não violentas incluem: (1) a participação dos homens nas tarefas domésticas; (2) conexão a círculos de convivência ou apoio social; (3) níveis de escolaridade dos homens; (4) uso de mecanismos para "acalmar-se" e afastar-se dos conflitos; (5) ampliação das perspectivas de vida e ganhos de mobilidade urbana na cidade; (6) traços individuais como competências emocionais e pró-sociais, resiliência e motivação; e (7) a rejeição de normas masculinas ligadas à violência e à adoção de atitudes e comportamentos mais equitativos de gênero.

Os ex-traficantes entrevistados identificaram quatro fatores chave associados à promoção da não violência: (1) assistência na saída do tráfico de drogas por parte de organizações não governamentais; (2) pressão ou apoio familiar para o abandono do tráfico; (3) saída por causa de eventos e riscos traumáticos, nomeadamente a morte de amigos ou ser baleado; e (4) rejeição de normas masculinas conectadas à violência e ao tráfico, a par de uma redefinição do que significa ser "um homem de verdade". Os policiais enfatizaram a necessidade de evitar transferências de estresse laboral para o lar e alguns reforçaram a importância de procurar

ajuda psicológica nos serviços de apoio, ainda subutilizados, da polícia militar. De acordo com os ativistas que promovem a paz, as suas trajetórias de vida demonstram, desde cedo, a rejeição da violência, a participação em grupos de pares não violentos e uma maior mobilidade urbana (ou seja, a capacidade de aceder a recursos e oportunidades fora das favelas e de outras áreas de baixa renda).

CONCLUSÕES

UMA NOVA AGENDA DE SEGURANÇA PÚBLICA, VOLTADA PARA A CONSTRUÇÃO DE CIDADES MAIS SEGURAS E INCLUSIVAS • deveria incluir um enfoque na promoção de versões de masculinidade não violentas, equitativas e assentes no cuidado, e em estratégias de incentivo à não violência e à minimização dos efeitos da violência sofridos por meninos e meninas. As estratégias de promoção da não violência deveriam ainda refletir as mudanças nos padrões da violência urbana no Rio de Janeiro, designadamente os relacionados com as falhas das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP)[3], a natureza mutável das facções de droga, os mega eventos desportivos no Rio de Janeiro e as políticas de segurança pública que continuam a marginalizar de forma desproporcional os homens, jovens, negros e pobres.

Entre os programas e políticas necessárias, é essencial ir além do modelo repressivo de policiamento, responsável por tantos homicídios que têm lugar na cidade, e da culpabilização de indivíduos. Os resultados desta pesquisa sugerem que a exposição à violência urbana promove a adoção de trajetórias de violência por parte dos meninos, quer em resultado da experiência pessoal da violência, quer em virtude de viver em áreas caracterizadas por elevados níveis de mortalidade.

ESTRATÉGIAS RECOMENDADAS

- Priorizar programas baseados em evidências destinados a prevenir a violência baseada no gênero e a violência urbana e a transformar normas de gênero;
- Oferecer espaços para apoio psicológico aos jovens, vocacionados para os ajudarem a lidarem com a violência vivida durante a infância, incluindo serviços de prevenção secundária de violência (serviços específicos para jovens que testemunharam ou vivenciaram violência) nas escolas e em outros espaços que os jovens frequentam, tendo em vista prevenir transferências intergeracionais de violência;
- Promover intervenções baseadas em evidências destinadas a homens adultos que usaram ou podem vir a usar violência nas relações íntimas e violência sexual;

3. Modelo de policiamento comunitário adotado em algumas favelas do Rio de Janeiro: Unidades de Polícia Pacificadora.

- Adotar estratégias integradas de apoio às trajetórias não violentas em contextos de violência urbana, incluindo investimento em esforços de desarmamento civil e programas que apoiem e a saída de jovens do tráfico de drogas;
- Dar resposta às necessidades práticas de emprego que motivam a entrada no tráfico de drogas;
- Adotar abordagens que reconheçam a interseção de várias formas de vulnerabilidade, i.e., intervenções que reflitam a idade, raça, experiências infantis e aspirações dos participantes (em vez de replicarem abordagens uniformes destinadas aos jovens, independentemente do contexto);
- Enfrentar a violência policial perpetrada principalmente contra os homens jovens, negros e pobres através de uma reforma policial abrangente e da instituição de mecanismos de transparência e reporte;
- Promover treinamentos em mediação com jovens adolescentes e adultos, tendo em vista dotá-los de competências de resolução não violenta de conflitos nas comunidades, nos relacionamentos e nas famílias;
- Encorajar o envolvimento dos homens nas tarefas de cuidado, a paternidade ativa e modelos positivos e não violentos; e
- Opor-se à interação entre violência na esfera pública e na esfera privada considerando-as um assunto de violência urbana através da implementação de estratégias integradas de prevenção de violência pública e violência com base no gênero e outras formas de violência intrafamiliar. Para uma discussão aprofundada destas estratégias, consultar o relatório completo.

Poucos estudos abordam aspectos de gênero da violência urbana. Ao aplicar essa perspectiva em mais de mil questionários e entrevistas em vários contextos e grupos relacionados com a violência no Rio de Janeiro, este estudo visa contribuir para um diálogo mais matizado e para o desenvolvimento de abordagens mais integradas que olhem para o gênero – especificamente para as masculinidades – e as interações entre violência pública e privada. A violência urbana irá provavelmente recrudescer quando o bem-estar dos jovens, as oportunidades de educação e emprego, a igualdade social e de renda aumentarem.

O estudo IMAGES-Violência urbana destaca a importância de trazer o gênero para a conversa, e em particular as masculinidades, quando se pretende desenvolver soluções para a violência urbana e segurança pública. As respostas desenhadas serão mais eficazes quando as e os decisores políticos compreenderem que as masculinidades são moldadas pela violência urbana, especialmente dadas as estatísticas de homicídio em cidades como o Rio de Janeiro. A promoção da igualdade de gênero e de masculinidades não violentas desde a infância está associada a níveis mais baixos de violências nas esferas públicas e privadas e, portanto, sugerem áreas de intervenção futura no Rio de Janeiro e em outras cidades latino americanas que se estão a tornar cada vez mais inseguras.

CONTEXTO E PESQUISA

01

INTRODUÇÃO

O PROBLEMA • Os homens são na sua maioria os perpetradores da violência armada letal no Rio de Janeiro e em outras cidades da América Latina, caracterizadas por índices elevados e crônicos de violência urbana; são também as suas principais vítimas, seja de homicídio ou de outras formas diretas de violência armada. Normas hipermasculinas[4] que encorajam a violência são uma característica comum aos vários grupos armados no Brasil, incluindo as facções do tráfico de drogas,[5] milícias e forças policiais. Estas normas dominantes são construídas de forma precoce, durante a socialização dos meninos, e continuam a ser reforçadas à medida que os homens jovens são expostos a grupos armados e vivem em contextos marcados pela violência e por vulnerabilidades cruzadas e acumuladas. Entender essas normas e as vidas desses homens constitui um ponto de partida para pensar estratégias de resposta à violência urbana.

As normas sociais moldam, globalmente, o que significa ser um "homem de verdade". Estas noções tendem a reforçar e encorajar atitudes e comportamentos violentos. A socialização de gênero de homens e meninos produz vulnerabilidades que têm múltiplas repercussões para mulheres, crianças e para os próprios homens (enquanto perpetradores e vítimas de violência). As mulheres, por exemplo, enfrentam muitas vezes o peso da perda e do cuidado na sequência da morte ou ferimento de familiares, podem ser vítimas de violência às mãos de parceiros íntimos ou ainda de violência sexual, por vezes sob ameaça de armas de fogo. Os riscos multiplicam-se quando a violência interage entre a esfera pública e a esfera íntima ou familiar.

Neste contexto, o que leva alguns integrantes de facções de tráfico de drogas ou de forças policiais a diminuir ou a pôr fim ao uso da violência, subvertendo e desafiando essas normas hipermasculinas? Que fatores promovem a adoção por parte dos homens de trajetórias não violentas e que papéis desempenham os seus familiares? Como é que ultrapassam as vulnerabilidades que perpetuam ciclos intergeracionais e público-privados de violência urbana?

4. "Hipermasculinidade" refere-se ao exagero dos comportamentos masculinos estereotipados assentes na força física, agressão ou violência, e sexualidade. Mosher e Sirkin (1984) foram dos primeiros autores a usar o termo, definindo hipermasculinidade ou "personalidade macho" como incluindo a adoção de "atitudes sexuais insensíveis face às mulheres", "a crença de que a violência é viril" e a "experiência do perigo como excitante". Assim, podemos considerar o termo "hipervirilidade" também. O conceito de masculinidade não é "problemático" em si; ao contrario, pode ser pacífico e equitativo. O "problema" se trata de quando as normas promovem formas de masculinidade violentas ou que causam danos.

5. O tráfico de drogas no Rio de Janeiro é dominado por quatro principais facções históricas: o Comando Vermelho (CV), Terceiro Comando (TC), Terceiro Comando Puro (TCP), e Amigos dos Amigos (ADA), que vendem maioritariamente maconha, cocaína e crack (variando segundo o território) e disputam o controle de território entre si.

A PESQUISA • Para adaptar o Questionário Internacional sobre Homens e Igualdade de Gênero (IMAGES, inicialmente desenvolvido pelo Promundo e pelo *International Center for Research on Women* em 2008) a contextos marcados por índices elevados de violência urbana, o Instituto Promundo realizou uma pesquisa de campo combinando métodos quantitativos e qualitativos no Rio de Janeiro, Brasil, entre 2013 e 2016. Paralelamente à pesquisa apresentada neste relatório, foi conduzido um estudo em Maputo e Matola, Moçambique, em cenários urbanos e de pós-conflito. A pesquisa visou compreender as relações entre violência e masculinidades. Foi apoiada pelo programa *Safe and Inclusive Cities* (SAIC) (Cidades Seguras e Inclusivas, em português) do *International Development Research Centre* – IDRC (Centro de Pesquisa sobre Desenvolvimento Internacional) e pelo *Department for International Development* do Reino Unido (Departamento para o Desenvolvimento Internacional), que financiou 15 projetos de pesquisa ao redor do mundo sobre violência urbana, pobreza e desigualdades.

A equipe de pesquisa do Promundo aplicou 1.151 questionários domiciliares com homens e mulheres no Rio de Janeiro, em áreas de maior e menor exposição à violência urbana, correspondendo aproximadamente às áreas administrativas de segurança pública na zona Norte e Sul do Rio. A pesquisa procurou entender como a maior e menor exposição à violência urbana (definida por taxas de homicídio) influencia a construção das masculinidades, as experiências de violência durante a infância e as atitudes e comportamentos de gênero autorrelatados. Acrescenta uma lente diferenciada e de gênero à análise dos fatores de risco e de proteção em contextos de violência urbana, especialmente através da exploração de como as masculinidades e fatores relacionados à socialização, atitudes e comportamentos de gênero influenciam a perpetração da violência.

A parte qualitativa deste estudo incluiu a realização de 46 entrevistas em profundidade, tendo em vista construir histórias de vida. Através destas, o estudo procurou entender os fatores que apoiam os homens (por exemplo, integrantes das facções de droga e policiais) que estão rodeados por desigualdades, exposição elevada à violência e incentivos ao uso da violência, a evitar, abandonar ou diminuir o uso da violência em contextos urbanos complexos. A interação entre formas "públicas" de violência e a violência experienciada por mulheres e familiares nas vidas dos homens ocupa um lugar central nesta análise. **Compreender essas formas de violência urbana baseadas no gênero e as trajetórias não violentas acarreta implicações variadas para as políticas e programas inclusivos que têm em vista reduzir a violência urbana no Brasil e em outras cidades da América Latina.**

A pesquisa sobre urbanização, pobreza e violência centra-se em múltiplos fatores de risco, tais como a urbanização, a densidade populacional, a pobreza, a desigualdade, teorias sobre bolsas de jovens e desemprego dos homens jovens, os efeitos do conflito, e a ausência de políticas ou fragilidade do Estado (Muggah, 2012). Geralmente, contudo, exclui-se a consideração de como a construção social de masculinidades e dinâmicas de poder afetam e melhoram de forma essencial a compreensão de cada um desses fatores. As divisões sociais e espaciais produzem experiências baseadas no gênero em cenários urbanos (ver Hume, 2008; Wilding, 2012, entre outros), e as vulne-

rabilidades que daí resultam tendem a permanecer essencialmente invisíveis (Moura, 2007; Moura e Roque, 2009) e silenciadas (Hume, 2009; Wilding, 2010), enquanto predominam conceitos e análises da violência urbana "sem gênero".

VIOLÊNCIA URBANA NO RIO DE JANEIRO

APESAR DE OS HOMICÍDIOS ESTAREM EM QUEDA NO RIO DE JANEIRO, ESTÃO MAIS DO QUE NUNCA CONCENTRADOS NAS FAVELAS E ENTRE OS HOMENS, JOVENS, NEGROS E DE BAIXA RENDA • As principais cidades brasileiras têm testemunhado uma intensificação da violência desde 1980, mas essa tendência vem diminuindo em algumas delas. O Brasil continua a ter o mais elevado número de homicídios por ano em termos absolutos (as taxas de homicídio per capita são superiores em outros países da América Latina). Em 2012, foram registrados 56.337 homicídios no Brasil, sendo a taxa de homicídios 29 por 100.000 habitantes (Mapa da Violência, 2014).[6] Segundo um estudo de 2016 do Ipea e do Fórum da Segurança Pública, tal representa 10% de todos os homicídios. Estes dados devem ser considerados à luz das limitações do passado e presente no que diz respeito à notificação de dados de homicídios.[7]

Internacionalmente, o Brasil figura entre os 16 países com as maiores taxas de mortes violentas por 100.000 habitantes. Quatro dos países com números superiores de mortes violentas per capita aos do Brasil estavam emergindo ou vivendo um conflito armado (dados de 2012 ou do último ano disponível, Geneva Declaration Secretariat, 2015). Entre 1980 e 2012, o número de homicídios registrados anualmente no país aumentou 143%, com o maior aumento entre 1980 e 1997.

O estado do Rio de Janeiro ocupa o oitavo lugar no país em termos de óbitos causados por armas de fogo, com 26,4 mortes por 100.000 habitantes (Mapa da Violência, 2013). Esses dados podem ser atribuídos a uma combinação letal de desigualdade, violência policial, violência relacionada ao tráfico de drogas e controle de territórios e por milícias que muitas vezes incluem policiais fora de serviço ou ex-policiais.

Essa tendência não é nova e tem recebido cada vez mais atenção globalmente, como confirmam os recentes relatórios sobre violência policial (ver Anistia Internacional, 2015). Mas a realidade dessas taxas de homicídio enviesadas entre homens jovens, negros e de baixa renda no Brasil não está ainda suficientemente incorporada nas estratégias políticas e programas que se destinam a reduzir essa violência.

O ROSTO DA INSEGURANÇA NO BRASIL: "JOVEM/NEGRO/HOMEM" EM RISCO:

Raça, idade, sexo e nível socioeconômico influenciam de forma expressiva o risco de homicídio no Rio de Janeiro e no Brasil. Dos homicídios registrados no país:

- 90% das vítimas eram homens;
- 77% eram negros/de origem africana[8];
- 54% tinham idades entre os 15 e os 29 anos .[9]

6. A taxa de homicídios é definida pelo número de homicídios por 100.000 habitantes; uma taxa superior a 10 é considerada epidêmica, de acordo com a OMS.
7. O mais recente relatório *Global Burden of Armed Violence* (Geneva Declaration Secretariat, 2015) identifica o Brasil como exemplo de país que não desagrega os dados relativos aos homicídios de acordo com os mecanismos usados para perpetrar as mortes (dados de saúde pública). Os dados existentes são coletados pela polícia e submetidos ao Instituto de Segurança Pública (ISP), o que pode resultar em subnotificação, uma vez que têm por base os informes policiais relativos aos óbitos. Por outro lado, a polícia no Brasil tende a subnotificar os homicídios perpetrados pela polícia em situações de alegada legítima defesa. Pesquisadores estimam também que as taxas de homicídio sejam mais elevadas do que a realidade (Murray et al., 2013), mas até essas estimativas são limitadas na consideração dos obstáculos existentes para a notificação de cada morte, incluindo as dificuldades de acesso ao sistema de justiça e a mecanismos institucionais de cariz formal por parte dos habitantes de baixa renda; o problema histórico dos Autos de Resistência (mortes registradas pela polícia como "resistência a prisão"); e ausência de investigações rotineiras (Misse et al., 2013; Anistia Internacional, 2015).
8. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) classifica a raça/cor de acordo com os seguintes grupos: branco, preto, pardo e indígena. A categoria "negro" (indivíduo ou população) corresponde à combinação das categorias estatísticas "preto" + "pardo".
9. As porcentagens aumentam ainda mais quando se consideram as mortes perpetradas pela polícia, de acordo com dados públicos de 2010 a 2013.

- **Homens:** no Brasil e em muitos outros países da América Latina,[10] os homens têm dez vezes mais probabilidade de morrer por homicídio do que as mulheres (Geneva Declaration Secretariat, 2011). Mundialmente, os homicídios entre as mulheres (ou femicídios) representam cerca de 16% das mortes e são geralmente cometidos por homens conhecidos da vítima (Geneva Declaration Secretariat, 2015). No que diz respeito à perpetração, os homens têm entre três e seis vezes mais probabilidade de cometer homicídios do que as mulheres (Krause et al., 2011).[11]
- **Homens negros:** apesar de os homicídios terem vindo a decrescer no Brasil, as taxas de homicídio não têm diminuído entre os homens negros. Em 2012, os homens negros eram mortos a uma taxa **duas vezes e meia** superior à dos homens brancos (Mapa da Violência, 2015, p. 80). Os brasileiros negros enfrentam ainda discriminação e violência estrutural de forma desproporcional, incluindo acesso limitado à educação, serviços de saúde, emprego e moradia adequada. Homens de origem africana têm muito mais probabilidade de serem presos do que os homens brancos no Brasil (uma tendência semelhante à registrada nos EUA).
- **Homens jovens negros (com idades entre 15 e 24 anos):** no Brasil, os homicídios estão cada vez mais concentrados entre a população jovem do sexo masculino, com idades entre 15 e 29 anos; entre este grupo etário a taxa de homicídio cresceu de 19,6 por 100.000 habitantes em 2012 (aumentou de 8,5 para 18,5 entre a população adulta). Em 2012, o grupo etário de 15 a 29 anos representava 26,9% da população total no Brasil, mas eram 53,4% das vítimas de homicídio (Mapa da Violência, 2014). Se a tendência atual se mantiver, estima-se que 42.000 jovens serão assassinados no Brasil entre 2013 e 2019. Esta análise (do Índice de Homicídio Adolescente – IHA) também confirma que os homens jovens têm quase 12 vezes mais probabilidades de serem mortos do que as mulheres (Borges & Cano, 2014).
- **Homens jovens negros que residem nas favelas e em outras áreas urbanas marginalizadas:** as taxas de homicídio das pessoas de classe alta e média diminuíram, mas para aqueles que vivem em favelas e outras áreas marginalizadas, as facções de tráfico de drogas e a polícia continuam a disputar o controle sobre os territórios, recorrendo, muitas vezes, à extorsão dos residentes. E apesar de as políticas sociais dos últimos 15 anos terem levado a uma redução da desigualdade social sem precedentes, as persistentes e elevadas taxas de mortalidade que atingem os pobres urbanos são indicadores preocupantes da natureza assimétrica desses progressos. Estereótipos associados aos jovens residentes nas favelas e em outras áreas marginalizadas – especialmente os relativos aos homens jovens negros – contribuem para a minimização e "naturalização" das proporções epidêmicas da violência contra essa população (Anistia Internacional, 2015).

10. Segundo o *Global Burden of Armed Violence* (2011), os países com maior número de homicídios de homens (em comparação com uma distribuição de forma mais equilibrada entre homens e mulheres) são o Brasil, Colômbia, Porto Rico e Venezuela.

11. Os homens também representam a vasta maioria da população encarcerada: o Brasil é o país com a quarta maior taxa de população encarcerada do mundo, com 581.000 pessoas presas.

A VIOLÊNCIA EM CURSO NO RIO DE JANEIRO REPRESENTA UM DOS ROSTOS DAS "NOVÍSSIMAS GUERRAS" NO MUNDO: VIOLÊNCIA CRÔNICA LEVADA A CABO POR GRUPOS ORGANIZADOS DE HOMENS ARMADOS EM CONTEXTOS MARCADOS PELA AUSÊNCIA OU PELA PRESENÇA VIOLENTA DO ESTADO • Analisando a situação da segurança pública do Rio de Janeiro num contexto global, os níveis persistentemente elevados de violência armada cometidos principalmente contra homens, jovens, negros e pobres na cidade constituem um tipo novo e não declarado de guerra. Estas novíssimas guerras têm frequentemente lugar em áreas urbanas e suas periferias, caracterizadas por disparidades socioeconômicas, ideologias de gênero hipermasculinas e o uso indevido e a posse de armas de fogo (Moura, 2007, 2010). Tendem também a ser crônicas e não episódios de violência com um início e fim declarados. Essas guerras em "tempos de paz formal" no Brasil, à semelhança de outras partes da América Latina, estão entre os conflitos mais devastadores em nível internacional. Em todo o mundo, nove em cada dez mortes têm lugar fora de contextos de guerra inter ou intraestatal (Geneva Declaration Secretariat, 2011). Esse tipo de violência urbana crônica é cada vez mais problemática nas cidades latino americanas, passados vários anos desde as guerras civis que assolaram a região, nos anos 1980.

As múltiplas formas de violência urbana no Rio de Janeiro são marcadas pela desigualdade social, incluindo oportunidades limitadas de emprego; pelo aumento da circulação de armas de fogo; e pelo domínio por parte de grupos criminosos armados que operam com base no controle territorial. Desde 1990 que a política de segurança pública do Rio de Janeiro e de outras cidades brasileiras se tem caracterizado por incursões policiais esporádicas de repressão do tráfico de drogas nas comunidades urbanas marginalizadas. A ausência de regulação sobre o uso de armamento pesado e veículos blindados em áreas urbanas densamente habitadas aumenta os riscos para as populações locais (Anistia Internacional, 2015). Essas dinâmicas são usadas para legitimar o que tem sido descrito como "metáfora de guerra", na medida em que grupos rivais se referem entre si como inimigos e disputam territórios de formas que imitam as movimentações de guerras declaradas (Leite, 2014).

Políticas e programas estatais e não estatais – que incluem desde a criação de forças especiais de polícia para "pacificar" comunidades, estratégias policiais mais militarizadas, a programas sociais – proporcionam apenas proteção parcial, contribuindo, ao mesmo tempo, para o problema. Entre 2004 e 2005, o Rio de Janeiro participou de uma iniciativa de desarmamento sem precedentes, através de um programa nacional de entrega voluntária de armas, que resultou na entrega de cerca de 500.000 armas em todo o país (Ministério da Justiça, 2014). Calcula-se que a diminuição registrada na posse de armas mesmo antes do programa de entrega voluntária, assim como restrições ao porte de armas entre outros controles introduzidos pelo Estatuto do Desarmamento (2003), tenham evitado 160.000 mortes por arma de fogo no Brasil, sobretudo entre a população jovem (Mapa da Violência, 2015, p. 102).

Todavia, essa tendência não foi acompanhada por programas consistentes e sustentáveis em nível governamental com o objetivo de dar resposta às necessidades de muitos daqueles – na sua maioria, homens jovens – que tinham abandonado recentemente facções de tráfico de drogas. Um número reduzido de projetos liderados por ONGs ao longo dos últimos 15 anos, predominantemente de curto-prazo e baseados em subvenções, merece destaque (nomeadamente, os projetos liderados pelo Observatório das Favelas, Luta Pela Paz, Afroreggae, entre outros, que apoiam de forma indireta os jovens que buscam alternativas quando da saída das facções de tráfico de drogas), apesar de terem sido insuficientes para suster, em grande número, as trajetórias não violentas dos jovens.

A conexão entre ter uma arma de fogo ou outro tipo de arma e o poder que as armas representam entre os homens jovens que se sentem impotentes, a par da existência de outras vulnerabilidades e desigualdades (por exemplo, falta de emprego, ausência de fontes alternativas de identidade, e vínculos limitados a instituições sociais, entre outras), constituem fatores de risco importantes para a participação em gangues (Barker, 2010). A participação nesses grupos está também associada à competição por status e reputação – reconhecimento, honra e prestígio entre pares e potenciais parceiras femininas – por parte dos homens jovens que têm poucas vias disponíveis de alcançar uma masculinidade reconhecida socialmente (Barker, 2005).

TENTATIVAS DE FIRMAR A PRESENÇA POLICIAL NAS FAVELAS DO RIO

A mais recente tentativa de refreio da violência urbana no Rio de Janeiro foi a criação e a implementação das Unidades de Polícia Pacificadoras (UPP), que, desde 2008 e até a data da coleta de dados desta pesquisa, tinham sido implantadas em 38 favelas. Essa política propôs substituir as ações policiais violentas e intermitentes por um modelo policial de proximidade, baseado na presença física cotidiana nas favelas. Depois da entrada em funcionamento da UPPs, as taxas de homicídio diminuíram nos anos que se seguiram, registrando-se, contudo, um aumento da violência não letal anteriormente controlada pelo tráfico, nomeadamente roubos e violência contra as mulheres (Cano, 2012). A redução dos tiroteios e da visibilidade de armas e drogas foram bem recebidas pela maioria da população residente, que elogiou esse modelo no início. No entanto, em 2013 e 2014, os homicídios atingiram os níveis registrados antes da implementação das UPPs em várias áreas, tendo aumentado até 55% face ao verificado anteriormente em algumas comunidades (Instituto da Segurança Pública, 2015).

A violência policial, incluindo os incidentes envolvendo policiais das UPPs, faz lembrar, desde então, o estilo policial antigo: altamente militarizado, caracterizado por demonstrações excessivas de força, impunidade e padrões violentos e hipermasculinizados de atuação. A polícia continua a matar suspeitos e a não realizar investigações de forma adequada e rotineira (Misse et al., 2013), muitas vezes contribuindo para o problema, em vez de o resolver. Mortes extrajudiciais

continuam a ser justificadas como sendo "autos de resistência" – ou seja, por motivos de legítima defesa. Segundo a Anistia Internacional, apenas um caso dos 220 registrados entre 2011 e 2015 no Rio de Janeiro resultou na condenação de um policial. Em abril de 2015, 183 investigações permaneciam abertas.

A PRESENÇA POLICIAL QUOTIDIANA EM ALGUMAS FAVELAS NO RIO DE JANEIRO REDUZIU DETERMINADAS FORMAS DE VIOLÊNCIA (NOMEADAMENTE HOMICÍDIOS OCORRIDOS DENTRO DAS FAVELAS, SOBRETUDO NO CURTO PRAZO), MAS AUMENTOU O NÚMERO DE HOMICÍDIOS EM OUTRAS FAVELAS, BEM COMO A PREVALÊNCIA DE OUTRAS FORMAS DE VIOLÊNCIA • Em traços gerais, as transformações ocorridas no Rio suscitaram novos conflitos relacionados com o domínio territorial, desigualdade exacerbada, envolvendo mudanças e reconfigurações na criminalidade e violência (Rodriguez, 2013; Viera da Cunha & Santis Veltran, 2013; Wacquant, 2008, 2009). A essas questões acresce o fato de o Brasil ter sido (e estar prestes a ser) o palco de vários eventos de grande dimensão – a Copa do Mundo e as Olímpiadas, cujo planejamento incluiu deslocações forçadas[12], e que afetaram consideravelmente a provisão e distribuição de (in)segurança no Rio de Janeiro. Em 2013, uma onda inédita de protestos varreu o país, resultando na prisão e uso da violência contra vários manifestantes, designadamente aqueles que protestavam contra a utilização de fundos públicos no deslocamento forçado de pessoas devido a grandes projetos de construção associados aos eventos esportivos (Anistia Internacional, 2013).

Pesquisas espaciais (Barcellos & Zaluar, 2014) também revelam como as taxas de homicídios variam de acordo com o controle exercido por diferentes facções de tráfico de drogas e grupos milicianos. Barcellos e Zaluar concluem que a presença do tráfico de drogas aumenta o risco de homicídio no entorno das favelas, e não dentro das mesmas. Esses homicídios estão associados à disponibilidade de armas de fogo e a conflitos armados entre traficantes de diferentes facções, entre facções e forças policiais, ou entre traficantes e milicianos. As taxas de homicídio nas favelas eram semelhantes ou inferiores às registradas no resto da cidade, mas eram substancialmente superiores nas áreas circundantes das favelas, especialmente onde havia conflitos entre grupos armados rivais.[13]

Nas favelas, dinâmicas de segurança em mudança associadas à presença da polícia também afetaram as relações entre residentes e traficantes e entre residentes e policiais. À medida que as unidades policiais se foram fixando nas favelas, os residentes passaram a estar menos expostos a incursões policiais violentas, mas permaneceram expostos a formas diárias de violência e agressão policial. Apesar de as dinâmicas variarem de favela para favela, uma das tendências que foi revelada durante a pesquisa qualitativa dá conta de que enquanto no passado as lideranças das facções de droga "dominavam", atualmente os integrantes do tráfico têm fortalecido de forma substancial as suas alianças com facções maiores (às vezes transversalmente, entre várias comunidades), estando menos enraizados em comunidades locais e, em alguns casos, menos capazes para regular dinâmicas localizadas de violência.

12. As decisões em torno das construções relacionadas com os grandes eventos desportivos e as instalações das UPPs têm evidenciado interesses desiguais de classe, desigualdades estruturais ampliadas e violência, em vez de abordarem adequadamente as áreas com maiores necessidades de segurança e planeamento urbano.

13. Essa tendência também deve ser entendida à luz das limitações das pesquisas sobre violência urbana. Os autores atribuem às taxas elevadas de homicídio encontradas em áreas imediatamente adjacentes às favelas duas possíveis explicações: (1) dadas as dificuldades de localização de moradas dentro das favelas, muitas vezes os residentes dão endereços de áreas próximas, como a associação de moradores, lojas e outros pontos de referência. Dessa forma, os sistemas de informação refletem de forma artificial os riscos registrados nestas áreas. (2) Os conflitos ultrapassaram as fronteiras das favelas e os traficantes de drogas proíbem os roubos dentro das favelas. Além disso, a polícia ou os traficantes podem deixar corpos/notificar a sua presença em territórios fora das favelas.

Adicionalmente, a ausência de Estado de Direito e a presença limitada do estado permanecem: "Nas áreas pobres, pela falta de acesso à justiça, mais facilmente os agentes da segurança privada tornam-se tiranos ou negociantes que impõem decisões extralegais ou ilegais aos moradores pelo poder imposto pelas armas, afastando assaltantes e traficantes do local" (Barcellos & Zaluar, 2014, p. 101).

APESAR DE TER SIDO DESTACADA PARA REDUZIR A VIOLÊNCIA, A POLÍCIA CONTINUA A SER A FONTE DE MUITA VIOLÊNCIA QUE TEM LUGAR NAS FAVELAS E EM OUTRAS ÁREAS URBANAS MARGINALIZADAS • Ao longo das entrevistas realizadas com informantes chave no início desta pesquisa, a maioria dos participantes citou a violência policial e a ausência de diálogo como os principais desafios na abordagem da violência urbana nos dias de hoje no Rio de Janeiro. Na cidade do Rio de Janeiro, os homicídios perpetrados pela polícia militar (PMERJ) representaram 15,6% de todos os homicídios registrados em 2014. O número de homicídios cometidos pelas forças policiais caiu em 2011, mas voltou a subir 39,4% entre 2013 e 2014 (Anistia Internacional, 2015). Nos últimos cinco anos, a polícia matou 1.519 moradores na cidade do Rio de Janeiro (Anistia Internacional, 2015). A polícia contribuiu para perpetuar sentimentos de desconfiança e um envolvimento que corrói o Estado de Direito e institui uma "ordem separada e localizada" (Arias, 2006). Outro problema grave são as balas perdidas, que atingem civis, especialmente crianças, muitas vezes durante operações policiais contra facções de tráfico de drogas ou confrontos entre traficantes. Essas "balas perdidas" continuam a ser a fonte de um número elevado de mortes todos os anos no Rio de Janeiro.

O *éthos* policial é frequentemente semelhante ao da guerra e envolve a "destruição de inimigos", em vez uma filosofia de segurança pública orientada para a proteção dos cidadãos. A polícia pode usar a força de forma arbitrária e excessiva e matar, e os residentes das favelas podem morrer e serem mortos, o que reforça a ideia de que alguns indivíduos são mais "dispensáveis" do que outros, particularmente se são rotulados de "inimigos." Os registros oficiais da polícia refletem a culpabilização das vítimas de acordo com critérios socioeconômicos e raciais.

O político e defensor dos direitos humanos Marcelo Freixo sugere que o problema do modelo da polícia militar reside na atribuição de poder aos policiais, a título individual, conferindo-lhes a responsabilidade de decidir contra quem usar ou não a violência e de exercer justiça pelas próprias mãos. Esse modelo de "julgamento individual" possibilita a corrupção e que as implicações recaiam de forma desproporcional nos homens negros e pobres – sem que haja consequências ou responsabilização da polícia. Além disso, as normas sociais no seio das polícias reforçam de forma substancial a aceitação da violência. Os próprios policiais reconhecem a sua falta de preparação e formação (Mourão et al., 2015), bem como a ausência de apoio psicológico e psiquiátrico para fazer face à magnitude de violência urbana a que estão expostos e em que estão envolvidos.[14] Em síntese, à responsabilização limitada da violência policial, juntam-se normas sociais prevalentes nas forças policiais que apoiam o uso excessivo da força e a falta de formação e aconselhamento pós-traumático dos policiais.

14. Segundo algumas pesquisas recentes e artigos relatando sobre pesquisas. Ver, por exemplo, <http://oglobo.globo.com/rio/quase-um-terco-do-efetivo-de-upps-tem-disturbios-psicologicos-18077062>.

O que é que a masculinidade tem a ver com isto? Um dos elementos em comum entre as ações repressivas do Estado e os grupos de tráfico de drogas apurados ao longo da pesquisa qualitativa é a versão de masculinidade assente no "*éthos* guerreiro"[15]. Essa versão inclui ritos de passagem dentro das forças policiais assentes na violência, estruturas hierárquicas e uma cultura de guerra.

Ao passo que várias pesquisas têm documentado os fatores associados aos homicídios e à violência no Brasil, menos atenção tem sido dedicada aos fatores que promovem trajetórias violentas versus não violentas ou formas de resistência e resiliência dos homens jovens no Brasil. Esse é o enfoque central do quadro conceitual desta pesquisa.

QUADRO CONCEITUAL

Este estudo centra-se no conceito de trajetórias de vida não violentas e com base no gênero diante de múltiplas vulnerabilidades e violência hipermasculinizada. Inclui o conceito de masculinidades numa perspectiva de segurança pública e analisa as formas como a violência pública e a insegurança interagem com a violência privada. Essa noção guia o quadro conceitual deste estudo de duas formas.

MASCULINIDADES

A VIOLÊNCIA ENTRE OS HOMENS, QUE GERALMENTE TEM LUGAR EM ESPAÇOS PÚBLICOS, É MOLDADA POR NOÇÕES DE MASCULINIDADES PRODUZIDAS E VIVENCIADAS POR HOMENS E ENTRE HOMENS E MULHERES. • Tal como foi descrito por Greig (2009) e outros, grande parte do discurso político sobre homens jovens e gênero caracteriza os jovens como "problemáticos". As masculinidades não são necessariamente "problemáticos," mas sim são complexas e heterogêneas em função da idade, classe, educação, emprego, status marital e geografia urbana. São construídas socialmente, são fluidas ao longo do tempo e do espaço, e dinâmicas (ou seja, mudam ao longo do tempo), incluíndo um espectro de atitudes e comportamentos que oscila entre igualitários, parcialmente igualitários; e desiguais, entre violentos e não violentos.

Esta pesquisa examina as experiências e exposições à violência dos homens durante a infância e adolescência, e a forma como essas experiências afetam ou se mantêm durante a vida adulta. Os resultados ajudam-nos a compreender que fatores influenciam a transmissão intergeracional da violência, baseando-se e desenvolvendo os resultados das pesquisas IMAGES iniciais (Barker et al., 2011). Versões de masculinidades, criadas e reforçadas por homens e mulheres, podem gerar inseguranças e vulnerabilidades nas vidas de outros.

Adicionalmente, **o uso da violência contra a mulher e de outras formas de violência intrafamiliar perpetrada pelos homens influencia e é influenciada pela violência urbana que tem lugar em espaços públicos.** Os conceitos tradicionais

15. A expressão foi cunhada por Norbert Elias nos anos 1990 e é usada de forma ampla pela acadêmica brasileira pioneira no campo das masculinidades e violência urbana, Alba Zaluar.

DA SOCIALIZAÇÃO À CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES, VIOLÊNCIA E NÃO VIOLÊNCIA

Estes processos ocorrem em várias etapas associadas:

- **Socialização dos meninos:** desde a infância que a socialização dos meninos começa a gerar vulnerabilidades que estão associadas a expectativas de masculinidade e que são reforçadas ao longo da juventude e vida adulta dos homens. Como nossa pesquisa e outras demonstram, os meninos são frequentemente presenteados com brinquedos, como armas de plástico, que normalizam, desde cedo, o uso de armas, ao mesmo tempo que lhes é dito que devem ser "fortes" e não chorarem. Comparativamente com as suas irmãs, os meninos tendem a ser mais incentivados a brincar na rua – e, como revelam os resultados da pesquisa, a brigar com outros meninos – e desencorajados a envolver-se em tarefas domésticas e de cuidado. Também se tornam elegíveis a começar a realizar pequenas tarefas e a dar início, assim, ao envolvimento com o tráfico de drogas desde cedo, enquanto "crianças soldados".
- **Socialização continuada e reforço de normas sociais nocivas durante a adolescência:** com a entrada na adolescência, os meninos são ainda mais incentivados a ser duros ou a brigar para resolver os seus problemas. A adolescência é um período formativo durante o qual os jovens são pela primeira vez expostos – ou expostos de forma mais direta e substancial – aos grupos armados que provavelmente conhecem desde a infância e dos quais recebem as primeiras propostas de adesão. A sua exposição e participação em grupos sociais com noções de "masculinidade" que favorecem a violência torna-se mais proeminente.
- **Reforço das relações de gênero durante a idade adulta em que grupos específicos de homens assumem posições sociais dominantes comparadas a outros grupos de homens (masculinidades hegemônicas versus masculinidades subordinadas)** (Connell, 2005): tendo em vista afirmar esse poder, ou sempre que é ameaçado (i.e. quando não existem condições para ser provedor, por exemplo), os homens podem usar a violência para solucionar conflitos. Os homens continuam mais suscetíveis a vivenciar a violência e vulnerabilidades às mãos de outros homens. Noções de masculinidade também influenciam os homens a adotar comportamentos de risco, como por exemplo evitar serviços de saúde porque os homens "precisam ser fortes."
- **Resiliência face à violência (desde a infância até à idade adulta):** a resiliência dos homens, ou a resistência face a influências e experiências violentas, pode ser entendida como decorrente, em parte, de uma mudança nos debates teóricos sobre masculinidades, que se distancia de uma visão singular sobre o "papel do sexo masculino" em direção a um conceito de masculinidades múltiplas, dinâmicas de poder complexas entre grupos de homens e uma ênfase na mudança e na fluidez (Connell, 2005). Esse reconhecimento da *mudança* e diversidade das masculinidades abre caminho para uma maior atenção as alternativas e as formas hegemônicas de masculinidade e normas hipermasculinas, e um enfoque específico nas trajetórias não violentas.

de "violência urbana" geralmente dedicam pouca atenção a áreas além da esfera pública, enquanto que a violência baseada no gênero e a violência contra as mulheres perpetrada pelos homens são geralmente tratadas como um campo à parte da violência urbana. Esta pesquisa visa explorar as conexões entre essas múltiplas formas de violência.

Pesquisas confirmam que as masculinidades: (1) são complexas e heterogêneas, em vez de singulares, e que fatores como idade, educação, emprego, status marital e socioeconômico, nacionalidade, etnia e religião devem ser tidas em conta; (2) são parte de uma noção relacional de gênero, segundo a qual não estão isoladas de, mas interagem com feminilidades e a ordem de gênero (Connell, 2005; Greene e Levack, 2010); e (3) são fluidas, dinâmicas e mudam ao longo do tempo e de contexto em contexto.

TRAJETÓRIAS NÃO VIOLENTAS

No Brasil, pesquisadores/as, ativistas e profissionais nesta área têm dado importantes passos no sentido de procurar compreender o que nós designamos por trajetórias não violentas. No título do seu primeiro livro, Jailson de Souza e Silva perguntou, "Por que uns e não outros?" A ONG que criou no Complexo da Maré, bem como um conjunto de outras ONGs, têm desenvolvido programas para apoiar os jovens a sair do tráfico de drogas e oferecer-lhes alternativas de construção de masculinidades que não passem pelo uso da violência. Outros pesquisadores e ativistas têm formulado enquadramentos e estratégias dirigidas à saída do tráfico por parte de jovens marginalizados no Rio de Janeiro (Dowdney, 2005; Rodriguez, 2013) e de grupos criminosos em geral em outros contextos (Roque, 2012). Pesquisas sobre desvio positivo de homens jovens em Chicago e no Rio de Janeiro desenvolvidas anteriormente pelo Promundo (Barker 1998, 2005) e estudos sobre papéis de cuidado não tradicionais (Barker et al., 2012) serviram igualmente de base para esta pesquisa.

Globalmente, um conjunto ainda reduzido de programas e pesquisas tem procurado abordar os caminhos de resistência e não violência dos homens. Recentemente, estudos sobre o envolvimento de homens na agenda de mulheres, paz e segurança têm avançado (Vess et al., 2013). Um exemplo desse tipo de trabalho são os grupos *Living Peace* na República Democrática do Congo e em outros países. O objetivo desses grupos e o ativismo comunitário que os acompanha é encorajar os homens a ultrapassar traumas psicossociais e a desenvolverem competências de apoio à paz e à redução da violência de homens contra as mulheres em cenários afetados por conflitos, através de grupos educativos e campanhas. Pesquisas do Promundo sobre desvio positivo também analisaram as formas através das quais os homens jovens questionam e contrariam normas nocivas que podem contribuir para comportamentos violentos. Enquanto a delinquência e a posse de armas de fogo pode proporcionar uma sensação de poder, esta pesquisa identificou diversos fatores que permitem contrariar a participação dos homens em gangues e outras atividades delinquentes (Barker, 1998, 2005; Barker & Ricardo, 2006).

AS COMPLEXIDADES DE ESTUDAR TRAJETÓRIAS DE VIDA E VIOLÊNCIA

É importante considerar vários aspectos que norteiam esta pesquisa sobre masculinidades, violência, trajetórias de abandono da violência e não violência:

AS VIOLÊNCIAS SOBREPÕEM-SE E NÃO SÃO LINEARES

Um dos achados centrais desta pesquisa é que as definições de violência variam. Muitas formas de violência não são consideradas violência pelos participantes na pesquisa. Além disso, o uso da violência não é sinônimo de criminalidade e participação num grupo armado. A participação no tráfico de drogas, porém, como os entrevistados relataram, requer disponibilidade para usar a violência e apoiar a lógica de controle territorial associada à afirmação de masculinidades (Zaluar, 2005). No caso dos traficantes, as trajetórias não violentas são apoiadas e facilitadas de forma decisiva pela saída do tráfico.

"Violento" ou "não violento" não são categorias fixas; são antes caminhos marcados pela adoção de atitudes e comportamentos predominantes, mas que podem variar consoante as esferas. São essas trajetórias matizadas e complexas que constituem o enfoque analítico desta pesquisa.

O abandono do uso da violência não é linear, envolvendo geralmente vários "fins" e "regressos" ao uso da violência. Existe muita sobreposição entre os atores e os tipos de violência por eles usados, testemunhados e vividos, e as suas trajetórias não violentas. Por exemplo, ativistas pela paz já foram integrantes de facções de tráfico de drogas, as esposas dos policiais são também policiais, e os homens que cometeram violência contra parceiras íntimas envolvem-se em violência com outros homens na esfera pública. Entre os homens entrevistados em todos os grupos, vários já tinham cometido violência nas relações íntimas, apesar de terem "abandonado" o uso da violência em outras esferas/grupos.

AS TRAJETÓRIAS NÃO VIOLENTAS NÃO DEPENDEM UNICAMENTE DOS INDIVÍDUOS E DAS SUAS ESCOLHAS PESSOAIS

O ônus da adoção de uma "trajetória não violenta" não recai exclusivamente na tomada de decisão de um indivíduo, com base no seu ímpeto pessoal; em vez disso, as experiências e escolhas desses homens estão enraizadas em sociedades urbanas marcadas por violência estrutural, pobreza crônica, desigualdades e violência.

A violência é tolerada, aceita e premiada juto a grupos de homens que vivem em um contexto de violência urbana – especialmente dentro das facções de tráfico de drogas e da polícia. Quando falamos de vulnerabilidades e homens, não pretendemos vitimizá-los, nem retirar-lhes a responsabilidade individual pela violência que cometem e as vulnerabilidades que reproduzem nas vidas daqueles com quem interagem. Pretendemos, sim, desconstruir algumas das vulnerabilidades associadas aos homens, às masculinidades e à socialização através do entendimento de que as masculinidades não são estáticas, mas dinâmicas, diversas e existem em relação com as feminilidades. Suplantar os incentivos para usar a violência depende, pois, de um conjunto complexo e dinâmico de fatores.

É óbvio que as normas de gênero e as masculinidades não são os únicos fatores que influenciam o uso da violência e a vitimização. Enquanto que alguns estudos examinaram os efeitos da violência durante a infância, poucos têm-se fixados nesses efeitos como estando relacionados com a exposição à violência urbana e à violência no domicílio.

Ao deter-se sobre as experiências de familiares e cônjugues, esta pesquisa amplia o escopo de atores tradicionalmente tidos como relevantes no estudo da violência urbana. Também se distancia da abordagem à violência urbana como um terreno neutro em termos de gênero ou um campo apartado das relações de gênero.

Os homens são, via de regra, os principais autores ou perpetradores de violência física em espaços públicos; são também mais propensos a serem vítimas de violência urbana. Todavia, dados de diversos contextos demonstram de forma sistemática que os homens e meninos com as mais altas taxas de comportamentos criminosos, violentos e delinquentes não são movidos pela biologia. A violência letal *não* faz parte da "natureza" nem dos homens nem das mulheres (DeWaal, 2010; Hrdy, 2011). Pelo contrário, treinar homens (e mulheres) para matar requer um enorme esforço. Segundo a maior parte dos estudos sobre componentes biológicos (genéticos) dos comportamentos violentos, a biologia constitui apenas um pequeno contributo para a adoção de comportamentos agressivos, o que não é sinônimo de comportamentos violentos (ver Barker, 2010; Kimmel, 2000).

Em vez disso, a violência exercida pelos homens faz parte do reforço deliberado das estruturas de poder no seio dos grupos de homens com mais poder (ou que representam grupos mais poderosos) contra homens com menor poder (Barker, 2015). Trauma extremo e humilhação são ingredientes quase sempre presentes nos processos que visam construir homens que matam (Gillian, 1997; Enloe, 2007)..No Rio de Janeiro, concretamente, as análises espaciais conduzidas por Barcellos e Zaluar (2014) indicam uma subida da taxa de homicídio, mas esses pesquisadores atribuem as taxas de homicídio em áreas adjacentes às favelas à concentração de armas de fogo nos locais onde os homens jovens e pobres vivem, e não a "qualquer tipo de inclinação natural para a violência."

Argumentos que sugerem que a violência é inerente ou que apenas responsabilizam os homens a título individual pela violência não levam em consideração as desigualdades estruturais. Tão pouco consideram fatores contextuais, como a família e comunidade que interagem com os processos de socialização e formação de identidade de gênero, e que são explorados nesta pesquisa. Estudos revelam que fatores individuais e familiares influenciam, incluindo o uso da violência por parte dos homens, dada a exposição à violência desde cedo, durante a infância e adolescência, e que interagem com o patriarcado e com o gênero (Barker, 2015). Desse modo, este estudo procura centrar-se na análise da resistência e resiliência em contextos de violência, e, mais especificamente, de trajetórias não violentas. Os riscos e vulnerabilidades, e não a resiliência, são geralmente o ponto de partida dos estudos nestes contextos; porém, para compreender como se podem promover trajetórias não violentas através de programas e políticas, deve-se prestar atenção a este elemento.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adotou uma abordagem de investigação que combina métodos qualitativos e quantitativos (métodos mistos) e adaptou o questionário IMAGES, tendo em vista relacionar dinâmicas de gênero, masculinidades e violência e não violência em contextos de marginalização urbana.

METODOLOGIA QUALITATIVA

A pesquisa começou com a realização de **14 entrevistas com informantes chave**, especialistas em violência urbana, segurança pública, gênero e violência, e programas destinados a apoiar a saída dos jovens dos tráfico ou a prevenir a violência contra parceiros íntimos. Em seguida, foram realizadas **45 entrevistas aprofundadas de histórias de vida**, centradas nas trajetórias de abandono e redução do uso da violência ou envolvimento em um grupo armado. Ao reconhecer que esses grupos estão envolvidos em relações complexas com a violência urbana, vários grupos foram identificados para a amostra qualitativa de trabalho de campo, como é descrito abaixo, na tabela 1.

Essas entrevistas aprofundadas de histórias de vida procuraram entender as experiências infantis e adolescentes das e dos entrevistados, com um foco nas dinâmicas de gênero que estão associadas à construção de masculinidades violentas *versus* não violentas. **A análise das entrevistas centrou-se na compreensão dos fatores que permitem aos homens – em contexto de grande exposição à violência e a formas de desigualdade – abandonar ou diminuir o uso da violência ou adotar atitudes e comportamentos não violentos nestes cenários urbanos complexos**.

A análise também pautou-se em dois componentes: 1) entrevistas com homens, dado o enfoque em masculinidades, e 2) em ex-traficantes de drogas, uma vez que as suas trajetórias proporcionam perspectivas importantes sobre o que torna possível o abandono de versões violentas de masculinidade em favor de versões não violentas ou menos violentas.

TABELA 1 | NÚMERO DE HOMENS E MULHERES QUE DERAM ENTREVISTAS QUALITATIVAS, POR CATEGORIA

ENTREVISTAS QUALITATIVAS – RIO DE JANEIRO	NÚMERO
ENTREVISTAS COM INFORMANTES-CHAVE	14
ENTREVISTAS APROFUNDADAS DE HISTÓRIAS DE VIDA	45
HOMENS	
HOMENS ANTERIORMENTE ENVOLVIDOS EM FACÇÕES DE TRÁFICO DE DROGAS, incluindo gerações mais velhas e mais novas de lideranças /aqueles que ocupam posições superiores e os "soldados" mais jovens (intervalo de idades varia entre 18 e 51 anos)	13
ATIVISTAS E LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS QUE PROMOVEM A PAZ/ ALTERNATIVAS NÃO VIOLENTAS; incluindo aqueles originários e que trabalham nas mesmas ou em comunidades semelhantes às dos envolvidos no tráfico (dois entrevistados enquadram-se também na categoria de ex-traficantes).	7
HOMENS QUE PARTICIPARAM EM GRUPOS DE INTERVENÇÃO PARA HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS. Este grupo permitiu-nos examinar a questão da violência contra parceiros íntimos, mas não ocupa uma parte central da análise deste relatório quando comparado com os outros grupos .	4
POLICIAIS HOMENS. Três de escalões superiores e três de inferiores, que pelo menos nos seus discursos públicos privilegiavam técnicas não violentas, como mediação e resolução de conflitos, ao uso excessivo da força. A maioria desses tinha sido educado em favelas ou nos subúrbios de média e baixa renda do Rio de Janeiro ligeiramente acima do nível socioeconômico dos ex-traficantes e dos ativistas que residem nas favelas.	6
MULHERES	
MULHERES QUE TINHAM OU TINHAM TIDO UM RELACIONAMENTO ÍNTIMO COM UM HOMEM ENVOLVIDO NUMA FACÇÃO DE TRÁFICO DE DROGAS E QUE HAVIA DESDE ENTÃO DEIXADO O TRÁFICO. Destas, três das cinco envolveram-se de forma profunda no tráfico: uma mulher tinha-se tornado dona do morro; outra apoiava de forma importante o seu marido, que era traficante, dentro e fora da prisão; uma "mula" que tinha entrado no tráfico depois da morte do seu marido, que estava envolvido no tráfico; e duas que queriam manter-se distantes do tráfico.	5
MULHERES ANTERIORMENTE ENVOLVIDAS NO TRÁFICO DE DROGAS, incluindo uma "dona do morro" e uma "mula".	2
POLICIAIS MULHERES: incluindo uma comandante de alto nível das UPPs e uma oficial de baixa patente que privilegiavam técnicas não violentas, como mediação e resolução de conflitos, ao uso excessivo da força. Ambas eram casadas com policiais homens.	2
MULHERES CASADAS COM POLICIAIS. Uma era psicóloga na polícia, enquanto a outra não trabalhava nas forças policiais.	2
FAMILIARES	
FILHOS/AS DE POLICIAIS, MÃES DE EX-TRAFICANTES	4

METODOLOGIA QUANTITATIVA

A componente quantitativa desta pesquisa procurou compreender as masculinidades violentas e não violentas em dois contextos marcados por violência urbana. Em específico, explorou a relação entre a exposição à violência e a perpetração e vitimização da violência, ou seja, a transmissão da violência entre as esferas públicas/urbanas e privadas/domésticas, bem como entre gerações.

Foram realizadas no total 1.151 entrevistas domiciliares nas duas áreas da amostra selecionadas para avaliar de forma objetiva a exposição à violência urbana. A primeira zona, n=902 (n=451 homens/n=451 mulheres) correspondia à Área Integrada de Segurança Pública (AISP), com **a segunda maior taxa de homicídio** na grande área metropolitana do Rio de Janeiro (AISP 9), **referida ao longo deste relatório por "Norte"** (dado que cobre sobretudo a zona Norte da cidade). A segunda zona, n=249 (n=121 homens / n=128 mulheres), **referida no restante relatório por "Sul"**, corresponde à AISP 23, e tinha a **segunda taxa de homicídio mais baixa da cidade**, (abrangendo principalmente a zona Sul da cidade).

16. Elaborado com base no "Resumo Mensal por AISP" e "Dossiê Mulher", entre 2008-2012, publicado pelo Instituto de Segurança Pública – ISP, governo do Rio de Janeiro.

TABELA 2 | *RANKING* DE VIOLÊNCIA URBANA EM DUAS COMUNIDADES DE ACORDO COM AISP DO RIO DE JANEIRO[16]

AISP	BAIRROS	POPULAÇÃO	RANKING (COMBINADO, SENDO 1 O MAIS VIOLENTO)	RANKING CRIME VIOLENTO	RANKING CRIME CONTRA MULHERES
9	**NORTE:** COLÉGIO (PARTE), OSWALDO CRUZ, CAMPINHO, CASCADURA, QUINTINO BOCAIÚVA, MARECHAL HERMES, BENTO RIBEIRO, COELHO NETO, HONÓRIO GURGEL, ROCHA MIRANDA, PRAÇA SECA, VILA VALQUEIRE, CAVALCANTI, ENGENHEIRO LEAL, MADUREIRA, TURIAÇU E VAZ LOBO, VILA COSMOS, VILA DA PENHA, VISTA ALEGRE, IRAJÁ, VICENTE DE CARVALHO, ACARI, BARROS FILHO, COSTA BARROS, PAVUNA, PARQUE COLUMBIA, COLÉGIO (PARTE), RICARDO DE ALBUQUERQUE, ANCHIETA, GUADALUPE E PARQUE ANCHIETA.	1.063.026	2	3	5
23	**SUL:** LEBLON, LAGOA, IPANEMA, SÃO CONRADO, GÁVEA, VIDIGAL, ROCINHA E JARDIM BOTÂNICO.	242.599	14	12	15

O questionário domiciliar usou um plano estratificado para identificar uma amostra representativa de homens e mulheres de 18 a 59 anos em ambas as áreas que compunham a amostra. Domicílios dentro das áreas de enumeração amostrais (segundo definido pela AISP) foram enumerados e, tendo em vista garantir a segurança e confidencialidade dos entrevistados, apenas foi selecionada para entrevista uma pessoa elegível por domicílio.

As AISP cobrem áreas heterogéneas, especialmente aquelas que correspondem a áreas onde diversos espaços urbanos coexistem: bairros de classe média (por vezes referidos como asfalto) e bairros de baixa renda designados por favelas (e frequentemente referidos pela sua localização – morro). Essa distinção aplica-se em particular ao Sul/AISP 23, que inclui bairros tão distintos como a Rocinha (uma grande favela) e o Leblon (um dos bairros mais ricos do Rio de Janeiro).

Tendo em vista homogeneizar a população da amostra e dar resposta, de forma pragmática, às baixas taxas de resposta nos bairros de classe média e alta da zona Sul do Rio de Janeiro, o questionário não foi aplicado em não favelas na AISP 23, mas apenas no Sul. As seguintes favelas foram incluídas na amostra: Vidigal, Tabajara, Horto, Pavão/Pavãozinho, Rocinha, Guararapes, Morro da Conceição, Fazenda Catete, Babilônia, Morro da Saudade, Vila Pereira, Morro de Humaita, Morro Azul, Santa Marta, Vila Canoas, Chapéu Mangueira, Benjamin Constant e Cantagalo.

MEDIDAS

As seguintes medidas foram usadas na pesquisa quantitativa (ver também Lista de Termos, acima).

EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA URBANA • a exposição à violência urbana foi medida usando um indicador objetivo, a nível comunitário, nomeadamente a residência numa AISP com a segunda maior ou a segunda menor taxa de homicídio reportada no Rio de Janeiro (2012), assim como medidas a nível individual/subjetivas. A exposição à violência urbana foi avaliada através de questões sobre os seguintes itens e relativamente ao ano anterior e/ou até à idade de 18 anos: testemunhou uma agressão grave, foi vítima de agressão grave, testemunhou uma agressão grave, foi vítima de agressão grave, testemunhou alguém a ser violentamente abordado por policiais, foi vítima de uma abordagem violenta por parte da polícia, testemunhou alguém a ser agredido, foi agredido, testemunhou ou ouviu uma troca de tiros, teve a casa ou o local de trabalho atingido por balas, testemunhou ou ouviu alguém a receber ameaças de morte, recebeu ameaças de morte, testemunhou alguém a ser atingido por um disparo de arma de fogo, ou foi atingido por um disparo de arma de fogo. A resposta afirmativa a pelo menos dois dos itens foi considerada exposição a violência urbana.[17] Para as mulheres, a exposição/vitimização por violência sexual foi incluída nessa variável através de uma questão sobre se tinham sido forçadas ou pressionadas a ter sexo com alguém (exceto o seu parceiro íntimo) antes da idade de 18 anos e no contexto escolar ou comunitário.

17. A equipe de pesquisa decidiu trabalhar com duas afirmações em vez de uma, porque ouvir tiros/tiroteios é muito comum no Rio de Janeiro. Sendo um indicador de violência urbana, pode ser tido como tendo um impacto semelhante ao dos relatos midiáticos sobre a violência. Esta medida não se enquadra necessariamente em todos os contextos, mas parece ser válida no caso do Rio de Janeiro.

PERPETRAÇÃO DE VIOLÊNCIA • a perpetração da violência foi avaliada de acordo com autorrelatos de uso de violência física e verbal nas esferas urbanas/públicas, violência sexual na esfera pública e violência contra parceiros íntimos (VPI). A **violência física** foi avaliada através de questões sobre participação em brigas e brigas entre grupos de jovens rivais, abuso sexual de mulheres que não parceiras íntimas, questões sobre o uso de armas de fogo durante troca de tiros e contra pessoas, agressão, roubo à mão armada, abuso sexual de mulheres que não parceiras íntimas, abuso sexual em grupo e abuso sexual em grupo de mulheres que não parceiras íntimas. A **violência verbal** foi avaliada através de questões sobre o uso de insultos e ameaças de morte.

Na amostra feminina, foi avaliada a **perpetração e a vitimização por violência**. Às mulheres foram feitas questões padrão usadas pela OMS (2002) e outras sobre as suas experiências de violência às mãos de parceiros homens, quer ao longo da sua vida, quer ao longo do ano anterior. Questões sobre vitimização incluíam os mesmos itens da amostra masculina, com a exceção das questões sobre violência sexual, que foram incorporadas na variável composta sobre vitimização por violência, incluindo questões sobre diferentes graus de VPI, avaliando se as mulheres tinham sido insultadas pelos parceiros, se documentos ou roupas tinham sido destruídas pelos parceiros e se tinham sido esbofetadas, batidas ou socadas pelos parceiros. Além disso, perguntamos se os parceiros já se tinham envolvido numa briga com elas, usando um objeto que as poderia machucar, se tinham sido ameaçadas com um objeto que as poderia machucar, ameaçadas com armas de fogo ou forçadas ou pressionadas a ter sexo com o parceiros.

EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA (OU VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS, ENTRE PAIS OU CUIDADORES) DURANTE A INFÂNCIA • Exposição à violência doméstica ou à violência nas relações íntimas entre pais ou cuidadores durante a infância foi avaliada tendo em conta se a criança tinha testemunhado **violência verbal e física perpetrada por pais ou familiares**.

NORMAS DE GÊNERO • As normas de gênero foram avaliadas através da escala original Atitudes Equitativas de Gênero para Homens (GEM) (Barker, 2000),[18] que usa questões sobre atitudes perante um conjunto de normas que geralmente compõem as visões hegemônicas sobre masculinidades (relações na esfera doméstica/lar/ homossexualidade/homofobia e relações com outros homens, saúde sexual e reprodutiva e questões sobre sexualidade, e violência) para quantificar o quão "equitativas" ou "não equitativas" são as visões de mulheres e homens sobre gênero (Pulerwitz & Barker, 2008).

Uma discussão detalhada da metodologia qualitativa e quantitativa incluindo a amostra, questionário e análise estatística pode ser encontrado no Anexo 1. O Anexo 1 também inclui considerações éticas e limitações desta pesquisa.

18. "Atitudes equitativas de gênero" podem ser entendidas como aplicáveis aos homens que, em contexto de relações heterossexuais, demonstram as seguintes características: (1) São respeitosos nos seus relacionamentos com mulheres jovens e procuram relacionamentos assentes na igualdade e intimidade, em vez de na conquista sexual, e acreditam que homens e mulheres têm direitos iguais e que as mulheres têm tanto desejo sexual e "direito" à agência sexual quanto os homens. (2) Procuram ser pais envolvidos, no caso daqueles que já são pais, acreditando que devem ser responsáveis financeiramente e assumir pelo menos parte das tarefas de cuidado das suas crianças. Demonstram este envolvimento ao realizar algumas tarefas de cuidado das crianças, demonstram preocupação por contribuírem financeiramente para o cuidado das crianças e por ter um papel ativo no cuidado da saúde das crianças. (3) Assumem alguma responsabilidade por questões de saúde reprodutiva. Tal inclui tomar a iniciativa de discutir preocupações relativas à saúde reprodutiva com parceiras, o uso de camisinha, ou o apoio na compra e uso de métodos contraceptivos. (4) Não usam violência contra as mulheres nas relações íntimas e opõem-se à violência contra as mulheres e não compactuam com esse comportamento por parte de outros homens.

RESULTADOS

SUMÁRIO DOS PRINCIPAIS RESULTADOS

Os resultados do questionário sugerem fortemente, mas não – como é óbvio – provam de forma definitiva a existência de uma associação entre exposição à violência urbana (experienciada em termos individuais e indicada pelas taxas de homicídio oficialmente relatadas) e a perpetração de violência nas esferas públicas e privadas. A violência nas relações íntimas (VPI), violência sexual e violência urbana eram mais elevadas nos bairros com maiores taxas de homicídio. Adicionalmente, usando múltiplos indicadores, o medo da violência, a experiência de violência urbana e outras formas de exposição à violência fora do lar estavam altamente relacionadas com o uso de violência no lar. Os resultados qualitativos corroboram de forma adicional a ideia de que a violência na esfera pública molda e interage com as masculinidades violentas e cria estresse familiar e trauma individual, que provavelmente contribuirá para a reprodução social da violência na esfera pública e privada. É necessária mais pesquisa (e amostras maiores com medidas adicionais de violência) para entender essas interações. Podemos afirmar que a experiência de medo e violência claramente contribuem para o uso da violência e para a geração de traumas que são simultaneamente individuais, familiares e coletivos, e que tais traumas, que estão associados a violência familiar e entre parceiros íntimos, são *mais prevalentes* em bairros onde as taxas de homicídio são mais elevadas.

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DA AMOSTRA DO QUESTIONÁRIO

A amostra consistiu em 1.151 entrevistas, 572 homens e 579 mulheres com idades entre os 18 e os 59 anos, distribuídas em proporções quase iguais de acordo com os seguintes grupos etários: 18-29 / 30-49 / 50-59. Um total de 902 correspondiam à área com a segunda mais elevada exposição à violência urbana, medida através da taxa de homicídio (Norte – correspondendo a AISP 9), e 248 à área com a segunda mais baixa taxa de homicídio (Seleção da amostra Sul/ AISP 23). As características sociodemográficas chave são sumariadas na tabela 3.

TABELA 3 | **INDICADORES SOCIODEMOGRÁFICOS CHAVE**

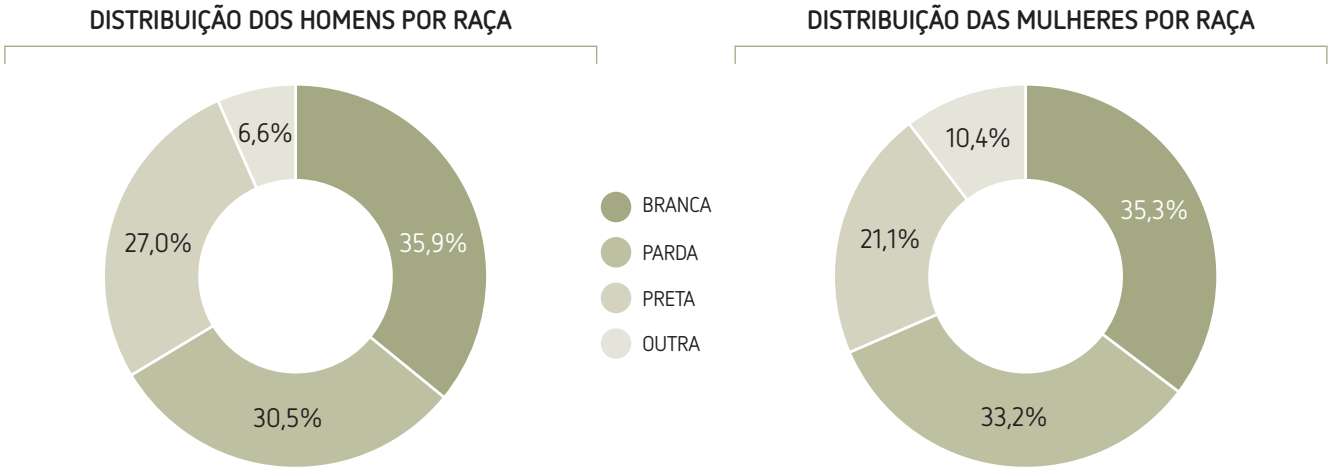
PARÂMETRO	HOMENS		MULHERES	
	SUL (N=121)	NORTE (N=451)	SUL (N=128)	NORTE (N=451)
PARÂMETRO				
SEM EDUCAÇÃO	0,8	1,5	2,4	0,2
PELO MENOS ENSINO FUNDAMENTAL	42,5	31,6	41,7	26,1
PELO MENOS ENSINO MÉDIO	44,2	55,8	43,3	54,0
PELO MENOS ENSINO SUPERIOR	10,8	10,8	12,6	18,0
OUTRO	1,7	0,2	-	1,6
GRUPO ETÁRIO (PORCENTAGEM)				
18-24	19,0	20,0	14,2	19,7
25-34	25,6	25,8	26,8	28,6
35-49	32,2	34,6	30,7	33,0
50 OU MAIS VELHO	23,1	19,6	28,3	18,6

COR E RAÇA

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) classificou a raça/cor de acordo com os seguintes grupos: branca, preta, parda, amarela e indígena. A categoria "negra" (pessoa ou população) corresponde a uma combinação das categorias estatísticas "preta" + "parda". Dos 572 homens, 28,9% (Sul) e 37,7% (Norte) autoidentificaram-se como brancos, 38% (Sul) e 28,5% (Norte) autoidentificaram-se como pardos, 28,9% (Sul) e 26,5% (Norte) como pretos e 4,1% (Sul) e 7,3% (Norte) como outras raças/cores (gráfico 1).

No caso das mulheres, o perfil era ligeiramente diferente: 26% (Sul) e 37,9% (Norte) destas autodeclararam-se como brancas, 37,8% (Sul) e 31,9% (Norte) como pardas, 18,9% (Sul) e 21,9% (Norte) como pretas e 17,3% (Sul) e 8,4% (Norte) como outras raças/cores (tabela 1).

GRÁFICO 1 | **COR/RAÇA –(HOMENS E MULHERES)**



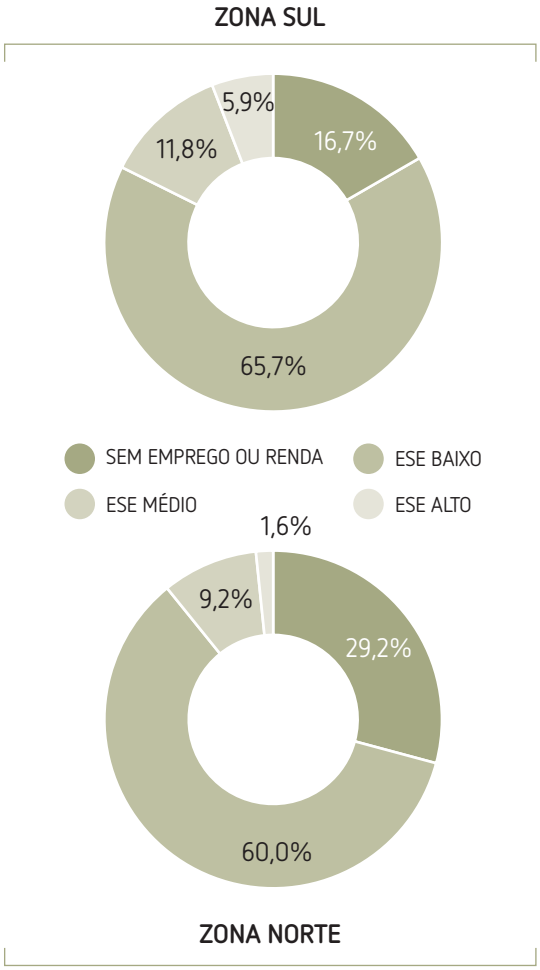
EMPREGO E RENDA

Combinando as duas áreas (n=572 homens), 83,4% dos homens relataram ter algum tipo de emprego (formal ou informal) e 16,6% estavam desempregados. Para as mulheres (n=579) a situação era pior. Combinando as duas áreas, 50,5% das mulheres relataram ter algum tipo de emprego e 49,95% estavam desempregadas (ver definição de nível socioeconômico).

Das mulheres que participaram no estudo quantitativo, 3,75% (n=579) tinham renda e uma situação laboral equivalente a um nível socioeconômico alto, 10,5% a um nível socioeconômico médio, 62,85% a um nível socioeconômico baixo. 22,95 % não tinham nem emprego, nem renda, não estando, por essa razão, incluídas na categoria de nível socioeconômico baixo. Diferenças assinaláveis entre Norte e Sul podem ser observadas no gráfico 2, que reflete uma situação ainda menos privilegiada das mulheres que vivem na zona Norte da cidade, onde 89,2% das mulheres se encontram nas duas categorias menos privilegiadas (a – sem emprego, nem renda; b – ESE baixo).

Os homens (n=572) tinham indicadores socioeconômicos ligeiramente superiores, com 5,15% em situação de renda e emprego equivalente a um nível socioeconômico alto, 31,85% com um nível socioeconômico médio, 53,45% com um nível socioeconômico baixo. 9,5% não tinham nem renda, nem emprego. Também na amostra masculina, podem ser observadas diferenças significativas entre as zonas Sul e Norte, sendo que o Norte (AISP 9) tem menos indicadores privilegiados do que o Sul. É importante notar que 62,95% dos homens entrevistados e

GRÁFICO 2 | **NÍVEL SOCIOECONÔMICO MULHERES**



85,80% das mulheres entrevistadas pelo questionário IMAGES-VU tinham rendas inferiores à média mensal de renda do Rio de Janeiro, R$ 2.364,80 (IBGE, 2015).

Em termos de nível de educação, o gráfico 3 sumaria a situação relativa à amostra feminina e o gráfico 4 a da amostra masculina. O nível de educação de homens e mulheres no Sul do Rio era praticamente igual. A maioria dos homens e das mulheres tinha um nível de ensino fundamental e médio; poucos tinham um nível de ensino superior.

GRÁFICO 3 | **NÍVEL DE EDUCAÇÃO – MULHERES**

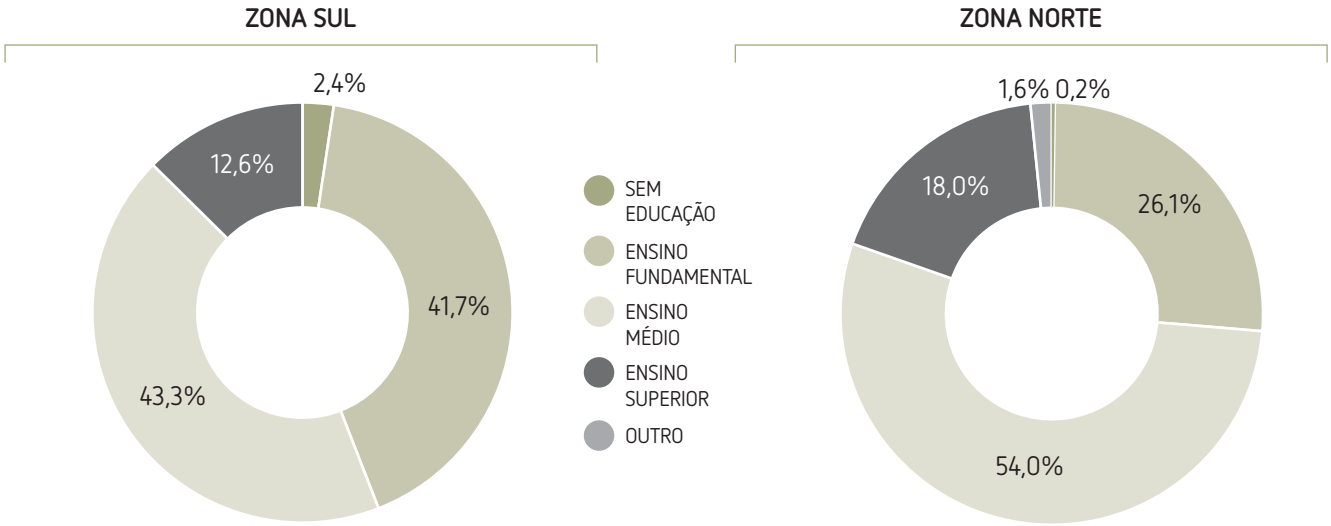
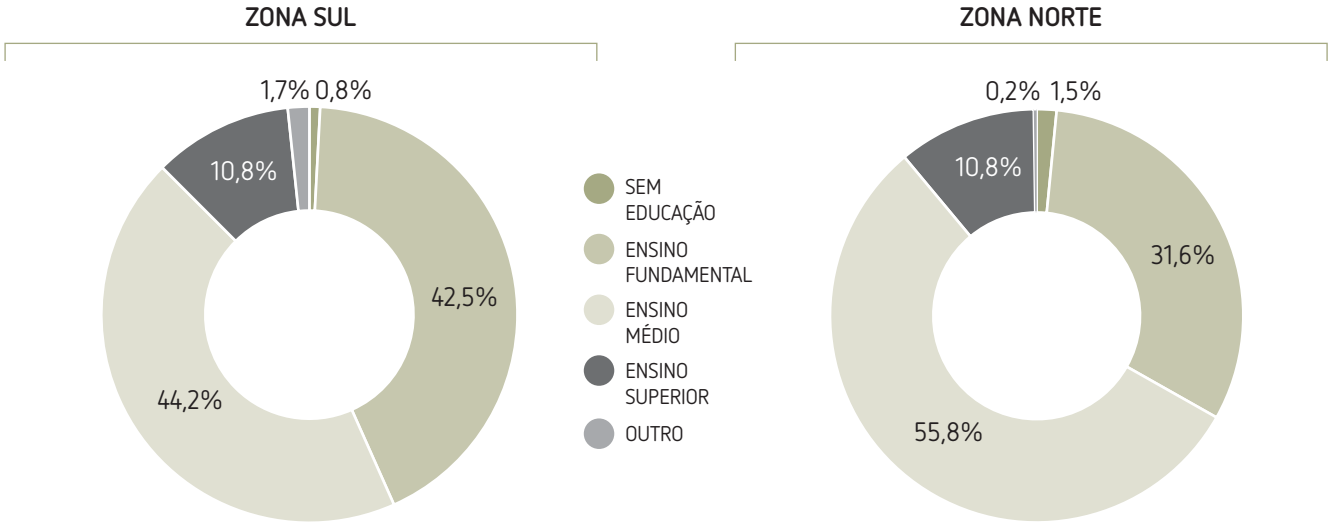


GRÁFICO 4 | **NÍVEL DE EDUCAÇÃO – HOMENS**



A SOCIALIZAÇÃO VIOLENTA DOS MENINOS E A EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA

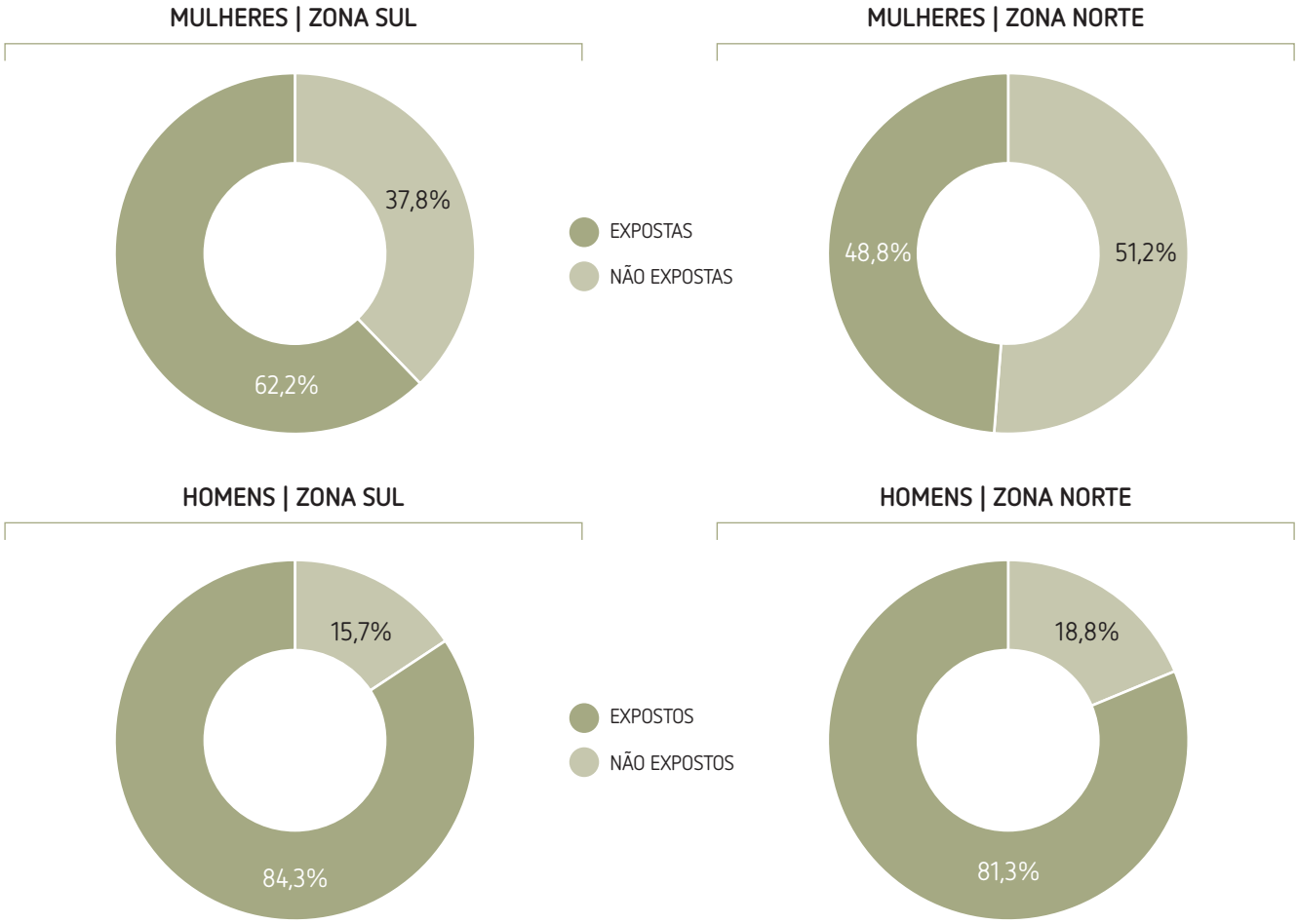
Entre os participantes na pesquisa qualitativa, a violência nas comunidades de baixa renda do Rio de Janeiro tinha feito parte, de forma significativa, da sua infância – quer enquanto testemunhas de tiroteios no bairro, tendo caminhado junto à *boca* (sede do tráfico de drogas e geralmente ponto de venda de drogas), presenciado a venda de droga e outras atividades dos integrantes das facções junto a sua casa (i.e. ter visto as motos potentes dos traficantes, mulheres e dinheiro, brigas entre outras crianças), quer enquanto testemunhas de violência no domicílio. As brigas entre crianças e no seio familiar foram descritas como parte normal do processo de crescimento. Ter presenciado violência urbana não era exclusivo dos homens que tinham integrado facções de tráfico de drogas: todos os grupos de homens abordados nas entrevistas qualitativas tinham testemunhado ou tinham-se envolvido em violência ou brigas de rua enquanto crianças.

EXPOSIÇÃO A VIOLÊNCIA URBANA ANTES DA IDADE DOS 18 ANOS

Vários pesquisadores abordaram o papel da formação de identidades em contextos de violência urbana (Astorga, 2002; Reicher, 2004), incluindo aquilo que Machado da Silva (2004) designou por "sociabilidade violenta" na criminalidade contemporânea no Rio de Janeiro. Em grande parte, essa análise tem lugar sem reconhecer as dimensões de gênero da socialização e as reconstruções violentas e não violentas das masculinidades.

Além disso, a maioria dos homens e mulheres entrevistadas no componente qualitativo de pesquisa viveram infâncias "militarizadas", ou seja, expostas diariamente a armas de fogo e armamento. Essas infâncias militarizadas tinham diversas implicações. Em primeiro lugar, quer nos tempos em que as comunidades eram controladas por traficantes de drogas e sujeitas a incursões policiais intermitentes, quer mais tarde, durante a instalação de UPP (com recurso a armamento pesado, de guerra, incluindo helicópteros e caveirões), as armas estavam amplamente presentes e os tiroteios entre as facções e a polícia eram comuns. Em segundo lugar, os meninos e meninas estavam expostos a hierarquias de poder e abordagens de segurança e formas de governo assentes no confronto. O poder podia mudar das mãos dos policiais para as mãos dos traficantes e vice-versa, **mas recaía de forma esmagadora nas mãos daqueles que tinham armas e estavam disponíveis para as usar.** A lógica de ambos os grupos desencorajava o questionamento da autoridade e nas interações entre policiais e traficantes o uso de subornos ou propinas era comum. Pesquisas em outros contextos internacionais sugerem que as crianças e adolescentes expostos a essas e outras formas de violência frequentemente passam a encarar a violência como um meio aceitável e adequado para a resolução de problemas (Krug et al, 2002; Fagan & Browne, 1994; Widom, 1989).

GRÁFICO 5 | **EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA URBANA ANTES DOS 18 ANOS**



Os dados quantitativos apoiam esses resultados qualitativos, afirmando que a exposição à violência urbana antes dos 18 anos era altamente comum entre indivíduos residentes nas favelas e em outras comunidades de baixa renda do Rio de Janeiro (gráfico 5).

Adicionalmente, ao longo da vida, 84,55% dos homens (n=572) e 55,5% das mulheres (n=579) da amostra total viveram ou testemunharam pelo menos duas das seguintes situações de violência: agressão grave, tratamento violento por parte das forças policiais, espancamentos, troca de tiros, tiros contra lar ou local de trabalho, ameaças de morte ou ferimento por arma de fogo. As diferenças de gênero podem ser explicadas pela espacialidade com base no gênero ("genderizada") (Kim, 2007), que tende a confinar mulheres e meninas a espaços domésticos e que, nesse caso particular, funciona como fator protetor das meninas.

Os dados apontam ainda para a existência de uma associação clara e estatisticamente significativa entre exposição à violência urbana durante a infância e a perpetração de diferentes tipos de violência durante a idade adulta. Associações estatisticamente significativas foram encontradas na amostra masculina do Norte (n=451) nos seguintes indicadores:

TABELA 4 | **A EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA URBANA ANTES DOS 18 ANOS ESTÁ LIGADA À PERPETRAÇÃO DE VIOLÊNCIA DURANTE A IDADE ADULTA**

HOMENS EXPOSTOS À VU ATÉ AOS 18 ANOS TINHAM MAIOR PROBABILIDADE DE TER...	VALOR-P*
USADO ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA	0.000
USADO VIOLÊNCIA URBANA FÍSICA E PÚBLICA	0.000
USADO VIOLÊNCIA URBANA ANTES DOS 18 ANOS	0.020
USADO VIOLÊNCIA SEXUAL	0.004
PERPETRADO VPI	0.000
PERPETRADO VIOLÊNCIA VERBAL/AMEAÇAS	0.000

*NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA ESTATÍSTICA P < 0,05.

Na amostra masculina do Norte (n=451) aqueles que tinham estado expostos a violência urbana antes dos 18 anos tinham maior probabilidade de ter usado algum tipo de violência (p=0.000), incluindo violência contra parceiros íntimos (VPI) (p=0.000).

Um padrão semelhante foi observado na amostra feminina do Sul do Rio de Janeiro (n=128), revelando associações estatisticamente significativas entre exposição à violência urbana antes dos 18 anos e a perpetração de algum tipo de violência ao longo da vida (p=0.000), o uso da violência urbana ao longo da vida (p=0.012) e o uso de violência urbana antes dos 18 anos (p=0.001). Na amostra do Norte, essas associações foram confirmadas e foi encontrada uma associação adicional entre exposição à violência urbana antes dos 18 anos e a perpetração de violência verbal e ameaças (nomeadamente insultos e ameaças de morte) (p=0.001). Além disso, as mulheres que experienciaram violência urbana antes dos 18 anos e residem em bairros do Norte do Rio de Janeiro tinham significativamente maiores probabilidades de terem sido vítimas de VPI. (Esta associação não foi encontrada no caso da vitimização por violência sexual).

BRIGAS NA INFÂNCIA

Todos os homens que participaram nas entrevistas qualitativas descreveram as brigas em que se envolveram enquanto crianças como algo comum, sendo que os ex-traficantes de drogas relataram maiores taxas de envolvimento em brigas. Os resultados sugerem que os meninos que são expostos a violência e, em particular, os que aderem ao tráfico começam a ver as armas de fogo como instrumentos para alcançar status, demonstrar poder e controle sobre outros homens e mulheres desde cedo. Todos os entrevistados recordavam a rua como um espaço

que reproduzia valores e comportamentos violentos através das brincadeiras infantis violentas. Por exemplo, os ex-traficantes A. e H. relatavam as brigas como algo comum entre pares durante a sua infância e adolescência. Enquanto que para A. essas brigas tinham lugar fora dos grupos criminosos, para H. os conflitos da infância e adolescência eram disputas entre facções criminosas.

> Hoje em dia muitos têm cicatrizes, cortes de faca de garotos muito mais maldosos de chegar [...] Isso também atingiu muito os jovens de hoje em dia a criar uma certa raiva do cara que ele nunca viu, mas é só porque lá do outro lado viu 'Ah, os alemão fez isso com fulano, ah os alemão mataram fulano irmão de ciclano' • H., 23 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

As brigas entre meninos não dizem respeito, exclusivamente, à vida dos ex-traficantes; os ativistas também as descreveram como parte integrante da sua infância e crescimento.

> Os garotos gostavam de brigar falando, conversando. Eu não tinha conversa – se me mandava pra puta que pariu, por exemplo, eu simplesmente ia pra cima de você e tinha tanto ódio que eu nunca perdia uma briga. Eu tinha muita raiva, eu não tinha medo de apanhar, eu tinha medo de matar alguém de pancada, isso é uma coisa muito característica [referindo-se a um menino crescendo numa favela] • ATIVISTA, 53 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

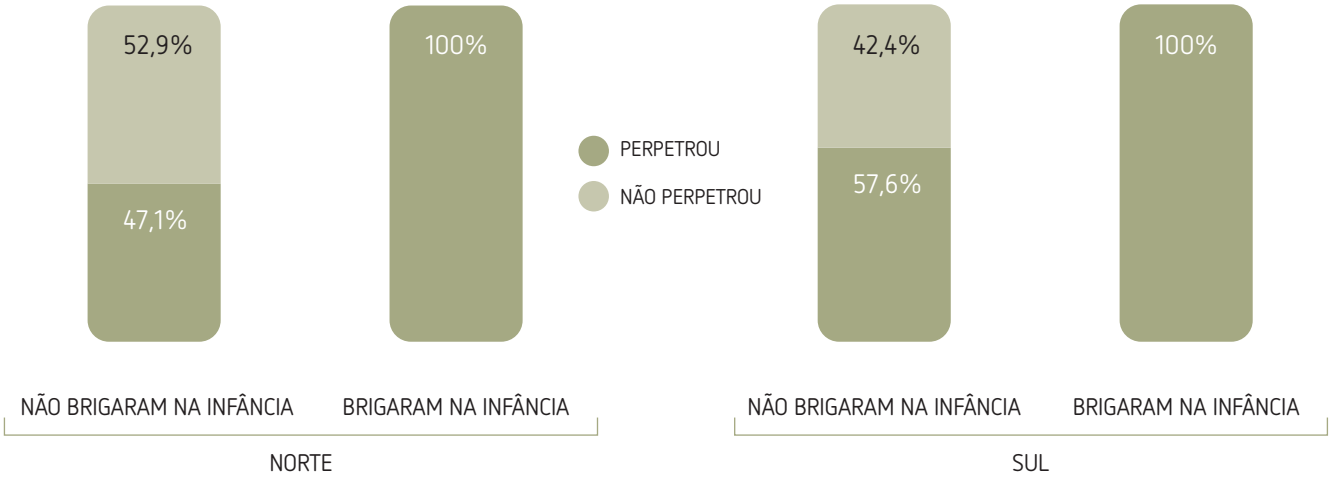
Subjacente às descrições dos homens dessas brigas na infância estava a ideia de fase precoce ou de progressão desses enfrentamentos – "práticas", como um dos ex-traficantes as classificou – que continuavam mais tarde durante a adolescência e idade adulta. Desde a infância que os homens partilhavam atitudes como "ninguém vai se meter no meu caminho" e "mexiam" com outros meninos, usando insultos castradores como "galinha".

Os meninos aprendiam a afirmar-se através da violência ou do seu potencial uso, impondo-se sobre outros e evitando ou questionando insultos. Era esperado que começassem a afirmar a sua *disponibilidade* para brigar desde cedo. Para além de brigar, os homens em todos os grupos de entrevistas discutiram símbolos masculinizados, relacionados com armas de fogo, carros e virilidade, que começaram a surgir durante a infância.

Os dados quantitativos sugerem que quase metade dos homens entrevistados relataram ter participado em brigas com outros meninos e sugerem que os homens (n=572) que tinham estado envolvidos em brigas durante a infância tinham muito maior probabilidade de usar algum tipo de violência pelo menos uma vez ao longo da vida (p=0.000). Isto aplica-se quer aos homens que vivem em áreas caracterizadas por elevada exposição à violência urbana (Norte), quer aos que residem em áreas menos expostas à violência urbana (Sul), como se pode observar no gráfico 6. Analisando o uso de violência entre homens adultos, o gráfico 6 compara quais desses homens participou ou não de brigas quando eram meninos.

Os resultados apoiam, assim, os achados qualitativos e demonstram como as trajetórias violentas dos homens são sistematicamente construídas em contextos de socialização infantil moldada por normas de gênero, relações de poder e exposição à violência.

GRÁFICO 6 | **PARTICIPAÇÃO EM BRIGAS DURANTE A INFÂNCIA E USO DE VIOLÊNCIA NA IDADE ADULTA**



VIOLÊNCIA DOMICILIAR DURANTE A INFÂNCIA

Além de testemunharem e vivenciarem violência nos seus bairros, todos os grupos de entrevistados (homens e mulheres) pela pesquisa qualitativa viveram ou testemunharam violência domiciliar ou intrafamiliar. Dados de estudos IMAGES realizados anteriormente demonstraram conexões entre as experiências de violência na infância e a adoção de comportamentos criminosos na vida adulta. Segundo dados de 2009 sobre o Brasil (Rio de Janeiro e Recife), 29% dos homens adultos que haviam sido vítimas de violência domiciliar (psicológica e física) haviam participado em brigas ou roubos em algum momento. Dos homens adultos que haviam testemunhado VPI contra as suas mães, 42% havia participado em brigas e roubos alguma vez (Contreras et al., 2012, p. 20).[19]

De forma semelhante, o estudo IMAGES-VU revela que na zona com a segunda mais elevada taxa de homicídios (Norte) (n=572) **os homens que haviam testemunhado a vitimização de suas mães às mãos de parceiros durante a infância, tinham maior probabilidade de usar VPI mais tarde** (p=0.039), uma associação encontrada em todos os outros países onde foram realizados estudos IMAGES (essa associação não foi encontrada na zona Sul). Foram encontradas fortes associações em relação à exposição à violência doméstica – como se pôde ver nas questões sobre a experiência de violência verbal e física perpetrada por pais ou outros familiares durante a infância – e a perpetração de diferentes formas de violência por parte dos homens.

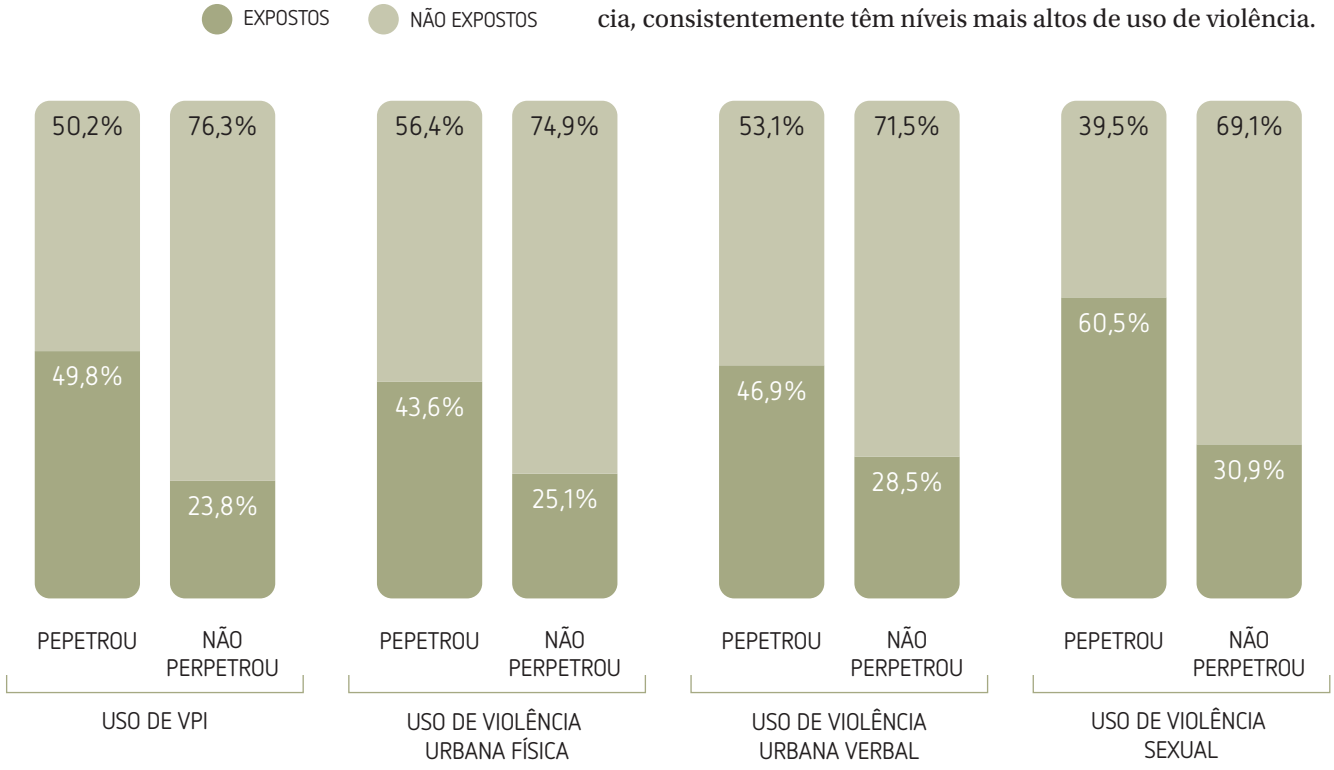
19. Esta associação foi também estatisticamente significativa em cada um dos seis países onde foi aplicado o questionário IMAGES.

TABELA 5 | EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DURANTE A INFÂNCIA E A PERPETRAÇÃO DE VIOLÊNCIA DURANTE A IDADE ADULTA

OS HOMENS RESIDENTES EM CONTEXTOS MARCADOS POR ÍNDICES ELEVADOS DE VIOLÊNCIA URBANA (N=451), E QUE TINHAM SIDO EXPOSTOS A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DURANTE A INFÂNCIA OU ADOLESCÊNCIA TINHAM MAIOR PROBABILIDADE DE TER...	P-VALOR (< 0.05)
USADO ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA URBANA FÍSICA	0.000
USADO VIOLÊNCIA SEXUAL	0.000
PERPETRADO VPI	0.000
PERPETRADO VIOLÊNCIA VERBAL/AMEAÇAS	0.000

Adicionalmente, na amostra masculina correspondente à zona com a segunda maior taxa de homicídios (Norte) (n=451), **a exposição à violência doméstica durante a infância estava associada de forma significativa ao uso de violência urbana física em algum momento** (p= 0.000), à perpetração de violência sexual (p=0.000), à perpetração de VPI (p=0.000) e ao uso de violência urbana verbal em algum momento (p=0.000) (tabela 5 / gráfico 7). Resumindo, o gráfico 7 mostra que os homens que tiveram alguma exposição à violência doméstica durante a infância, consistentemente têm níveis mais altos de uso de violência.

GRÁFICO 7 | EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DURANTE INFÂNCIA E O USO DE VIOLÊNCIA (NORTE)



Este mesmo padrão é aplicável à amostra feminina (n=451) correspondente à área com a segunda mais elevada taxa de homicídios (Norte). As mulheres que tinham estado expostas a violência doméstica eram significativamente mais propensas a usar a violência urbana física e verbal em alguma ocasião (p= 0.002 / p= 0.000).

Na generalidade, muitos dos homens entrevistados na pesquisa qualitativa estavam cientes de que a violência durante a infância influenciava as normas de uso de violência na resolução de conflitos ao longo da vida adulta. Enquanto os policiais e os traficantes comumente descreviam as transferências de violência ou estresse do espaço público para o privado, este entrevistado sublinhou o papel que a violência em casa registrada durante a infância teve uso na escola e, finalmente, na rua:

> Porque assim, quando você bate numa criança, mesmo com a intenção de corrigir o comportamento dela, ao mesmo tempo você ta reprimindo um comportamento que você considera indesejado. Mas ao mesmo tempo você ta dizendo pra ela: 'Olha, se alguém faz uma coisa que você não quer, é legítimo bater.' Então a criança aprende a colocar no repertório dela a possibilidade de bater quando ela é contrariada. Então ela chega na escola, o amigo não emprestou o lápis, ela vai bater na criança, vai bater no amigo. Então, do meu ponto de vista, esse aprendizado muitas vezes acontece dentro de casa • ATIVISTA, 51 ANOS, ZONA NORTE.

Como foi referido, homens em todos os grupos de entrevistados da pesquisa qualitativa tinham presenciado o uso de violência contra as suas mães por parte dos seus pais. No caso de um policial entrevistado, esta violência tratava-se de uma troca recíproca de provocações. A sua mãe respondia aos gritos do seu pai com uma arma de fogo e um "teste" à sua masculinidade, que o rapaz imita. Este exemplo também refletia as formas através das quais as mulheres também podem reforçar normas de gênero violentas. Além disso, ilustra a forma como os entrevistados apresentavam, por vezes, as situações como "brincadeiras", em vez de violência:

> Meu pai gritou com a minha mãe, minha mãe meteu a mão no revólver e apontou pra ele: 'grita comigo', e a gente ria. *[...]* Minha mãe tem 1, 50 m, meu pai tinha 1,90 m. 'Tu não é macho? Grita comigo. Tá pensando que tu é quem?' Só isso. A gente ria, no dia a gente ria, entendeu? Nunca vi nada de violento com eles não, nunca, nem discussão • POLICIAL (SOLDADO), 35 ANOS, PMERJ, CERRO-CORÁ.

Mães, pais e avós responsáveis pela educação dos homens que participaram nas entrevistas usaram a violência regularmente como forma de disciplinar as crianças. Os castigos corporais eram, em grande medida, tidos como formas de educação e não de violência. Essas formas de violência eram comuns entre os entrevistados (com diferentes níveis de intensidade), mas, especialmente, entre os ex-traficantes de drogas. Estes associavam frequentemente o uso da violência por parte das suas mães com as experiências de abandono por parte dos seus maridos, sendo que, a partir desse momento, cabia apenas às mães o cuidado das crianças.

CONSCIÊNCIA CRÍTICA SOBRE VIOLÊNCIA, POBREZA E DESIGUALDADE: "COMO O SISTEMA FUNCIONA"

Transversalmente, todos os participantes dos vários grupos de entrevistados do estudo qualitativo revelaram consciência crítica e capacidade de reflexão sobre a pobreza, desigualdade e violência – e o acesso limitado a alternativas não violentas. Por exemplo, enquanto que as crianças se preocupavam menos por "terem pouco", os ex-traficantes entrevistados (bem como as suas mães, quando entrevistadas) descreveram frustrações profundas durante a adolescência associadas à incapacidade de comprar roupas de marca, um marcador essencial de status social entre os jovens no Rio de Janeiro. Para muitos homens, a combinação de desejos de consumo frustrados e a necessidade de dinheiro levou-os, desde cedo, a entrar no mercado de trabalho formal ou a procurar outros meios de renda. Para alguns, essa necessidade de dinheiro deveu-se à paternidade precoce e não intencional.

> Eu fui pai muito cedo, tem esse lado também, né? Eu tive todas as características do jovem da favela: eu fui pai com 17, parei com os estudos com 15 anos, porque eu tinha que ajudar em casa. Eu com 15 anos de idade fui ser cobrador de ônibus na linha de Nova Iguaçu x Austin, lá em Nova Iguaçu. Depois fui ajudante de garçom, fui garçom, trabalhei tirando xerox *[...]*. Fui pai com 17 e fui pai de novo com 21, eu volto a estudar com 22, pra fazer ensino médio, então até 20 anos minha trajetória foi padrão da maioria dos jovens de periferia • ATIVISTA, 44 ANOS, COMPLEXO DO ALEMÃO.

Residentes em favelas entrevistados pela pesquisa também abordaram a consciência que têm sobre serem originários da periferia ou da favela, incluindo o estigma de ser "favelado". Os ex-traficantes entrevistados indicaram que esse rótulo influencia os jovens antes e depois de saírem do tráfico e pode ser um obstáculo na procura de trabalho.

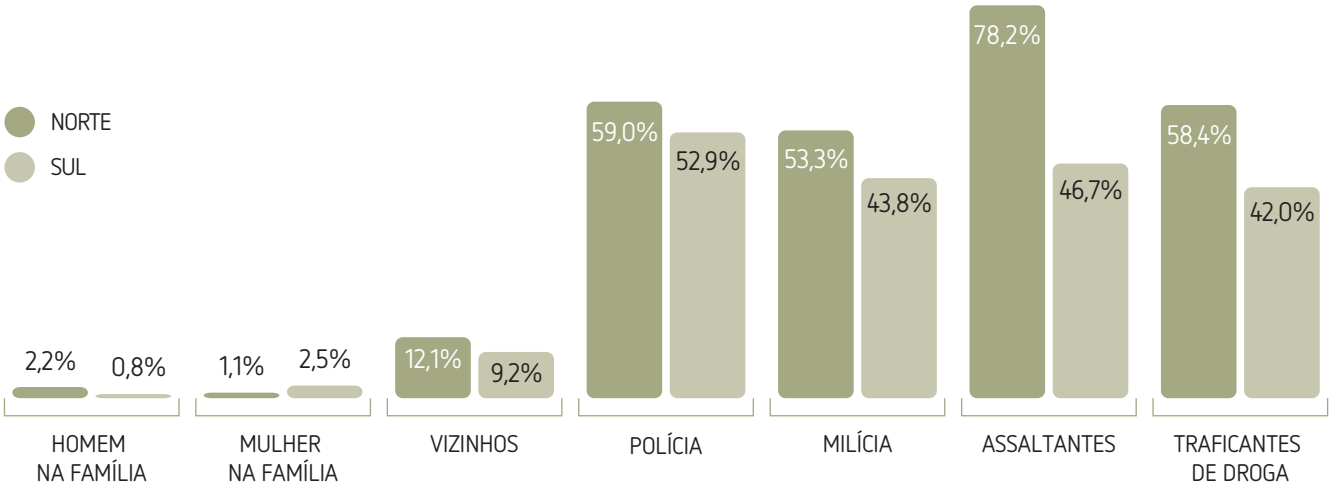
Durante a adolescência e até à idade adulta, os participantes nas entrevistas descreveram como se tornaram conscientes de "como o sistema funciona" e como esse sistema prejudica os pobres:

> Outra, você arruma um montão de inimigos: polícia, a mãe do seu amigo que você teve que matar. Aquela senhora hoje não é mais sua amiga. O dia que ela puder, até vai te matar, ou te entregar pra polícia, ou te desejar o mal, ela vai fazer. Tanto você quanto ela, quanto o filho dela que morreu pelas suas mãos, são vítimas. Mas o sistema bota isso aí, um contra o outro 'Pronto, se mata' pobre. • D., UM EX-TRAFICANTE DE 31 ANOS.

MEDO E PERPETRAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Os resultados do questionário sugerem que os indivíduos residentes nas favelas do Rio de Janeiro e em outras comunidades de baixa renda **têm quase tanto medo da polícia** como das milícias, bandidos/criminosos e traficantes de drogas, com 59% (Norte) e 52,9% (Sul) dos entrevistados que relataram medo da polícia (gráfico 8).

GRÁFICO 8 | **PROPORÇÃO DE ENTREVISTADOS QUE RELATARAM MEDO**



É importante notar que apesar do recorte racial da violência policial no Rio de Janeiro descrito anteriormente, não foi encontrada nenhuma associação estatisticamente significativa entre cor/raça e medo da polícia. E enquanto que o medo da polícia tinha um papel particular na configuração de trajetórias violentas, o medo de qualquer ator social gerava sentimentos de impotência, o que, segundo estudos, é tido como fomentador de comportamentos violentos, especialmente quando mediado por uma crise de identidade masculina. Essas associações foram confirmadas pelos dados IMAGES-VU, sugerindo que **os homens (n=451) residentes em contextos caracterizados por altos índices de violência urbana** (tendo por base as taxas de homicídios por área) **que tinham medo de algum tipo de ator social eram mais propensos a ter usado violência sexual em algum momento (p=0.001) e VPI (p=0.001)** (tabela 6).

TABELA 6 | **PORCENTAGEM DE HOMENS QUE RELATARAM TER USADO VPI E VIOLÊNCIA SEXUAL**

		PORCENTAGEM DE RELATOS DE USO DE	
		VPI	VIOLÊNCIA SEXUAL
NORTE	AUSÊNCIA DE MEDO DE ATOR SOCIAL	28,8	4,2
	MEDO DE ATOR SOCIAL	49,7	19,9
SUL	AUSÊNCIA DE MEDO DE ATOR SOCIAL	35	12,5
	MEDO DE ATOR SOCIAL	41	7,7
TOTAL	AUSÊNCIA DE MEDO DE ATOR SOCIAL	31	7,2
	MEDO DE ATOR SOCIAL	48,2	17,8
VALOR-P DAS DIFERENÇAS OBSERVADAS	NORTE	0.001	0.001
	SUL	0.525	0.404
	TOTAL	0.001	0.06

NORMAS DE GÊNERO

IMPACTO DA EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA NAS ATITUDES FACE À IGUALDADE

Olhando para as respostas à escala GEM, sumariadas no gráfico 9, é notória uma mistura de homens e mulheres com atitudes equitativas de gênero, a par de grandes porcentagens que revelam atitudes médias ou baixas. As atitudes de gênero das mulheres foram ligeiramente mais equitativas do que as dos homens. **Quer a amostra masculina, quer a feminina correspondente à área com maior exposição à violência urbana (Norte) demonstraram atitudes menos equitativas de gênero do que na área com menor exposição à violência (Sul)** (gráfico 10).

GRÁFICO 9 | **ESCALA GEM – HOMENS E MULHERES**

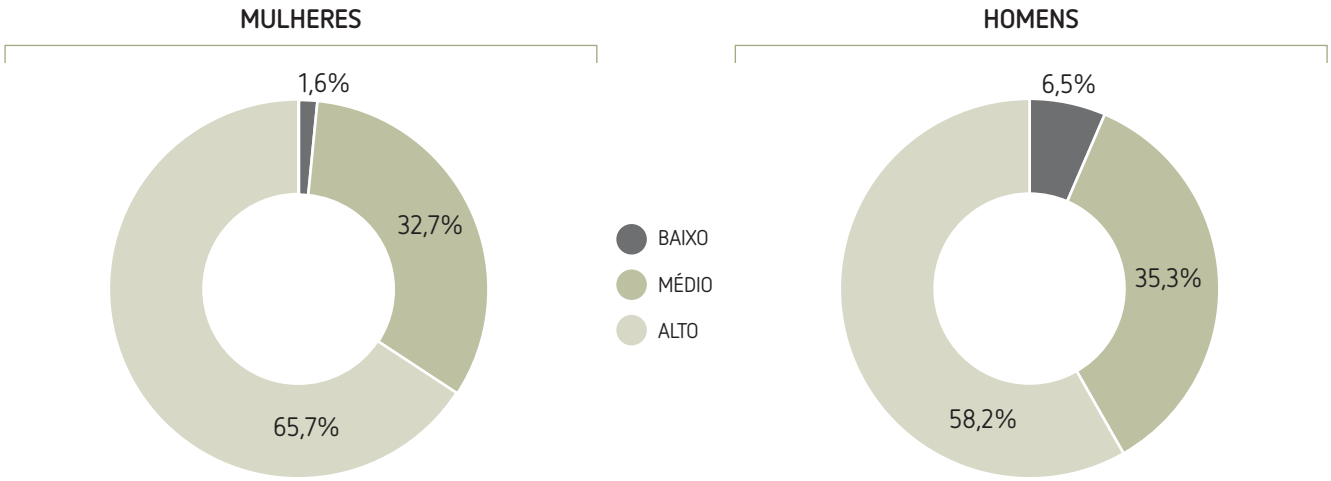
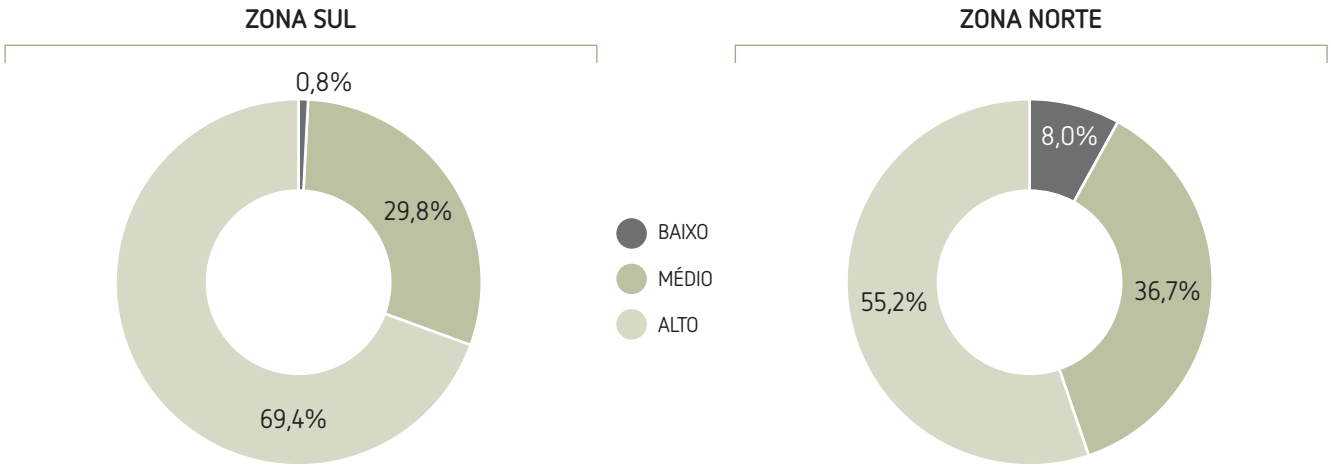


GRÁFICO 10 | **ESCALA GEM – HOMENS**



O questionário encontrou associações significativas entre classificações altamente equitativas segundo a Escala GEM e trajetórias masculinas não violentas. Os homens expostos a níveis elevados de violência urbana (AISP – Norte; n=451) e com normas de gênero **altamente *equitativas* eram significativamente *menos propensos* a usar, alguma vez:**

- Violência urbana física (p=0.000)
- Violência sexual (p=0.000)
- VPI (p=0.000)
- Ameaças/insultos (p=0.000)

Na amostra feminina (AISP 9 – Norte; n=451), foi encontrada uma associação significativa entre normas de gênero e vitimização por VPI, sugerindo que as mulheres com normas de gênero altamente equitativas eram menos propensas a serem vítimas de VPI (p=0.014). Este resultado sugere que a consciência crítica sobre gênero pode, de alguma forma, proteger as mulheres face à VPI.

ESTRESSE RELACIONADO COM O TRABALHO E VIOLÊNCIA

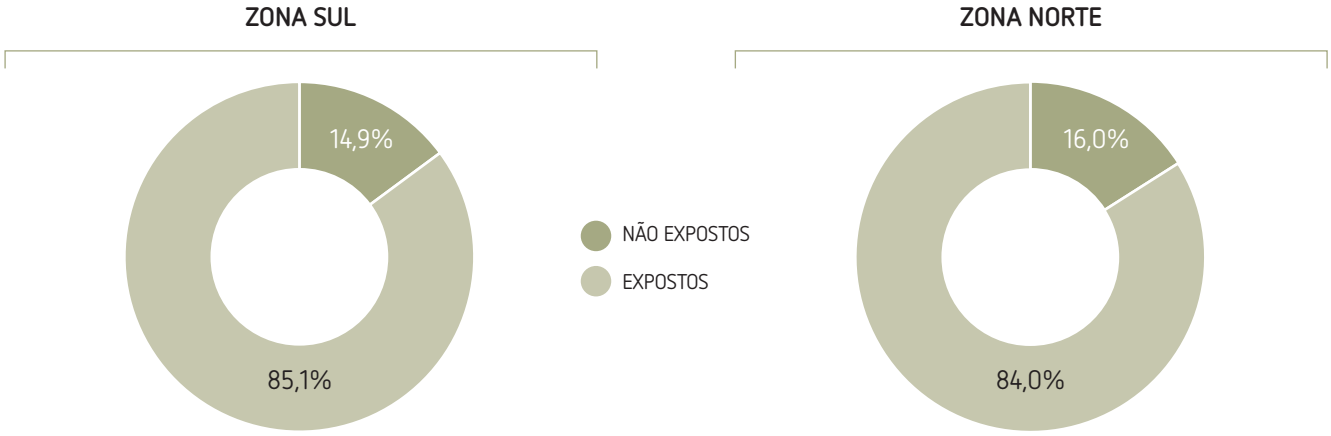
Como foi mencionado anteriormente, o estresse econômico ou a falta de trabalho e renda eram altamente prevalentes nestes contextos e estavam associados com a entrada no tráfico de drogas, bem como com o uso da violência em geral. Diversos estudos confirmaram que o (auto)sentido de identidade e valor dos homens – assim como o status social e reconhecimento – está fortemente ligado ao emprego e renda, uma questão exacerbada em contextos de baixa renda. Esta questão foi encontrada nos resultados qualitativos, como veremos adiante, e também nos quantitativos. **Em um dos contextos – o Sul – existia uma associação estatisticamente significativa entre estresse econômico e laboral e perpetração de violência entre os homens (Sul; AISP 23-Seleção, n=121), sugerindo que os homens que vivenciarem algum tipo de estresse laboral têm maior probabilidade de usarem algum tipo de violência nas suas vidas (p=0.047).**

MASCULINIDADES E VIOLÊNCIA

HOMENS QUE VIVENCIAM E REPRODUZEM VIOLÊNCIA: ESFERA PÚBLICA E PRIVADA

A exposição à violência púbica durante a infância e vida adulta era ubíqua, tendo 85,1% (Sul) e 84,0% dos homens (Norte) relatado ter sido expostos a alguma forma de violência urbana (gráfico 11). Isso significa que os homens tinham vivenciado pelo menos duas das seguintes situações: testemunhou uma agressão grave, foi vítima de agressão grave, testemunhou alguém a ser violentamente abordado por policiais, foi vítima de uma abordagem violenta por parte da polícia, testemunhou alguém a ser agredido, foi agredido, testemunhou ou ouviu uma troca de tiros, teve a casa ou o local de trabalho atingido por balas, testemunhou ou ouviu alguém a receber ameaças de morte, recebeu ameaças de morte, testemunhou alguém a ser atingido por um disparo de arma de fogo, ou foi atingido por um disparo de arma de fogo.

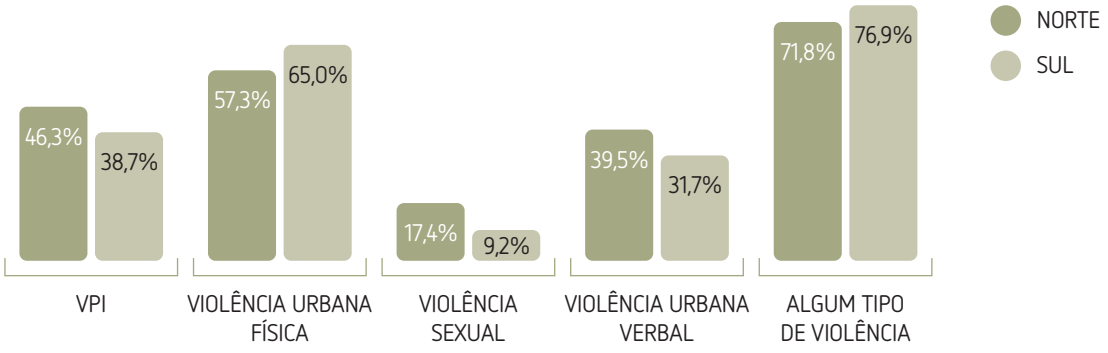
GRÁFICO 11 | **EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA URBANA – HOMENS**



Entre os homens que participaram nas entrevistas qualitativas, os ex-traficantes de droga relataram o que parece ser o mais elevado nível de experiência de violência. Três ex-traficantes sofreram tortura pelas mãos da polícia. B. e E. foram também alvejados pela polícia numa troca de tiros. Em geral, os ex-traficantes falaram sobre o medo de ser alvejados ou mortos pelos rivais, ou de ser presos. Esta violência levou à perda de sono, medo e trauma. Falaram ainda que tinham presenciado a morte de outros homens e a perda de amigos. Alguns dos homens que tinham passado vários anos no tráfico de drogas afirmaram que o número de amigos que perderam foi uma das motivações para deixarem o tráfico, como é descrito na seção final. Também relataram o medo constante de andar em certas áreas, de ser reconhecidos pela polícia e por facções rivais, e de ser hiper-vigilantes sempre que a polícia entrava na favela ou na sua área de domínio.

O gráfico 12 evidencia as altas taxas de perpetração de formas múltiplas de violência nas duas comunidades. 46,3% dos homens a viver no Norte (n=451) e 38,7% dos homens a residir no Sul relataram ter perpetrado VPI, 65% dos homens a residir no Sul (n=121) e 57,3% dos homens a viver no Norte (n=451) declararam ter usado violência urbana física pelo menos uma vez na vida. **A área caracterizada por maior exposição à violência urbana (Norte) mostra níveis mais elevados de violência em todas as categorias, à exceção de duas: perpetração de violência urbana física e perpetração de algum tipo de violência. Este achado sugere uma grande associação entre violência comunitária em geral (neste estudo definida pela taxa de homicídios por área) e outras formas de violência pública em geral.**

GRÁFICO 12 | **PROPORÇÃO DE ENTREVISTADOS QUE RELATARAM PERPETRAÇÃO DE VIOLÊNCIA**



POSSE DE ARMAS DE FOGO, ATITUDES FACE ÀS ARMAS E EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA

Em 2005, estimava-se que existiam 15,2 milhões de armas de fogo em mãos privadas no Brasil (Mapa da Violência, 2015). Neste estudo, os entrevistados declararam que as armas de fogo serviam para afirmar uma disposição face à violência e uma forma de masculinidade em que os homens são capazes de mostrar o seu poder sobre outros. "Ninguém vai entrar no meu caminho, senão a bala vai comer" – foi uma das frases comumente usadas pelos ex-traficantes como aviso aos potenciais inimigos da sua disponibilidade para recorrer à violência.

Ex-traficantes descreveram o porte de armas de fogo como uma questão de aparência e espetáculo, incluindo o propósito de atrair mulheres. Tal era especialmente verdade no caso de armas de grande calibre, como rifles. As armas apareciam associadas ao baile funk, o principal local onde os traficantes exibiam a sua "estética" relacionada ao crime. Alguns dos entrevistados, antes mesmo de aderirem ao tráfico de drogas, quando eram assaltantes ou apenas portavam e guardavam as armas pequenas do tráfico, portavam rifles para o baile pelo simples prazer de o fazer, usando-as como enfeite. Em alguns relatos, a relação com as armas remetia para um sentimento nostálgico relativo ao envolvimento no crime. I., por exemplo, deu a seguinte explicação para o seu envolvimento: "Foi essa mesmo: 'Ah, portar arma, fazer presença no bale, tirar onda'", "a onda no baile assim de peça". Ele sublinhou o tamanho da arma em comparação com o seu corpo magro:

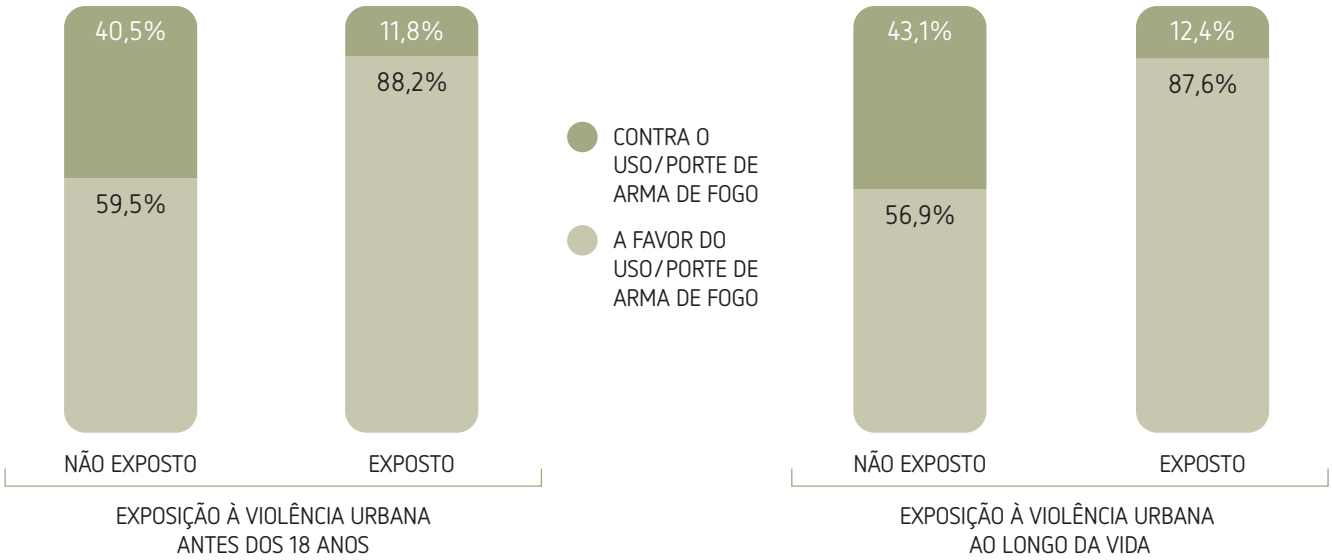
As mina tudo gostava, o meu porte, que eu trocava tiro com polícia, era oitão, pistola mas no baile eu ficava de fuzil, só arma grande e as meninas: 'Caraca, a arma, quase do tamanho dele', as mina gostava. Ai eu botava a arma para cima, dava tiro pro alto, e as mina já vinha, várias mina assim...
• I., 18, MESQUITA.

OS RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO SUGEREM QUE ENQUANTO UMA PROPORÇÃO RELATIVAMENTE PEQUENA DE INDIVÍDUOS POSSUEM OU USAM ARMAS DE FOGO, UM GRANDE NÚMERO DE PESSOAS TÊM ATITUDES FAVORÁVEIS FACE ÀS MESMAS • Tal está refletido nos 93,4% (Sul) e 95,7% (Norte) dos homens que se manifestaram favoravelmente face à posse e ao uso de armas. As mulheres apresentaram atitudes menos favoráveis face à posse e ao uso de armas de fogo, tendo 73,4% na área de menor exposição à violência urbana (Sul) e 70,9% na área de maior exposição à violência urbana (Norte) expressado apoio à posse de armas de fogo.

5,15% DAS MULHERES E 12,1% DOS HOMENS POSSUÍAM OU JÁ TINHAM USADO ARMAS DE FOGO • No caso dos homens, a diferença entre as duas regiões é assinalável, tendo 10,4% dos homens residentes no Norte e apenas 1,7% dos homens residentes no Sul relatado a posse ou uso de arma de fogo.

RELATIVAMENTE ÀS ATITUDES FACE A ARMAS DE FOGO E PERPETRAÇÃO DE VIOLÊNCIA, OS RESULTADOS SUGEREM QUE OS HOMENS A FAVOR DO USO/POSSE DE ARMAS DE FOGO SÃO MAIS PROPENSOS A USAR ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA NAS SUAS VIDAS • Essa associação foi encontrada em ambas as áreas (estatisticamente significativa a p=0.026). Os resultados do questionário sugerem ainda que os homens a favor do uso/posse de armas de fogo têm maior probabilidade de terem sido expostos à violência urbana em algum momento da sua vida ou até à idade de 18 anos (gráfico 13).

GRÁFICO 13 | **EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA URBANA E OPINIÃO SOBRE O USO/PORTE DE ARMA DE FOGO (NORTE)**



VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS E VIOLÊNCIA SEXUAL

Esta seção começa com os dados quantitativos sobre as associações entre exposição à violência urbana e infantil e VPI, seguida das informações da pesquisa qualitativa. Altas taxas de homens relataram ter usado algum tipo de violência contra as mulheres: 46,3% (Norte) e 38,7% (Sul) dos homens entrevistados relataram ter usado VPI. Os relatos de mulheres que tinham sido vítimas de VPI eram semelhantes aos relatados pelos homens na zona Norte (43,5%) e mais elevados na zona Sul, onde 51,6% das mulheres afirmaram ter sido vítimas de VPI. **Na área caracterizada por uma maior prevalência de violência urbana (Norte), os homens que testemunharam VPI durante a infância tinham maiores probabilidades de usar VPI na vida adulta (p=0.039).** (Esta associação não estava presente de forma significativa na amostra correspondente ao Sul.)

17,4% dos homens entrevistados no Norte e 9,2% dos homens entrevistados no Sul relataram ter perpetrado violência sexual contra uma mulher que não a sua parceira (gráfico 14). **À semelhança do caso da VPI, vemos que a violência sexual era mais prevalente na área com maior taxa de homicídio.**

As mulheres relataram ter sido vítimas de violência sexual em menor número do que os homens afirmaram ter usado violência sexual: na amostra do Norte (n=451) 6% e no Sul (n=128) 5,5% das mulheres declararam ter experienciado violência sexual. Essa divergência pode estar relacionada com as limitações discutidas na seção de metodologia.

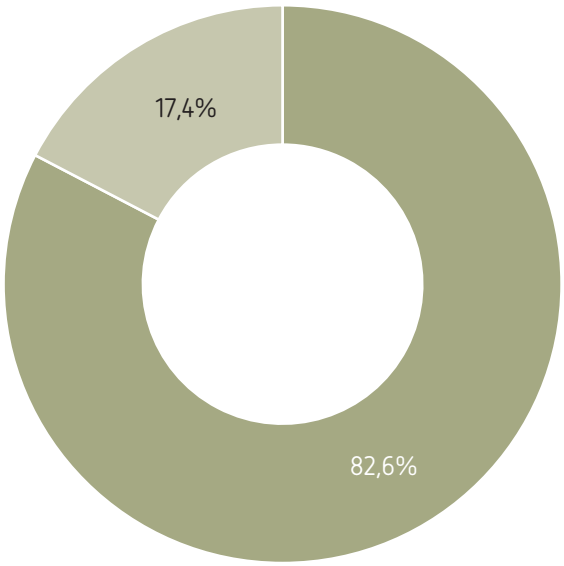


GRÁFICO 14 | **PERPETRAÇÃO DE VIOLÊNCIA SEXUAL – HOMENS – ZONA NORTE**

- NÃO PERPETROU
- PERPETROU ATÉ CERTO PONTO

TRÁFICO DE DROGAS, VIOLÊNCIA URBANA, VIOLÊNCIA E CONTROLE DOS HOMENS CONTRA PARCEIRAS ÍNTIMAS

Segundo a maioria dos ativistas entrevistados no estudo qualitativo, as favelas registraram um aumento de violência privada e pública devido à ocupação das UPPs, incluindo um aumento da violência nas relações íntimas. Alguns ativistas explicaram que os traficantes de drogas desempenhavam tradicionalmente um papel de mediação dos conflitos entre indivíduos – e, em particular, entre homens e entre homens e mulheres – incluindo em situações de violência de homens contra parceiras íntimas. Em algumas favelas com UPP, existia um vácuo em termos de espaços e atores de mediação de conflitos e, como tal, tinha aumentado o número de conflitos domésticos e de brigas em eventos públicos. Os ativistas sublinharam ainda as "regras" estabelecidas pelos traficantes em situações de VPI:

> Se a mulher traísse o marido, o tráfico autorizava o marido a bater na mulher mas isso se ele fosse falar com o tráfico antes. Se ele batesse antes, os dois entravam na porrada pelo tráfico: uma porque traiu e o outro porque bateu na mulher sem falar com o tráfico, não pediu permissão pra isso. Porque eles não querem ter surpresa *[...]* é mais problema para o tráfico administrar. Então são várias questões que na reconfiguração do tráfico [com relação à instalação da UPP] – fez com que ele [o traficante] se retirasse da quase totalidade da mediação das relações sociais internas • ATIVISTA, 44 ANOS, COMPLEXO DO ALEMÃO.

Ex-traficantes sublinharam a influência do estilo de vida do crime, no qual o uso da violência nas relações íntimas é tão normal que não é questionado:

> O cara sabe que 'Tô no poder, tô no auge. Vai vacilar? Vai entrar na porrada'. Tem cara que mete a porrada na mulher, não precisa ser só vagabundo não. Quantos casos você vê aí, que a mulher tá dentro de casa entrando no cacete, sendo moída aí. Mas no meio do crime acontece com mais frequência, isso daí *[...]*. Já é natural da ignorância do homem, já é natural, do instinto ruim do ser humano *[...]*. Tanto no crime quanto no ambiente familiar, domiciliar, o cara [homem] já tem tendência àquilo ali • C., 33 ANOS, CERRO-CORÁ.

Os resultados qualitativos sugerem que a normalização da VPI psicológica, especialmente comportamentos controladores e ciúmes, pode aumentar a exposição dos parceiros à violência. Para uma mulher de 36 anos, casada com um líder do tráfico durante 18 anos, o controle exercido pelo parceiro sobre ela continuou inclusive durante o tempo que ele passou na prisão. Ela explicou que tinha visto várias parceiras de traficantes visitarem, de forma voluntária, os parceiros presos e testemunhado cenas de violência dos mesmos contra as parceiras na cela de visita íntima ("ratão"). Nessa mesma cela, ela engravidou do parceiro, apesar de não querer ter filhos.

Independentemente de as esposas/namoradas dos traficantes estarem ou não envolvidas de forma ativa nas tarefas do tráfico, é esperado que "fiquem do lado do seu homem." Em várias entrevistas, os homens demonstraram o desejo de que as suas mulheres se mantivessem leais durante todo o relacionamento, mesmo quando dormiam com outras mulheres. Esse desejo e expectativa de lealdade é exercido através de controle e de ameaças:

> Ele sempre disse que se queria ficar do lado dele, tinha que acompanhar ele por onde for • MULHER, 25 ANOS, CASADA COM UM HOMEM ANTERIORMENTE ENVOLVIDO NO TRÁFICO DE DROGAS NO COMPLEXO DO ALEMÃO.

> Ela também me influenciou muito a sair dessa vida [do tráfico]. Ela nunca gostou, mas eu falei 'Ah, não vou sair dessa vida, aí ela: 'Então vou terminar contigo'. 'Tu não vai fazer isso comigo, ta maluca?'. A vida do crime, eu era bandido... 'Vai terminar comigo, se eu te pegar com alguém, vou te pegar, vou cortar teu cabelo, vou te deixar careca'. Ai falava assim, ela nunca terminava • I., 18 ANOS, MESQUITA.

Para os ex-traficantes, o uso da violência contra mulheres justificava-se quando a mulher se queixava, desobedecia ou quando os homens tinham ciúmes. Atos "diários" de violência mostravam que o homem dominava; esses atos não eram contabilizados como violência, mas antes como formas de "reforçar" ou "dar satisfação" no relacionamento.

Questões de ciúmes – entre mulheres e homens – eram, na grande maioria das vezes, os principais desencadeadores do uso de VPI por parte dos homens:

> Tem uma coisa na mente do bandido que a mulher dele, a que ele acha que é a mulher dele mesmo, tem que tá sempre dentro de casa, tem que sair só com ele ou, se sair, tem que ser com um parente meu ou com um parente dela. E havia situações de garotas novas que eu falava 'Passa a me respeitar...'. Parece preconceito, mas umas garotas novas, de sair aí de repente tá passando com o bonde, e ela tá no baile 'Calma aí'. E pegar pelo cabelo mesmo e levar pra casa socando • H., 23 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

Os ciúmes das mulheres eram, contudo, muitas vezes respondidos com retaliação:

> Já teve lance assim de uma garota, de eu tá na rua e eu tá passando assim, e [a parceira fixa] achar que eu tava mexendo, porque sabia que mulher dava mole. Aí eu falei que não, aí ela falou vai tomar naquele lugar. Aí eu chamei ela pra dentro da casa, eu arrebentei ela. A gente é o homem da casa; a partir do momento que tu deixar tua mulher falar mais alto contigo ela vai querer mandar em tu. Então você tem que ser mesmo o que você é, você não pode abaixar a cabeça • E., 29 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

Este excerto reflete a ideia recorrente do encorajamento dos homens a não "cederem" perante a violência e a usarem a violência para o exercício de poder e "cumprimento" do estereótipo de gênero do homem chefe de família.

Depois de abandonar o tráfico, esse homem usava frequentemente o regresso ao crime como ameaça sempre que o casal discutia, o que constituía uma importante causa de tensão. Continuava a usar violência verbal e física contra a parceira (por exemplo, à data da entrevista, ele havia atirado algo na direção da mulher, tendo ferido o seu rosto). Ela se culpava pela violência: *ela* o tinha irritado, *ela* não se tinha desviado quando ele lhe atirou o objeto. Os seus pais desempenhavam um papel muito importante no relacionamento, acalmando-o: promoviam a não violência no relacionamento entre os dois e ajudavam-no a manter-se fora do tráfico.

Por fim, é importante notar que apesar da Lei Maria da Penha (a lei brasileira aprovada em 2006, que aumentou a responsabilização criminal dos homens autores de violência nas relações íntmas) promover ações francamente punitivas da violência física, os agentes políticos responsáveis do campo da segurança pública no Rio de Janeiro ainda não incluíram outras formas de escalada de violência (verbal, psicológica, entre outras) como prioritárias no contexto da violência urbana. Essa indiferença deve-se, em grande medida, à naturalização da violência entre parceiros íntimos enquanto questão privada a ser mantida na esfera doméstica.

RELACIONAMENTOS ENTRE HOMENS E MULHERES EM CONTEXTOS MARCADOS POR ALTOS ÍNDICES DE VIOLÊNCIA URBANA E TRÁFICO

ENTREVISTAS REVELAM INTERAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS E E VIOLÊNCIA URBANA

Os resultados qualitativos sublinham a interação entre a violência "pública"/de rua e "privada"/domiciliar ou violência nas relações íntimas ou violência familiar. Para os ex-traficantes em particular, as mulheres eram símbolos de status:

> Tu pode ser o mais feio que for, tu tá de fuzil a mulher te acha bonito: '– É gostoso' *[...]*. Eu pegava mesmo, dava mole, eu pegava, fazia filho, depois pegava dinheiro comigo na boca *[...]*. Dinheiro ia embora igual água 'Quer comer o quê? Quer beber o quê? Quer cheirar? Quer fumar? Quer fazer o quê? Toma aí' *[...]* Aí, não é nem questão de você querer... Andava cheiroso, fazia minhas unhas... Porra, aí mulher, se ela vê que tu é uma cara pintoso, mulher dá mole mesmo, ainda mais pela vida que tu tá vivendo, bandido. E eu sempre no poder, bonito pra caramba, sempre fui vaidoso pra caramba, todo dia botava uma roupa diferente, boné diferente, mulher ficava... Aí foi se espalhando: 'Fulano agora continua bonitinho e tal.' Uma foi passando pra outra e acabei ficando conhecido sem eu querer • E., 29 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

Os entrevistados estabeleceram uma distinção clara entre dois tipos de mulheres, parceiras íntimas, na vida dos traficantes: a "mulher principal", "de fé" (esposa ou namorada que geralmente é a mãe dos seus filhos) e muitas "outras mulheres", com as quais têm sexo depois de entrarem no tráfico. Frequentemente as esposas e namoradas dos traficantes já estavam num relacionamento com eles antes de eles aderirem ao tráfico, tendo presenciado as suas lutas e as das suas famílias para lidar com a pobreza.

Um dos achados qualitativos tem a ver com o fato de alguns dos homens jovens envolvidos no tráfico defenderem que existem momentos específicos em que uma mulher deve sofrer violência. Ex-traficantes relataram ter usado mais comumente violência física contra as mulheres com quem tinham sexo ou que conheciam nos bailes do que contra as suas esposas. Um jovem anteriormente ativo no tráfico de drogas nos subúrbios do Rio de Janeiro, por exemplo, desprezava a hipótese de bater na namorada, mas via o uso da violência contra outras mulheres como justificável: "'Coé menor, vai bater na tua mina, tua fiel? Bate nas piranha que tu pega na rua!', falava pra eles."

Uma mulher de 41 anos, casada com um ex-traficante, sublinhou as diversas vulnerabilidades a que a "mulher principal" pode estar sujeita (corroboradas por outros relatos de mulheres): ser ameaçada pela polícia sempre que há buscas na

casa; ser ameaçada com a hipótese de morte do marido; ser "prisioneira" dentro da sua própria casa (por medo ou por ciúme dos marido); e sofrer violência doméstica.

Esse relato atribuiu à mobilidade reduzida das mulheres a vontade dos traficantes de evitar que elas encontrem outros homens, por motivos de ciúme ou vingança, uma vez que sabiam que os maridos têm sexo com muitas outras mulheres. As mulheres também "aguentaram" ou permitiram o uso de violência contra si em apenas um caso relatado: a mulher se queixou da violência do namorado durante o tempo em que esteve envolvido no tráfico.

As entrevistas sugeriram que é esperado que as mulheres tolerem o envolvimento dos homens e tudo o que vem em consequência, incluindo a maior probabilidade de sofrer violência física pelas mãos dos maridos. Quando sofriam violência física, as mulheres e namoradas dos traficantes nem sempre escondiam as marcas, uma vez que é algo normalizado. Outras relataram que ficaram em casa, para esconder as marcas da violência, evitando, assim, a atenção da polícia.

MULHERES PUNIDAS POR HUMILHAREM OS HOMENS DIANTE DE OUTROS HOMENS

Um questão chave e comum no caso da polícia e dos traficantes é a punição constante e justificada das mulheres sempre que demonstram falta de respeito, desobediência (às vezes descrita como "vacilando", "dando mole" ou desrespeito aos homens diante de outros homens). Essa violência serve para restabelecer a ordem do poder perante outros homens. Um dos exemplos desse tipo de situação começava com uma queixa de que havia uma mulher fazendo "drama" ou "arrumando confusão", especialmente em público. Quando as mulheres "ultrapassavam os limites", tal requer que os homens afirmem a sua posição de maior poder sobre as mulheres. Essa tomada de posição era frequentemente feita através de ameaças, punições (raspando a cabeça da mulher, por exemplo) ou reações violentas. Quando questionado sobre o que fazia para pôr a mulher "em linha", um entrevistado explicou: "botava ela pra casa na porrada."

A pressão que os homens exercem sobre outros homens no sentido de usarem a violência é central para a reprodução da violência nas relações íntmas. Um antigo traficante relatou que a sua estratégia "não violenta" de levar a sua mulher para casa sempre que discutiam em público provocou questionamentos da parte dos seus pares:

> Minha mulher só vivia brigando. [Eu] não podia falar com uma mulher *[...]*. Em bailes, as vezes, eu botava ela pra casa na porrada *[...]* Tipo, num baile, tá geral. As meninas dançando, eu de fuzil, de bolsa, blecadinho, bonitinho, as mulheres vão dar mole. Ela via e ficava bolada e queria arrumar tumulto no baile, aí eu botava pra casa pra não ter 'caô' *[...]*. Os outros falavam 'E aí fulano, qual foi? Tá panguando? Bota essa mina logo pra se adiantar'
> • G., 26 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

O filho e a filha de um policial ouviram o pai descrever o uso da violência física contra a sua mulher, mãe de ambos, numa situação (a única de que têm conhecimento) em moldes semelhantes. Num dos picos de estresse da sua carreira policial, quando era capitão, o policial disse à mulher para não o voltar a questionar em frente dos seus subordinados. Em ambos os casos, o recurso à violência física aconteceu quando o respeito e poder dos homens relativamente aos seus subordinados foi ameaçado. A violência foi, então, usada para restituir o poder temporariamente perdido. Não o fazer ou resistir a fazê-lo tornava-o "menos homem" diante dos outros e, portanto, vulnerável.

Por outro lado, enquanto as mulheres eram punidas por humilhar os homens, tanto as mulheres dos policiais, quanto as de ex-traficantes descreviam as formas de violência psicológica usada pelos parceiros para as diminuir. Para uma mulher casada com um líder bem posicionado do tráfico de drogas, a saída do tráfico estava também associada às dificuldades de ter uma renda menor, o que era insultuoso para o marido e que se traduzia no comportamento abusivo contínuo por parte dele, que a humilhava. Uma psicóloga da PMERJ, também casada com um policial, relatou a falta de apoio constante por parte do marido. Ela descreveu o momento em que entrou num programa doutoral e contou ao marido, sem que ele reagisse. A mesma psicóloga atribuiu esse tipo de comportamento e falta de apoio à desmoralização vivida pelos policiais na generalidade e à inveja do marido relativamente à sua posição superior.

PAPÉIS DAS MULHERES NO TRÁFICO: USANDO OU APOIANDO A VIOLÊNCIA

A maioria das mulheres em relacionamentos com traficantes que entrevistamos acabaram por envolver-se com o tráfico, mas os seus papeis variavam de intensidade. A pesquisa identificou três perfis específicos de mulheres envolvidas no tráfico:

1. MULHERES CASADAS COM TRAFICANTES – "MULHERES DA FÉ" • que assumiam papéis de apoio aos maridos, que ocupavam posições destacadas no tráfico, alertando-os, armazenando armas, entregando mensagens ou sendo contadoras;

2. MULHERES QUE ADERIRAM AO TRÁFICO INFLUENCIADAS POR NAMORADOS, MAS QUE ASCENDERAM A CARGOS SUPERIORES POR INICIATIVA PRÓPRIA • Duas das mulheres entrevistadas eram líderes bem posicionadas que também tiveram namorados traficantes ao longo das suas vidas; e

3. MULHERES QUE SE ENVOLVERAM NO TRÁFICO SEM A INFLUÊNCIA (OU SEM A INFLUÊNCIA EXPLÍCITA) DE NAMORADOS • mas que ocupavam posições inferiores nas facções de tráfico de drogas. As mulheres entrevistadas para esta pesquisa tinham sido recrutadas como mulas, para transportar armas e drogas.

À semelhança dos homens, nenhuma das mulheres desejava aparentemente envolver-se no tráfico de drogas. As duas exceções importantes eram as duas mulheres que se tornaram líderes: desde cedo que elas ambicionavam entrar no crime.

A maioria das mulheres começaram os relacionamentos com os parceiros depois deles já estarem envolvidos no tráfico, com a exceção de uma esposa, do Complexo do Alemão. O seu marido esteve numa facção durante dez anos, tendo aderido depois do nascimento do primeiro filho. A mulher atribuiu a entrada do marido no tráfico à opção pelo caminho mais fácil. Também citou os conflitos entre os pais do marido – e o fato de ele ter tido de lidar com muitas coisas sozinho, desde criança.

Uma das mulheres entrevistadas pela pesquisa qualitativa era casada com um traficante que, entretanto, foi morto. Ela nunca tinha demonstrado interesse no tráfico enquanto ele estava envolvido. Na verdade, ele tinha feito tudo para mantê-la longe do tráfico e ela considerava que o marido não era "feito para aquilo", dando como exemplo o fato de ele vomitar sempre que via alguém morto. Depois da sua morte, porém, a mulher envolveu-se na criminalidade através da influência de um amigo e com o objetivo de poupar dinheiro para o filho. Entrevistas realizadas com mulheres em estudos anteriores revelam que o envolvimento depois da morte dos maridos não é incomum (Moura, 2007).

No mínimo, era esperado que as mulheres alertassem os traficantes da vinda da polícia ou de outros inimigos. Como um ex-traficante explicou:

> Eu tive que ensinar os toques [códigos] da favela pra minha mulher ficar na escuta também, pra mim não rodar [ficar surpreendido pela polícia]
> • E., 29 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

A exposição e a realização de tarefas adentro do tráfico pode aumentar a vulnerabilidade das mulheres face ao envolvimento no tráfico. Muitos exemplos sugerem formas importantes, porém negligenciadas através das quais as vulnerabilidades podem passar da esfera pública (envolvimento em facções de droga) para a privada (através do casamento), do masculino para o feminino; podendo ser amplificadas nesse processo (nesse caso, a morte do marido ocasionou um maior envolvimento). Dívidas existentes e o apoio das mulheres, em muitos casos crescentemente envolvidas no tráfico, não devem ser subestimadas na análise da perpetuação da violência.

Uma vez envolvidas, os resultados sobre as mulheres traficantes (especialmente aquelas que desempenham papéis independentes dos maridos) e sobre as mulheres policiais mostram que é esperado que as mulheres "ajam mais como homens" no contexto de grupos armados, tentando estar à altura de estereótipos masculinos violentos.

CASADA COM O DONO: DO NAMORO COM "O MOÇO DA MOTO" PARA UMA VIDA DE RISCOS

O relato de uma mulher de 36 anos, que era casada com um "dono" do morro, exemplifica muitas das questões assinaladas noutras entrevistas com mulheres casadas ou em relacionamentos com traficantes de drogas. À semelhança das outras mulheres, o status para os traficantes traduzia-se em status e adrenalina para as suas esposas e namoradas. A sua história começou quando o seu antigo namorado foi buscá-la à escola numa moto.

Ela descreveu a sua trajetória começando pela falta de consciência da situação até tornar-se gradualmente envolvida. Apenas quando foi presa é que tomou consciência do seu papel: a polícia tinha seis meses de escutas das suas ligações telefônicas. Ela disse que entregava mensagens do ex-marido para sair da boca, e sabia que as ações resultavam em violência ou mortes. Além de entregar mensagens enquanto o marido estava preso, ela administrou o dinheiro, tendo criado uma conta em seu nome e outras contas fictícias. Recordando os momentos nos quais esteve presa e sublinhou que, enquanto a sociedade aceita que os homens usem violência ou se envolvam no crime, chocam-se e estigmatizam as mulheres que fazem o mesmo.

O seu marido nunca tinha sido fisicamente violento com ela, mas usava a sua arma de fogo – em sua posse dado o seu papel na "violência urbana" enquanto traficante – para ameaçá-la todos os dias. À data da entrevista o marido estava preso, mas a mulher mantinha-se sozinha por medo de que ele descobrisse e a mandasse matar. Esse exemplo ilustra o enorme peso que as ameaças têm nas vidas das mulheres: nesse caso, afetando-a ao longo de 12 dos 18 anos em que estiveram casados. Ela passou a portar uma arma (uma das dele) consigo sempre que estavam os dois, em medo constante de que ele pudesse "explodir em qualquer momento". Ele desenvolvia paranoias sobre traição, perda de dinheiro – dado o abuso de drogas.

Relacionamentos íntimos associados ao envolvimento em grupos armados legais ou ilegais são acompanhados por um maior acesso e ameaça por armas de fogo. As armas geram medo nas mulheres, mesmo quando não é usada violência física, e têm um enorme poder no controle e inibição das liberdades das mulheres. Nesse caso, o medo de retaliação fez essa mulher permanecer nesse relacionamento. Ela considerava que a saída dele do tráfico estava fora de questão, uma vez que toda a sua família estava envolvida no tráfico de drogas – e depois de o sugerir várias vezes, decidiu ficar quieta e aconselhá-lo a gerir o negócio e a evitar riscos.

Tal como no caso de muitos homens, o tempo passado na prisão influenciou a decisão de deixar o tráfico, tendo percebido exatamente no que estava envolvida. Quando começou a trabalhar na prisão, tomou consciência de que estava diferente e que era boa na área social. A falta de rotinas dificultava o estudo, motivo pelo qual tinha desistido da escola. Ela queria arranjar um emprego, porque todos os bens estavam no nome do ex-marido – ela perdeu tudo. Os fatores que a levaram a deixar o relacionamento e o crime foram o medo de regressar à prisão e estar longe do filho novamente, a intervenção da sua mãe – que a convenceu a desistir – e o tribunal de justiça.

FAMILIARES FAZEM O LUTO DAS TRAJETÓRIAS DOS HOMENS RUMO À VIOLÊNCIA

Várias mulheres – principalmente esposas, mães e avós – não aceitaram nem aceitam o envolvimento dos homens no tráfico de drogas. Independentemente de as mulheres se envolverem ou não, as suas vidas eram afetadas de forma substancial. Diversas mulheres e homens com quem falamos relataram que as mães e as esposas tinham sido muito importantes, influenciando a decisão dos homens de abandonar o tráfico.

As mulheres que viviam com traficantes relataram vários medos e vulnerabilidades. O impacto mais comumente descrito pelas esposas era viver em medo constante de ter a sua casa revistada: as revistas expunham parceiros e familiares duplamente à violência, uma vez que muitos entrevistados descreveram a agressividade e a violência usada pela polícia durante as buscas no domicílio. Uma mulher do Alemão disse que os policiais espancaram várias vezes o seu filho mais novo durante buscas na sua casa e que a sua reação foi impedi-lo de sair de casa. Na generalidade, ficou claro que qualquer tipo de relacionamento entre uma mulher e um traficante a colocava numa situação de risco acrescido: risco de segurança, liberdade de movimentos, saúde (i.e. risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis, como o HIV, e a gravidez indesejada). Por essas razões, a desconstrução de formas de masculinidade violenta e construção de relações de gênero equitativas passa por trabalhar com as mulheres a par com os homens.

Fundamentalmente, quase todas as mães entrevistadas desejavam que os seus filhos trabalhassem e não aderissem ao crime ou ao tráfico de drogas. Os entrevistados relataram apenas uma exceção: uma mulher que se tornou dona do tráfico e cuja mãe a incentivou a roubar. A mãe cujo filho tinha entrado no tráfico e saído graças ao forte apoio de toda a família descreveu inúmeras vezes as consequências do envolvimento do filho na sua saúde (problemas cardíacos etc.) e a preocupação e frustração profundas que sentia dado o seu histórico humilde e os esforços que realizou para educá-lo. Todavia, com as condições que tinham só conseguiam viver num local com alta exposição ao tráfico e à violência:

> A pessoa cria pra ser 'gente', pra viver, pra ser uma pessoa que a gente criou com cuidado, pra ser igual a gente, ou ser uma pessoa melhor. Porque a gente somo ignorante – a gente não tivemos educação do jeito certo, que os pais não tinham condições, eu não tive, minha mãe teve nove filhos *[...]*. Aí a gente então não teve tudo que a vida pode dar, mas a gente, ninguém fez coisa errada. Aí quando vê a gente tem um filho e ele vai e faz essas coisas assim. A gente fica muito assim, parece que corta a gente toda por dentro, tira a força das nossas pernas. Parece que a gente afundou assim • MÃE DE EX-TRAFICANTE.

Para além dos riscos e das mentiras, os familiares relataram sentimentos de isolamento e solidão. De fato, uma consequência significativa porém subvalorizada do casamento das mulheres com traficantes é a ausência de uma rede social, frequentemente em virtude dos ciúmes e controle dos maridos.

> Eu sempre tive... eu sempre tive poucos amigos. Eu nunca fui muito de ter muitos amigos não. Mesmo porque, também, não tinha muito tempo. Então, as poucas amigas que eu tinha, foi justamente as amigas quando eu estudava • MULHER, 41 ANOS, CASADA COM EX-TRAFICANTE, MARÉ.

Outras esposas relataram ter amigos em alguns momentos, mas que tendiam a desaparecer em caso de prisão ou abandono do tráfico. Também descreveram casos de abandono por parte de familiares e outros amigos enquanto estavam envolvidas no tráfico.

TRAJETÓRIAS DA VIOLÊNCIA

Esta seção descreve os fatores que impulsionam e atraem os jovens para adesão ao tráfico, organizada em torno de fatores "impulsionadores" (que empurram) e de atração (que puxam). Os "impulsionadores" referem-se aos fatores individuais e familiares que empurraram os homens para o tráfico, enquanto que os "de atração" dizem respeito às atrações e as redes de pares que tornam o tráfico de drogas uma opção envolvente e sedutora.

"UMA COISA LEVA A OUTRA": HOMENS EMPURRADOS PARA O TRÁFICO

> Comigo foi como aconteceu como a maioria das pessoas. Eu perdi minha mãe. Isso sim tendenciou mas não foi exatamente isso, a pessoa que diz que 'Ah, entrei no crime porque perdi um parente'. Não, isso é mentira, isso não existe. **Uma coisa puxa a outra** • H., 23 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

Todos os ex-traficantes, os dois ativistas e os policiais aderiram às facções e à polícia, respectivamente, por razões essencialmente econômicas, apontando para os vínculos inseparáveis entre desigualdade e violência. Essas motivações econômicas, porém, estavam sempre ligadas a outro tipo de incentivo.

Relativamente aos fatores impulsionadores, os homens enfatizaram o seguinte:

- **Necessidade econômica.** Por exemplo, um emprego numa *kombi* é insuficiente; em alguns casos, o pagamento de dívidas aos traficantes através da realização de "serviços" no curto-prazo evolui para envolvimento;
- Ter vivido um **evento traumático durante a infância** ou durante a adolescência, i.e., a morte de familiar suscita sentimentos de traição, desilusão e desespero;
- **Abuso continuado, pobreza e negligência, a par da ausência de cuidadores** empurra os homens jovens para fora de casa e para o tráfico, promovendo a tomada de decisões de alto risco desde cedo, de forma semelhante às situações de casamento infantil;
- **Isolamento social** face a grupos com masculinidades "seguras", aceites, por não se identificarem com os rótulos de "melhor jogador de futebol", "menino que pega todas as meninas", "menino com o melhor corpo" etc.; ou o "rebelde".

DESAFIOS NA VIDA FAMILIAR "EMPURRAM" OS HOMENS JOVENS PARA O TRÁFICO

Os homens anteriormente envolvidos no tráfico de drogas insistiam que a **vulnerabilidade e a precariedade da sua infância** (em diferentes graus), **assim como as situações de violência que sofreram eram os elementos chave que explicam a sua entrada no tráfico.** Entre as vulnerabilidades que os empurravam para o crime ou que os faziam ver o crime como a única opção estavam a pobreza, ausência de cuidadores e conflitos familiares (especialmente com os pais ou figuras paternas).

Para alguns entrevistados, essas experiências tiveram uma influência direta na sua entrada no crime e/ou marcaram o seu desenvolvimento pessoal, levando-os a considerar o crime como alternativa de vida. A oposição entre família e crime continuou; porém, devido à sua vulnerabilidade, a presença da família foi incapaz de cumprir a sua função protetora.

A precariedade socioeconômica, por seu turno, refletiu e estabeleceu vulnerabilidades familiares, marcando a infância, adolescência e juventude desses homens com um sentimento de privação ou forçando os pais a trabalharem excessivamente, deixando-os sem tempo para cuidar das suas crianças. Referidas de forma explícita como causas do envolvimento nos relatos de E., F., G., H., e A., as vulnerabilidades e precariedade também estavam presentes nos testemunhos de R. e B., apesar desses entrevistados não as considerarem as principais variáveis nas suas trajetórias.

Vários ativistas descreveram os dois homens que aderiram ao tráfico como "rebeldes", mas um dos ativistas assinalou que esses rebeldes também sofreram violência e abuso no lar, empurrando-os para o tráfico:

> Eles sempre foram rebeldes, ta ligado? Esse que morreu [nome da pessoa], às vezes ele chegava em casa e não dava o dinheiro pra mãe, falava que não ganhou, e a mãe dele dava uma revistada nele. Ela era meio sacana e via que ele tava com dinheiro, ele saia voado no corredor e o corredor são uns 60 metros da minha casa até portão, então a mãe dele sempre foi muito boa de mira, pegava a pedra, ia certinho mandava... [risos] Batia na cabeça dele, ele lá sentado no corredor chorando pra caramba. A gente chamava de 'cocudo', porque a cabeça dele tava já meio oval de tomar 'teco' de pedra. E aí foi passando o tempo, foi envelhecendo, não tinha como estudar mesmo • ATIVISTA, 24 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

Os homens entrevistados caracterizavam as suas próprias famílias como "desestruturadas", usando o modelo de família nuclear como universal. Esse relatório não pretende caracterizar as famílias; em vez disso, reconhece que existe um amplo leque de estruturas e relações familiares "saudáveis" e "problemáticas".

A. chamou a atenção para aquilo que ele chama de "disfunção familiar". "Minha família sempre foi muito pobre assim, não tinha tanta condição." Entretanto, ele argumenta: "às vezes teu pai te dá toda uma estrutura de vida mais quando você desencapa pra alguma coisa você...".Além disso, B. e I. tinham crescido em ambientes descritos pelos próprios como saudáveis: o relacionamento com os seus pais era próximo, e a família podia garantir-lhes o mínimo de bem-estar possível, assim como todas as condições necessárias para não passar por privações. Estes deram a seguinte explicação para a sua entrada no crime, que começou como "coisa de molecada mesmo, sair pra roubar, andar de carro andar de moto com as garotinhas na época, ai deu na merda que deu, eu não posso falar que não tive oportunidade não, eu tive. Eu fui sem vergonha. A influência da rua, quando começa a viver a rua é fogo, nego fica 'vem menor, vem, é bom'. Mas meu pai nunca deixou faltar nada pra mim, me dava tudo." A fala seguinte é de F., cuja infância foi marcada por extrema vulnerabilidade socioeconômica:

> Minha família sempre foi muito pobre, a gente era muitos irmão, não tinha tanta condição, mas isso não justificava eu roubar. Quando a gente é nascido e criado na favela a gente vendo essas coisas, nem todo mundo... Mas sempre a gente acaba se envolvendo e ai os colegas que não estudava, eu pelo menos estudava, e eles faziam a mesma coisa, tinha medo, mas com o tempo tomei gosto. O roubo vicia também ele é tipo uma droga. Se tu foi e conseguiu acabou tu vai de novo que tu sabe que ali dá pra tu arrumar • F., 36 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

ENTRADA RELACIONADA A TRAUMA FAMILIAR: INDEPENDÊNCIA, NADA A PERDER

A entrada no crime também representou um espaço de independência para alguns entrevistados: a recusa de se submeter às regras do mundo adulto e dos pais e dos familiares em particular levou-os a alcançar o status de adultos – implícito na sua afirmação de independência – através de um caminho que os colocou em confronto direto com o que tinha sido desejado e preparado para eles pelos seus pais e familiares. No caso de G., por exemplo, a afirmação da independência através do crime teve lugar, em parte, em virtude da ausência daquilo que seria capaz de impedir a sua adesão: uma situação familiar capaz de oferecer condição de vida adequada. A argumentação mais comum nesses casos era a de que a entrada era o resultado de uma situação em que o jovem, nas palavras de H., "não tem mais nada a perder". O relato seguinte é de G., 26 anos, Complexo da Maré:

> Com 11 anos eu perdi minha mãe, com uns 14 ou 15 eu perdi o meu pai, dai eu já conheci o tráfico. Já influência de tá fumando maconha, de tá com certos amigos entre aspas. Aí meu pai morreu e eu fui indo, indo, indo, indo e quando eu fui ver eu já tava envolvido. Sem pai, sem mãe, sem trabalho, jeito era ir pro tráfico.

Em muitos casos, contudo, o desejo de independência entrava em conflito direto com os pais e guardiões. Isto é particularmente aparente nas trajetórias de D. e H. Antes de entrarem no crime, ambos tinham empregos, mais tarde abandonados dada a sua baixa rentabilidade ou inadequação face à disciplina exigida. Depois de esconder da sua mãe a participação no crime, D. decidiu informá-la da sua decisão. "'Olha, eu agora tô na boca.' Minha mãe: 'Que isso, meu filho? Você não nasceu pra isso, não'". Embora, olhando em retrospecto, lamente o sofrimento causado – "foi assim... Hoje eu vejo como uma das cenas piores que eu vi na vida, a tristeza dela, o sofrimento...". Na altura, todavia, ele manteve-se firme ao afirmar a sua independência: "a vida é minha, quem sabe sou eu."

O relato de H. evidencia as contradições que viveu devido as exigências de honestidade feitas pelos seus familiares, que eram apoiadas pela afirmação inequívoca da superioridade moral do trabalho exemplificada através da própria conduta dos membros da sua família. "Minha família sempre trabalhou". "Houve um certo tempo que a gente discutiu eu e minha avó, eu amo minha avó", lembra ele, "eu discuti com ela, depois eu me senti mal, as únicas palavras que eu usei: 'Eu preciso viver a minha vida, eu preciso ajudar meus irmãos e minhas irmãs.' E ela falou assim: 'Mas desse jeito?'" Esses conflitos são paralelos ao distanciamento deles face à família, a quem respondem com a afirmação mais forte da sua independência e com o reforço da sua trajetória criminal: "a família vai te abandonando, vai te deixando e tal, aí quando não é mais pela necessidade de dinheiro é mais pra mostrar pra sua família que você não depende deles, aí você vai se afundando mais e mais".

HOMENS *ATRAÍDOS* PARA O TRÁFICO

Os seguintes caminhos podem ser descritos como impulsionadores da adesão dos homens jovens ao tráfico de drogas ou fatores que tornaram o tráfico uma opção atraente:

- OS DIVIDENDOS OU BENEFÍCIOS DO CRIME • A entrada foi motivada pela crescente proximidade com os traficantes e com o líder do tráfico (*dono da boca*), que conheciam desde a infância, e pelo reconhecimento dos benefícios de que usufruíam: a par disso vinha o dinheiro fácil, frequentemente tido como a única forma de aceder a um salário elevado; acesso a mulheres, demonstrações de virilidade e armas no baile funk; e desejo de roupas de marca, uma questão particularmente importante entre os traficantes mais jovens, para quem o status e poder é tido como fora do seu alcance.
- ELES SÃO "MÁS COMPANHIAS", MAS SÃO MEUS AMIGOS • Amigos influenciaram a entrada e, alguns (poucos) casos, familiares envolvidos ou não encorajaram a adesão (irmão ou pai no tráfico ou a mãe que diz "vai roubar" para apoiar com as despesas da casa).
- POR AMOR • No caso das mulheres, **ter o marido envolvido** no tráfico afetou de forma decisiva a sua participação, desde a assunção de papéis de apoio ao de papéis mais importantes; o casamento é, assim, tido como uma porta de entrada para a violência (esta questão é desenvolvida de forma mais aprofundada na seção sobre "papéis das mulheres no tráfico).

"Pode ficar com o trocado": a sedução do crime desde a infância

Em muitos casos, o contato com o lado atrativo da criminalidade começou na infância. O desejo de aderir ao tráfico de drogas, num contexto em que más companhias colocavam os jovens em contato direto com o mundo do crime, era resultado de uma atração que já estava em curso há algum tempo:

> Já tinha o tráfico e já tinha, claro, os filhos de traficante que, por exemplo, chegou o tempo de bolinha de gude, não só eu e meu irmão como os outros garotos que não tinham parentes ou amigos [no tráfico]. Pô, a gente pra poder ter umas dez bolinhas de gude, a gente tinha que ficar uma semana pedindo bolinha de gude emprestada pra tentar jogar e conquistar as outras. Os moleques chegavam com garrafas de bolinha de gude 'Pô, tá com uma garrafa de bolinha de gude! Ele é filho de ciclano, é irmão de ciclano'. Aí isso já 'Ih é irmão de bandido, o tio dele é isso, o pai é isso e aquilo'. Claro um moleque de sete, dez anos com uma garrafa de bolinha de gude ele é o bam, bam, bam • H., 23 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

D., por seu turno, descreveu como as crianças são seduzidas através das interações diárias com os adultos envolvidos no crime:

> Você tá ali, conversando, jogando gude ou soltando pipa, ou qualquer outra coisa, com um monte de moleques. E aí eles passam aquele bonde de 40 cabeças, com fuzis pro alto, com muito dinheiro. 'E aí, vai ali comprar uma pizza pra gente', com 20 reais. Vamo botar hoje, 100 reais, duas pizzas que custam 40 reais. 'O troco é seu.' Pronto, você ganhou o moleque. Você não chamou ele pra ser do tráfico, você não indagou ele, nada. Mas com certeza aquele moleque ali vai se espelhar em você, vai querer tá perto de você pra ganhar mais dinheiro. 'Compra uma Coca ali', a Coca era R$ 1,65, a Coca de 2 litros era R$ 1,65, o cara dá 5 reais na sua mão, 'compra uma Coca ali, o troco é seu.' Acabou. E aí nessa, a gente tava sempre perto, sempre perto. Uma vez ou outra, 'qual é? Quer dar um tiro?', 'não', 'quer dar um tiro?', aí você, pá, pá, pá. Pô, é emocionante. Qualquer criança, você se sente o Braddock, você se sente o Rambo, qualquer coisa parecida. Esse bandido também é vitima e um dia fizeram isso com ele, mas ele não tem a consciência de que ele fazendo isso com outra pessoa, vai ser... eu acho que o bandido, em nenhum momento, ele chama ninguém, ele faz isso com o moleque pensando em que o moleque vá ser, vai entrar pro tráfico, ou se vai entrar, isso vai ser até bom pro moleque. Eu acho que não tem essa maldade • D., 31 ANOS, VIDIGAL.

I. falou sobre o respeito que toda a gente lhe tinha antes de se envolver no crime e dada a sua proximidade com os homens responsáveis pelo tráfico na área da sua residência: "Eu era respeitado. Todo mundo sabia que eu conhecia os menor que era envolvido mesmo quando eu não era, aí ninguém... 'Ah não vou mexer com ele, conhece os menor. Quando você entra para o crime, aí você é respeitado'" Por seu turno, H. relatou uma situação oposta a de A. E descreveu como a música influenciou a sua entrada no crime:

> Ou senão eles já cresce ouvindo o funk proibidão que tá sempre dizendo que aqui é nós e lá é eles tem que ser nós, não tem que ser eles *[...]*. Tá cantando uma música que aquela música ali **tem uma certa historia de sangue**, porque assim, rolava uma troca de tiro aí amanhã ou depois faz uma música com aquilo, aí hoje em dia tem criança, moleque de dez, nove anos ouvindo cantando com o se fosse algo normal. E aquilo ta contaminando na mente dele, o proibidão da comunidade ele atinge sim a mente do cara • H., 23 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

Ter mais mulheres foi outro dos incentivos citados pelos jovens para aderirem ao tráfico de drogas. Um ativista deu uma explicação direta sobre a importância das mulheres e das armas de fogo enquanto símbolos de status para os homens:

> Aquelas mulheres que são 'Maria-fuzil'. Às vezes o cara não tem nada, só tem um fuzil, mas tem 50 mulheres. • ATIVISTA, 42 ANOS, ROCINHA.

"Nascemos envolvidos [no crime]": crime, proximidade, família e pares

Quando questionados sobre o envolvimento precoce no crime, H. respondeu: "Você já nasce envolvido". Ele e outros entrevistados cresceram num universo em que o crime e o tráfico de drogas eram parte da vida cotidiana e estavam próximos dos seus pares. Apesar dos pais insistirem que o crime era errado e que os criminosos eram pessoas das quais se devia manter distância, o crime fazia parte da sua rotina diária e os "criminosos", "bandidos" e "traficantes" eram também irmãos, pais, primos, amigos, vizinhos, conhecidos. H. prosseguiu com a sua explicação:

> Você nasceu na comunidade você já ta envolvido com tudo que acontece ali. Por exemplo, tem muitos garotos da minha idade que até hoje não se envolveram no crime, mas eles têm uma ligação não direta. Ele tem um amigo, um vizinho, um primo, um parente. Então ele passa a conviver com aquilo, mas não a fazer parte daquilo • H., 23 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

Entrar e ascender involuntária e rapidamente no tráfico facilitou a permanência e a progressão dos homens no tráfico:

> Era um problema crucial, do tráfico com a polícia, certo? Falta de emprego, de oportunidades, de cursos, e o único bem que você tinha, a única coisa que você podia fazer era entrar para o tráfico de drogas, então, você entrava para o tráfico de drogas num dia, outro dia você estava armado, daqui a uma semana a polícia matava alguém e você subia de cargo, quando ia ver, três meses você era gerente disso e daquilo outro, às vezes procurado pela polícia, aprendia dar tiro sem saber, dava tiro sem saber, brigavam entre si *[...]*. Aconteciam problemas e guerras que acabavam acarretando de amigos que eram da mesma facção ir pra facção rival e amigos guerrear contra amigos dentro da própria favela, vizinhos de casa, nascidos e criados juntos, em guerras separadas, um querendo matar o outro *[...]*. Tem um monte de amigos que morreram • HOMEM, 36 ANOS, EX-INTEGRANTE DO TRÁFICO E PARTICIPANTE NUM GRUPO DE HOMENS QUE USARAM VIOLÊNCIA CONTRA MULHER.

O fato de E. e F. terem sido precedidos pela entrada dos irmãos mais velhos no tráfico e de o padrasto de A. ser um criminoso conhecido no seu local de residência contribuiu para aumentar a tensão entre família e crime. E. e F. tinham uma grande admiração pelos seus irmãos, admiração essa que passava pelo poder e respeito que usufruíam enquanto "bandidos".

Os relatos de F. e E. dão conta do fascínio que os seus irmãos enquanto "bandidos" suscitavam nas crianças e adolescentes: os bens de consumo que exibiam, o poder fundado nas armas, o respeito e a admiração que gozavam e a confiança

que sentiam ao deslocar-se na comunidade eram indicadores desse encanto. O fato de terem sido precedidos no crime pelos irmãos mais velhos fez com que a figura do "bandido" lhes fosse especialmente próxima desde cedo.

> A referência que eu via era os caras andando armado ai com o poder. Meu irmão, ele tinha respeito cara, ele era bandido, ele andava armado para cima e para baixo, ninguém entrava no caminho dele, os outros respeitavam ele, então meu herói ela ele • F., 26 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

E. relatou o seguinte sobre o seu irmão:

> Eu era pequeno, não tinha maldade, não entendia muito aquilo. A mente dele era mais aberta mesmo, era de moleque, adolescente ainda, então eu me espelhava nele: roupa de marca, falava com os outros, tinha amizade pra caramba, os outros respeitava ele, dono da favela se amarrava nele. Ele fazia munição de oitão, era um cara considerado. Todo mundo gostava dele • E., 29 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

Em todas as situações onde os familiares tinham influenciado a adesão dos jovens ao tráfico, os entrevistados identificavam "momentos específicos de ruptura" que provocaram a entrada no crime. E. e F. situaram os homicídios dos seus irmãos – no primeiro caso, às mãos de parceiros do tráfico; e, no segundo, às mãos de policiais – como a ocasião que precipitou de forma direta a sua participação no crime, quer em virtude do fim da proteção que os irmãos lhes proporcionavam, quer devido ao ódio que as suas mortes lhes provocaram. Para H. a morte da mãe, a sua subsequente expulsão de casa e a relação conflituosa com o seu padrasto foram o seu "ingresso de entrada" no crime.

Alguns dos homens entrevistados caracterizaram a sua infância como violenta, enquanto que os outros, ou inclusive os mesmos entrevistados, em momentos distintos das entrevistas, mostraram-se favoráveis ao uso da violência pelos pais como forma de educação e disciplina. Por exemplo, eles deram conta que *apesar* da educação moral rígida que receberam, optaram pelo crime. Descrever as percepções dos homens sobre a violência que vivenciaram durante a infância e a adolescência como "normalizadas" implicaria que eles as classificassem como violentas, o que, na maioria dos casos, não acontecia. H. encarava os espancamentos que tinha sofrido pelo padrasto não como punição, mas como forma de educação. Em contrapartida, F. não justificava a sua experiência de violência: para ele a violência física cometida pelo seu pai não tinha qualquer tipo de intenção de educá-lo.

Em suma, esta seção sublinha os caminhos complexos e os fatores "impulsionadores" e "de atração" que levaram alguns homens jovens a envolver-se com o tráfico de drogas. Esses fatores revelam um conjunto importante de informações que, a par com os resultados do questionário, demonstram como a exposição precoce, fatores familiares, identitários, características e interações com pares, atributos pessoais e disposição – e ideias sobre masculinidades –, interagem entre si de forma a construir caminhos rumo à violência.

TRAJETÓRIAS NÃO VIOLENTAS: CAMINHOS DE SAÍDA DA VIOLÊNCIA

O que fez com que alguns homens que participaram da pesquisa rejeitassem ou assumissem e mantivessem trajetórias não violentas? Os resultados quantitativos e qualitativos sugerem um leque de fatores que muitas vezes agem em conjunto nos níveis individuais, familiares e sociais; estes oferecem um importante contraponto às trajetórias de violência. Enquanto que os primeiros dois conjuntos de fatores apresentados eram comuns entre grupos mais amplos, os últimos três enunciam as estratégias de acordo com os grupos entrevistados na pesquisa qualitativa. Os resultados são sumariados na caixa a seguir.

TRAJETÓRIAS DE NÃO VIOLÊNCIA DOS HOMENS

Dados quantitativos correspondentes à macro área caracterizada pela alta exposição à violência urbana (Norte) sugerem vários fatores fortemente associados à promoção de trajetórias masculinas não violentas nesses contextos:

- paternidade;
- atitudes equitativas de gênero;
- participação do pai/referência masculina nas tarefas domésticas;
- conexão a círculos de apoio social;
- nível educativo dos homens.

Pesquisa qualitativa revela vários fatores associados a trajetórias não violentas

- paternidade;
- desenvolvimento de mecanismos de tranquilização;
- expansão das perspectivas de vida, ganhando mobilidade urbana;
- traços individuais, tais como competências emocionais, pró-sociais, "força de vontade" e motivação;
- rejeição de normas masculinas associadas à violência, adoção de atitudes e comportamentos equitativos de gênero.

Estratégias não violentas entre ex-traficantes

- assistência da parte de ONGs no processo de saída do tráfico;
- tensões familiares e apoio na saída;
- saída em virtude de eventos traumáticos e riscos: morte de amigos e risco de ser atingidos;
- redefinição do que é ser "homem de verdade": promoção de identidades alternativas não violentas fora do tráfico.

Estratégias não violentas entre policiais

- mecanismos de prevenção de transferência de estresse laboral para casa;
- procura de serviços psicológicos.

Estratégias não violentas entre ativistas

- rejeição da violência e do tráfico durante a infância;
- desenvolvimento de grupos de pares não violentos;
- aprendizagem de competências de mediação.

FATORES QUE PROMOVEM TRAJETÓRIAS NÃO VIOLENTAS

A participação em tarefas domésticas e de cuidado, níveis elevados de educação e o envolvimento em grupos sociais figuravam entre os fatores que apoiavam a não violência.

Dados quantitativos sugerem que a promoção do envolvimento ativo em tarefas de cuidado tem um papel importante nas trajetórias masculinas de não violência. **Os dados indicam que os homens residentes em áreas expostas a níveis elevados de violência urbana (Norte; n=451), e que não participaram no cuidado de seus filhos com idades iguais ou inferiores a 12 tinham maior probabilidade de usarem violência urbana física (p=0.004).** É importante sermos rigorosos e sublinhar, contudo, que não estamos sugerindo que o envolvimento ativo em tarefas de cuidado é a causa da redução da violência. Porém, no mínimo, estes dados sugerem que a violência e o cuidado interagem entre si e que o cuidado ou é um fator impulsionador da redução da violência, ou que a menor exposição à violência e ao medo da violência podem aumentar as possibilidades de os homens participarem nas tarefas de cuidado.

Foi encontrada uma associação estatisticamente significativa entre educação e perpetração da violência, o que sugere que **quanto mais elevado for o nível de educação dos homens, menor é a probabilidade de perpetração de violência sexual** (p=0.015) e violência nas relações íntimas (p=0.014), uma associação encontrada na maioria dos países onde o estudo IMAGES foi realizado.

Os dados sugerem ainda que a existência de modelos masculinos e a sua participação nas tarefas domésticas definem as trajetórias masculinas não violentas. Nesse aspeto, as análises quantitativas correspondentes às áreas macro expostas a níveis mais elevados de violência urbana (AISP 9, Norte) confirmam que os homens cujos pais não participaram pelo menos numa tarefa doméstica tinham maior probabilidade de ter usado violência sexual (p=0.009). Tal como no casos da associação entre envolvimento masculino nas tarefas de cuidado e perpetração de violência urbana física, este resultado sugere a transmissão intergeracional de normas de gênero e o papel estratégico da promoção de formas de paternidade assentes no cuidado.

Por fim, os homens que tinham participado em grupos sociais (grupos sociais, religiosos ou culturais ou partilharam casa/apartamento com outros) tinham menor probabilidade de usar violência sexual (p=0.001) e violência contra parceiros íntimos (p=0.006). De novo, não podemos imputar causalidade a essa associação, mas é razoável assumir que os grupos sociais funcionam como um tampão contra o uso de algumas formas de violência para alguns homens e mulheres.

Cabe relembrar as ressalvas apresentadas no quadro conceitual: as trajetórias não violentas não são lineares, estando frequentemente misturadas com práticas e atitudes violentas – por exemplo, um homem que decida deixar o tráfico pode continuar a usar VPI ou pode proteger a sua família da violência, usando-a contra outros. Os ativistas pela paz, por seu turno, podem usar violência contra as suas esposas e contra os traficantes.

Além disso, as tentações de retornar ao tráfico são muitas e reais, dados os contextos de insegurança e desigualdade em que se inserem. Apesar de os traficantes não falarem muito do desejo de voltar, várias esposas referiram que os maridos ainda consideravam essa hipótese. Uma ONG com um programa de reintegração destinado a ex-traficantes e a partir da qual realizamos várias entrevistas já tinha perdido alguns integrantes para o tráfico nos meses que antecederam a realização das entrevistas. O dinheiro que o tráfico lhes garante é bastante superior ao salário mínimo que qualquer emprego assegura, e os benefícios associados ao poder e ao status não podem ser subestimados. Os ativistas consideram que são mal pagos para o trabalho que desempenham e para os riscos a que estão expostos. Já a polícia é defrontada por resistências no seio das forças policiais se pretende deixar o trabalho ou implementar mudanças rumo a formas de mediação não violentas.

A restante seção 10 apresenta os fatores que sobressaíram em todos os grupos, enquanto que as próximas seções resumem as estratégias de acordo com grupos de entrevistados específicos (i.e. ex-traficantes, polícia e ativistas).

A PATERNIDADE É UM FATOR CHAVE

As experiências de paternidade (e maternidade, no caso das ex-traficantes de drogas) surgiram como um fator chave das trajetórias não violentas, tendo emergido em todos os grupos de entrevistados. No caso dos traficantes e dos policiais, a paternidade por vezes coincidia com a passagem de menos tempo na rua (e, logo, menor exposição à violência urbana) e mais tempo em casa. Para os traficantes que já tinham filhos, deixar a facção significava que passariam a estar mais presentes em casa, em vez de ocasionalmente, como apenas para "tomar um banho", por exemplo. Por outro lado, a paternidade parecia estimular uma "mudança de prioridades" e uma reflexão sobre escolhas de vida. Ser pai biológico era menos relevante do que ter uma ligação, um apego às crianças.

Uma das hipóteses que surgiu desses resultados prende-se com a questão de "dar o exemplo". Quando os pais ensinavam às crianças que não queriam que elas entrassem no tráfico (o exemplo mais comum), ou que desejavam que elas se mantivessem longe das armas, estavam a reforçar uma trajetória não violenta por si só.

O efeito da paternidade

Os dados quantitativos correspondentes à amostra de homens expostos aos mais elevados índices de violência urbana (Norte; n=451) sugerem que a forma como a paternidade é assumida e a memória do pai a participar nas tarefas domésticas influencia as trajetórias não violentas. **Os dados mostram que os homens que relataram ter sido pais ativos, envolvidos no cuidado dos filhos com idade igual ou inferior a 12 anos (cuidado diário das crianças, cuidado em caso de doença, preparação de refeições, mudança de roupa e fraldas, dar banho, brincar)**

tinham menor probabilidade de perpetrar violência urbana no que diz respeito à esfera pública (gráfico 15; p=0.001). Esse resultado coincide com os resultados sobre a associação entre normas equitativas de gênero e perpetração de violência, e enfatiza o papel central das normas de gênero equitativas nas construções identitárias masculinas não violentas.

Os resultados também indicam que os homens (Norte; n=451) cujos pais participaram nas tarefas domésticas tinham significativamente menor probabilidade de perpetrar violência sexual. Apesar de um conjunto de fatores influenciar a perpetração de violência sexual, esse resultado, à semelhança dos relatados anteriormente com relação à paternidade, sugere a relevância das normas de gênero na formulação de normas de gênero não violentas e evidências da transmissão intergeracional das normas e padrões de violência com base no gênero (gráfico 16).

Tornar-se um pai ativo não é um caminho simples, nem é sinônimo de saída facilitada da violência. Mesmo quando os homens desejavam ser pais ativos, podiam encontrar resistências. A esposa, de 37 anos, de um policial da PMERJ relatou o "bullying" que o marido sofreu por parte dos companheiros na PMERJ:

> Com o filho quando ele está em casa ele faz as coisas, sofre *'bullying'*. Porque ele diz que sofre *'bullying'* no trabalho, por que ele diz o que faz, que leva o filho pra passear, que troca a fralda, que dá banho, que dá comida. Ele diz que as pessoas [policiais] ficam sacaneando ele.

Ela tornou-se cética sobre o potencial modelo positivo que o marido poderia representar enquanto pai quando este começou a demonstrar sinais crescentes de estresse e agressividade depois de ser promovido:

> Em relação a futuro o que tem é uma incerteza porque eu não sei se quero um pai desses para meu filho, quer dizer o pai não vai mudar, mais eu não sei se eu quero ele convivendo diariamente com uma pessoa assim, que está sempre nervoso, que está sempre estressado, que briga, que grita. *[...]* 'E o jeito mesmo, é aquela pessoa que é contaminada por aquilo, que está sempre *[...]*. Coincidiu com essa coisa dele mudar de perfil, de batalhão, de ta em uma coisa mais interna realmente
>
> • MULHER DE POLICIAL, 37 ANOS, PMERJ.

GRÁFICO 15 | **PARTICIPAÇÃO DO ENTREVISTADO NOS CUIDADOS DE CRIANÇAS COM 12 ANOS OU MENOS E O USO DE VIOLÊNCIA FÍSICA URBANA (NORTE)**

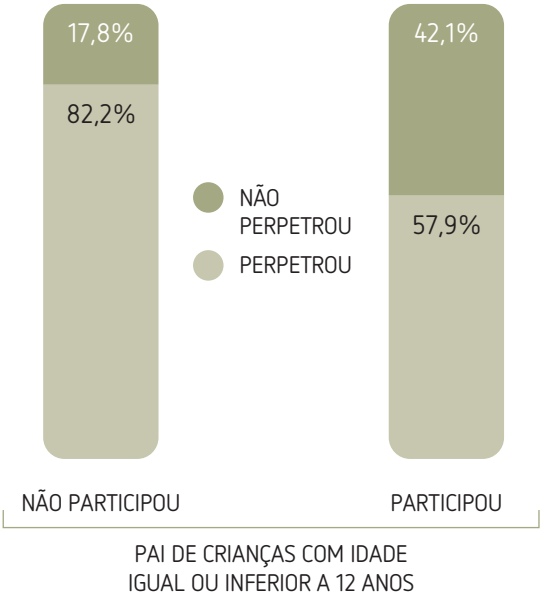
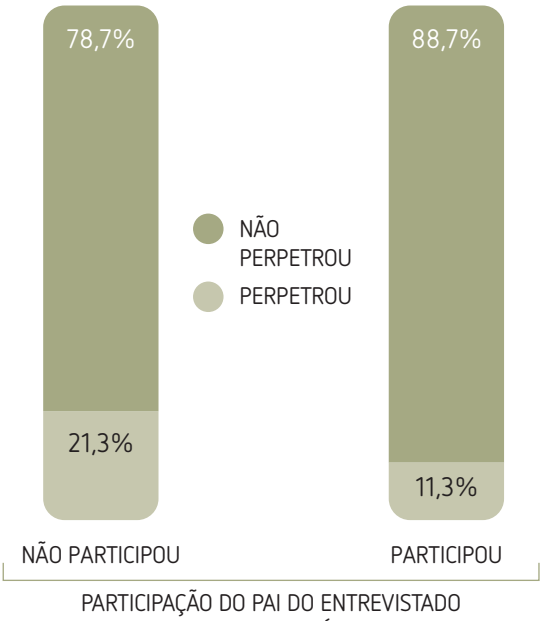


GRÁFICO 16 | **PARTICIPAÇÃO DO PAI DO ENTREVISTADO NAS TAREFAS DOMÉSTICAS E O USO DE VIOLÊNCIA SEXUAL (NORTE)**



Contudo, e apesar desses desafios, as aspirações dos homens em torno da paternidade merecem atenção. Vários policiais e traficantes declararam que "sempre quiseram ser pais", enquanto que os discursos dos traficantes e das suas esposas sobre a entrada no tráfico estavam muito mais centrados na ideia de "nunca terem querido aderir" (tendo-o feito, porém, por um conjunto diverso de razões).

A parte seguinte desta seção discute as reflexões dos homens sobre os seus pais no passado e as narrativas em torno de se tornarem pais.

As figuras paternas dos homens: adotando os aspetos positivos e descartando os negativos

Ao longo das entrevistas, os homens referiram-se aos pais, de forma consistente, como ausentes ou como associados a memórias negativas, seja por serem violentos ou por serem disciplinadores. Entre as poucas exceções estavam os ativistas pela paz, que mantinham relacionamentos próximos com os pais ou com outras figuras masculinas, como tios.

Uma característica dos homens que enveredaram por trajetórias não violentas tinha a ver com a capacidade de discernir qualidades positivas e negativas nos seus pais (e mães), retendo as positivas e não violentas.

Por exemplo, ao mesmo tempo que os entrevistados recordavam os pais como violentos, alcoólicos e mulherengos, citavam qualidades que admiravam e queriam adotar: ser sociável e bom para os amigos, ter-lhes incutido valores sobre educação, trabalho, generosidade e disponibilidade para ajudar os outros.

Um dos dois ativistas que testemunhou episódios de violência extrema da parte do pai alcoólico explicou como essas experiências o fizeram rejeitar a violência nas relações íntimas e encontrar estratégias não violentas de resolução de problemas com a sua parceira:

> A violência do meu pai contra minha mãe, minha avó e minha tia enfrentando ele dando tiros, isso marcou a todos e eu detesto conflito, tenho horror a conflito violento, não tem argumento, não tenho problema com a P., e P. eu adoro *[…]*. Muitas vezes por exemplo casado, 23h, meia-noite, começa a briga *[…]* eu não consigo, me dá um sono imediato, vou dormir. Parece que eu fui dopado, a briga me dopa, e falo: 'Não tô aguentando (risos), vamos continuar amanhã quando você estiver mais calma'. *[…]* Avesso a qualquer tipo de briga em qualquer situação, me deixou muito racional na vida, qualquer tipo de briga eu vou sempre tentar racionalizar e tentar chegar a um acordo • ATIVISTA, 53 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

Outro ativista, cujo pai já não fazia parte da sua vida, descreveu a importância do seu passado turbulento com o padrasto na construção da sua infância e do mundo dentro e fora da favela:

> Meu padrasto também cozinhava. Ele era motorista de pipa d'água na época, e de alguma forma ele sempre procurou estar presente. Mas como ele fazia viagens, às vezes ele ficava uma semana fora. Passava três, quatro dias fora, mas todo sábado de manhã ele chegava cheio de sorvete. Eram aqueles potões de sorvete, uma festa. Ele também teve um bar, se não me engano, ali na Lapa, e eu também fui lá trabalhar com ele. Então a gente teve uma juventude, que muitas crianças aqui da Rocinha não tiveram. Na minha época eu soltei pipa, brinquei de peão, joguei bola de gude, brinquei de pique-esconde (risos) • ATIVISTA, 42 ANOS, ROCINHA.

O ativista mencionado anteriormente, que se referia ao padrasto como a sua principal figura paterna durante a infância, também o descreveu, por vezes, como violento, face à sua mãe, e como alcoólico. No caso dos dois outros ativistas que cresceram com pais violentos, um valorizava bastante o fato de o pai se ter centrado na importância da educação, não permitindo que nenhum dos filhos começasse a trabalhar antes dos 18 anos. O outro ativista – que recordava, de forma vívida, a tentativa de suicídio da parte do seu pai militar – explicou como o apoio que recebeu dos familiares diretos e da família alargada o ajudou a lidar com a violência, aceitando os lados positivos e negativos do pai:

> A gente conseguiu construir essa rede de afeto, e minha família é muito amorosa, a gente conseguiu historicamente, por exemplo, um problema seríssimo do meu pai de violência, de dores na minha mãe, a gente conseguiu ter uma família muito estável, todos nós conseguimos chegar. *[...]* Nós pegamos o que tinha de melhor do meu pai e rejeitamos o que tinha de pior, em principio o trabalho era muito forte na minha casa, essa coisa de ser trabalhador era muito central, o segundo é ser honesto. *[...]* Porque tinha que ser honesto, correto, disciplinado, isso era muito forte na gente. Meu pai colocou muito na gente o seguinte: 'vocês tem que ter orgulho de quem são, nunca abaixe a cabeça pra ninguém'. Isso minha mãe repetia pra gente o tempo todo: 'seu pai nunca abaixou a cabeça pra um oficial, ele sempre seguiu o regulamento então você segue o regulamento'. Isso impregnou todos nós, todos nós somos trabalhadores • ATIVISTA, 53 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

Substituindo transmissões intergeracionais de violência por transmissões intergeracionais de cuidado

Assim como a violência pode ser usada e vivenciada de geração em geração, também pode ser transformada. Dados anteriores da pesquisa IMAGES demonstraram que os tipos de violência que os meninos testemunhavam ou viviam durante a infância influenciavam o seu uso da violência na idade adulta, e que os homens cujos pais tinham participado mais nas tarefas domésticas e eram não

violentos tinham maior probabilidade de ter relacionamentos equitativos e não violentos no futuro (Barker et al., 2011; Kato-Wallace et al., 2014). A participação no cuidado, a par com um conjunto de indicadores equitativos de gênero, estava frequentemente associada a atitudes menos favoráveis face à violência e a comportamentos violentos (Barker et al., 2011).

Esses dados sobre paternidade e cuidado fazem parte de um conjunto crescente de pesquisas que examinam as implicações do cuidado na redução da violência entre outros efeitos na vida de homens, mulheres e crianças (Barker et al., 2012; Kato-Wallace et al., 2014). Esta pesquisa revela indicações sobre o papel do cuidado no apoio de trajetórias não violentas e sobre como as tarefas de cuidado são ameaçadas de múltiplas formas pelo envolvimento na violência.

Dois policiais expressaram o desejo de deixar a violência da rua depois do nascimento dos filhos, em virtude da exposição à violência e da necessidade de passarem mais tempo com as crianças. Um policial explicou a importância de ser pai durante a sua tomada de decisão sobre transitar da rua para a posição de motorista de um comandante:

> Eu perdi alguns anos dele, dele, né, pequeninho, porque quase eu não o via. Chegava em casa, às vezes, chegava em casa ele tava dormindo. Eu saía, ele tava dormindo, eu ficava dois, três dias sem vê-lo, sem brincar com ele, sem nada. Eu falei, 'não, vou começar a mudar isso'. Aí foi quando eu me afastei da rua, mais por ele mesmo, pra poder crescer, ficar com ele, que aí você consegue dormir em casa todo dia, ele acorda, te vê, saí, brincava com ele e tudo, então, foi mais o motivo mesmo, foi ele mesmo • SOLDADO DA PMERJ, 41 ANOS, NOVA AMÉRICA.

À semelhança de vários outros policiais que exibiam trajetórias não violentas, esse soldado tinha memórias não violentas do relacionamento com os seus pais, que o influenciaram a cuidar dos seus filhos de forma não violenta. Por exemplo, um dos entrevistados tinha sido educado num processo de "diálogo" com os pais, pautado pela não violência.

Tal como os outros homens entrevistados, esses homens repetiam questões dominantes que tinham a ver com o desejo de poderem dar algo melhor aos seus filhos do que aquilo que tiveram e viveram durante a sua infância, e a intenção de não "perderem nada" do crescimento dos seus filhos e filhas. De forma semelhante ao relatado acima pelos policiais, vários homens citaram a paternidade (serem pais) como a razão para abandonarem o tráfico. Um homem receava morrer e deixar a sua filha sozinha. Outro, com 26 anos, e que tinha deixado o tráfico quando do nascimento do primeiro filho, sentia que tinha que ser um exemplo:

> Porque sou pai de dois filhos. Eu sei que meus filhos dependem de mim, então, tenho que procurar dar o máximo. Aí, pra mim, minha vida hoje está bem estabilizada *[...]*. Pro cara, amanhã ou depois falar, 'caramba mano, tenho que dar o exemplo para o meu filho'. Pra amanhã ou depois não crescer e voltar a falar igual 'teu pai foi bandido, já foi bandido e agora tá estudando', pra amanhã ou depois ele pensar assim, 'meu pai já sofreu pra caramba *[...]*'. O pai tem que dar o exemplo pro filho, pra sempre seguir no caminho certo, ele vai pelo lado ruim se ele quiser • E., 29 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

O mesmo homem relatou tudo aquilo que perdeu da infância da filha pelo fato de estar envolvido no tráfico:

> Perdi 13 anos. Minha filha hoje tem 12 anos, eu não vi ela crescer, ela tem peito, ela já menstrua *[...]*. Então, eu ficava focado naquele tráfico ali, me acabando, deixando a minha família sem aquela atenção que era pra dar como um pai de família • E., 29, COMPLEXO DA MARÉ.

Dormir tranquilamente à noite

A possibilidade de ter um ambiente familiar pacífico foi enfatizada de forma particular. Essa paz de espírito veio acompanhada pela eliminação do peso dos ombros em virtude do distanciamento face a identidades "pesadas" como "bandido" e "criminoso", e, especialmente, face ao "inferno" que tinham presenciado. C. associava esse sentimento aos seus filhos e ao que desejava para eles.

> O que eu tenho ganho tem dado pra me sustentar, pagar minhas dívidas, arcar com os meus filhos. Poder ter dia que eu tive ontem com eles, passar o dia inteiro com eles e gastando um dinheiro ali que eu sei que foi suado, mas hoje eu deito a cabeça tranquila no travesseiro... Fiz mal pra caramba a uma porrada de gente, quantas vidas eu não ajudei a se fuder aí, vendendo droga. Quantas vezes, quanto moleque que eu não incentivei a fumar maconha vendo eu sentado aí fumando, essa menorzada que eu vejo hoje em dia aí. Antes, a maioria eu vi correndo pelo morro com nariz cheio de meleca, descalço, de fralda, passava, via a gente aí armado, pistola na cintura, fuzil em bandoleira, pendura no pescoço. E hoje em dia tá aí, é porque eu também colaborei cara. E também porque eu penso nos meus filhos, hoje em dia eu vejo os meus filhos, e na localidade onde os meus filhos reside também tem crime, e os caras de lá tudo sabem que eles são meus filhos, então, eles vê, eles passam e os caras falam com eles, perguntam por mim, vou buscar *[os filhos]* e os caras vem tudo falar • C., 33 ANOS, CERRO-CORÁ.

E. e outros saíram por receio a deixarem os familiares desamparados na eventualidade da sua morte:

> Eu entrava dentro de casa, ficava vendo a minha filha, meus filhos, eu ficava com medo de um dia eu ir embora 'Cadê o meu pai, mãe?' E minha mãe que ia sofrer com aquilo, minha mulher que ia sofrer com aquilo • E., 29, COMPLEXO DA MARÉ.

Depois de deixar o crime, começou a dar valor aos momentos passados em família, especialmente com a filha: "procuro recuperar o tempo perdido, o que eu não pude fazer antes eu faço agora com a minha filha", disse ele, "procuro ajudar a fazer o dever dela, converso com ela o que é certo e não é certo, pra não ficar andando com más companhias, não ficar na rua, procuro agradar, brinco com ela, com calma".

C. falou sobre o tempo que passa com os seus filhos, que ele considera a principal recompensa pelo abandono do crime. Além disso, e ao contrário do seu pai, ele tinha-se esforçado por manter uma abordagem compreensiva com os filhos:

> Eles passam o dia todo comigo, fomos ver o desfile, depois fomos no cinema *[...]*. Eu não quero cometer com eles os erros que meu pai cometeu comigo, estupidez, não querer ouvir, só valer a opinião dele, não. Meu filho quando apareceu com a orelha furada, eu queria... Depois apareceu com dois, eu: 'puta que pariu'. Mas aí, essa minha atual mulher, que é a mulher que me ajuda muito, *[disse:]* 'O mundo que eles vivem hoje é esse, é totalmente diferente do que tu foi criado'. E ela mesmo senta comigo e conversa. Eles sabem que eu não gosto, vira e mexe eu solto uma pra eles, mas eu procuro não ser da maneira que meu pai foi comigo • C., 33 ANOS, CERRO-CORÁ.

Forte apoio familiar: crucial para a saída do crime no caso de alguns traficantes e de alguns ativistas

Existem alguns exemplos de famílias que se mobilizaram para dar apoio aos homens que pretendiam sair do tráfico. Por exemplo, um pai acompanhou o filho quando ele se despediu dos parceiros e pagou as dívidas aos traficantes, enquanto que a mãe, primos e familiares espalhados, juntaram-se para o apoiar financeira e emocionalmente, ajudando-o a organizar a viagem para o Norte do Brasil, onde ia morar com a avó.

Um conjunto de entrevistados também assinalou a influência protetora e positiva de outros membros da família, incluindo figuras maternas e paternas, que os ajudaram a criar um sistema de apoio. O mesmo ativista que citou a presença de um irmão como figura paterna também referiu o papel de uma tia como fator protetor, ajudando-o a lidar com a violência do pai.

Quando confrontados com situações violentas e/ou conflituosas no lar, alguns entrevistados sublinharam a presença de irmão como figuras chave, que os ajudaram a lidar com essas tensões. Por exemplo, um ativista cujo pai tinha tentado suicidar-se, descreveu o papel essencial que o seu irmão mais velho desempenhou ao lidar com a situação:

> Dos cinco, o líder da família era o segundo irmão, era *[...]* seis anos mais velho que eu e que era minha referência paterna. Ele que me levava pra escola, ele que cuidava de mim. Até hoje nós somos irmãos muito amados, e acho que, óbvio, na nossa idade nós ficamos muito amigos, mas ele foi fundamental pra eu ter uma referência paterna. Era meio meu ídolo
> • ATIVISTA, 53 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

No caso de ex-traficantes, as descrições espontâneas dos relacionamentos próximos que mantinham com as suas mães eram frequentes e significativas. Sentiam-se especialmente protetores das mães, sobretudo depois de as terem visto lutar contra as adversidades – resultantes da pobreza e geralmente do fato de serem mães solteiras, que tinham sido abandonadas ou que eram vítimas de violência às mãos dos maridos. Tal como tinha sido sugerido em pesquisas realizadas anteriormente em favelas, as mães em situação de pobreza tinham criado uma geração de homens jovens e as avós também desempenhavam um papel significativo no crescimento das crianças da família, incluindo filhos de ex-traficantes e de mulheres entrevistadas.

Curiosamente, os ex-traficantes faziam frequentemente referência às mães como razão para a *adesão* ao tráfico (como forma de prover para a família e apoiá-la na sua luta) e como razão para a *saída* (dado o sofrimento e preocupação que causavam). Globalmente, as entrevistadas e os entrevistados envolvidos no tráfico descreveram a parentalidade através de dois pólos extremos: fontes de sobreproteção e obstáculos à saída de casa (sobretudo no caso das meninas), ou promotores de excesso de liberdade das crianças, deixando-as "soltas" na rua e, logo, mais expostas ao envolvimento no tráfico.

FORMAS DE "ACALMAR-SE"

Os homens entrevistados referiram-se de forma repetida a questões que tinham a ver com a tomada de consciência e reflexão sobre a sua situação. Isso sucedia tipicamente depois de episódios violentos, quando geralmente se sentiam desconectados. Enquanto descreviam sentimentos como adrenalina e absorção durante momentos de violência; aqueles com características de resiliência tendiam a refletir e a processar esse tipo de experiência posteriormente.

Os participantes distribuíram importantes estratégias diárias de enfrentamento, resistência e evitaram transferir a violência que viviam na rua para casa. Homens e mulheres policiais discutiram as estratégias que usavam para "se acalmarem", sobretudo depois de um dia estressante de trabalho. Para uma mulher co-

mandante de UPP, cujo marido também era policial, ter filhos obrigou-os a deixar para trás o que quer que tivesse acontecido na "rua", antes de entrar em casa. Os dois tinham vários rituais que os ajudavam nessa tarefa. Tinham um sofá na entrada do prédio e, por vezes, a comandante ficava sentada aí durante uns momentos, antes de entrar em casa. Mandava sempre uma garrafa térmica com café para o porteiro, para que pudessem beber juntos, antes de subir para o apartamento. Sempre que o marido demorava a chegar, ela sabia que o dia tinha sido duro.

Outra esposa de um policial explicou que o marido costumava andar de bicicleta todos os dias, depois do turno. Contudo, quando foi promovido e o trabalho se tornou mais estressante, ele começou a beber todos os dias, depois de chegar a casa, e raramente passava tempo com o filho pequeno. Uma psicóloga da PMERJ contou que os seus pacientes na polícia viviam situações semelhantes. Uma jovem soldado tinha comentado que o marido – igualmente oficial da PMERJ – chegava em casa "com atenção e afeto" e que preparava a comida para quando ela chegasse a casa. Outra esposa de um policial militar explicou que o marido costumava ir ao ginásio, mas que atualmente fazia construções com azulejos para esquecer o que se tinha passado na rua.

Cozinhar, andar de bicicleta ou qualquer outro tipo de ritual ou hobby constituíam formas importantes de "acalmar-se" usadas pelos policiais. Mecanismos semelhantes foram referidos também, em menor número, em outros grupos de entrevistados. Esses rituais permitiam ainda contrariar os mecanismos negativos de enfrentamento do estresse, como o uso da violência, o isolamento face à família, ou o recurso ao álcool e a prostitutas:

> Menos agressivo eu acho que eles não querem ficar. E uma estratégia totalmente torta: eles recorrem a bebida, eles recorrem as drogas, a amantes, sexo, são essas estratégias que eu vejo de uma forma generalizada. Na minha própria casa eu vejo isso, assim, eu tento falar para *[meu marido]* 'cara você está alcoólatra'. E ele, 'claro que não', assim deu uma diminuída mas era quase que diariamente que chegava e ia beber *[...]*. Tenta burlar, se enganar, mas pra mim isso é para lidar com o sofrimento • PSICÓLOGA, 37 ANOS, PMERJ.

AMPLIANDO AS PERSPECTIVAS DE VIDA, GANHANDO MOBILIDADE

Tanto os ex-traficantes quanto os ativistas relataram processos de ampliação das perspectivas de vida. Por exemplo, os homens envolvidos no tráfico explicaram que antes sentiam que o tempo escasseava e que deviam, por isso, viver intensamente o tempo que lhes restava. Com a saída do tráfico, começaram a planejar as suas vidas em longo prazo. Ao abandonar o tráfico, não desistiram apenas das experiências associadas ao tráfico – festas, sexo casual etc. –, tendo começado a

viver de forma mais frugal, a pensar em construir uma família e em adquirir bens materiais que seriam necessários com o passar do tempo.

A mobilidade urbana ampliada foi especialmente importante, porque lhes permitiu transitar pela cidade sem medo de serem reconhecidos ou presos, podendo entrar em áreas inimigas, no caso dos traficantes, e aceder a oportunidades além da favela – nomeadamente além do tráfico.

Para esses, a vivência da cidade e a cidade em si começaram depois da saída do crime. F., por exemplo, tinha viajado para outros estados e para outros países, contudo, devido ao seu status ilegal nunca tinha visitado as principais atrações turísticas do Rio de Janeiro. Ele recordou com emoção a experiência de visitar um desses locais: "passou um filme na minha mente", "comecei a chorar" e a sensação de liberdade que sentiu ("eu sou livre, eu faço o que eu quero"). O relato abaixo é de B.:

> Eu não saia do morro pra quase nada *[...]*. Você até sai, mas você fica muito agoniado na rua. Você tá com problema, aí acha que alguém pode te ver, te denunciar, você acha que um policial que já te conhece vai te ver, vai te prender. Então, você evita de ir pra poder ficar mais seguro, no caso se sente mais seguro na comunidade *[...]*. Agora eu tô tranquilo, eu vou com meus filhos no shopping, vou a praia, vou pra qualquer lugar tranquilo, com documento tudo certinho, não devo mais nada a justiça, normal
> • B., 43 ANOS, COMPLEXO DO ALEMÃO.

O poder e status dos traficantes está limitado à sua comunidade (ou, em alguns casos, a várias). A mobilidade também guarda uma relação próxima com a forma como a exposição à violência e ao crime se entrecruzam fortemente com a desigualdade, uma vez que viviam em favelas e muitos residentes relatam ausência de mobilidade

Dados os desafios de se "manter fora do tráfico" no longo prazo, a distância geográfica das pessoas e territórios onde tinham estado ativos enquanto traficantes, assim como de territórios de facções rivais, era essencial. Manter a distância dos outros exigia a reconstrução de redes sociais. Essa distância era, em alguns casos, mantida inclusive depois do período imediatamente subsequente à partida, em virtude do receio de que a proximidade provocasse o desejo de regresso ou resultasse em riscos desnecessários. O papel central da mobilidade urbana entre as trajetórias dos ativistas é discutido na seção seguinte, centrada nos ativistas.

Ficou demonstrado que a educação contribuía de forma significativa para a ampliação das perspectivas de vida dos indivíduos e que também tinha um efeito protetor quanto à vitimização da violência e à construção de trajetórias não violentas. Os dados quantitativos sugerem que quanto maior for o nível de educação dos homens, menor é a probabilidade de perpetuarem violência sexual ($p=0.015$) e nas relações íntimas ($p=0.014$).

CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE

A nível individual, eram evidentes competências emocionais e pró-sociais em todos os grupos em termos das suas trajetórias não violentas: capacidade de dialogar, relacionar-se com outros e mediar. Os ativistas descreviam estas competências como algo que desenvolveram desde cedo, interrompendo brigas na escola ou na comunidade. Já os traficantes descreviam, de forma curiosa, o lado positivo das competências que tinham adquirido ao "aprender a lidar com pessoas em situações complicadas". Pesquisas sugerem que um conjunto de fatores individuais e ambientais conduzem a fatores de resiliência ou proteção em contextos marcados pela adversidade (Barker, 2005).

Alguns homens entrevistados explicaram como a saída do tráfico era tida como um assunto individual. Em primeiro lugar, tratava-se de **um teste à sua força de vontade,** que levava ao apoio de alguns e se afirmava contra a recusa de outros. Assim como a entrada e a progressão no crime, a saída do tráfico era muitas vezes vista como uma prova da disposição do indivíduo. "A pessoa que gosta de você, quer ver teu bem", comenta E., "mas a pessoa que não gosta 'Ah daqui a pouco ele volta, ele é assim mesmo', não confia no teu potencial, de que você pode mudar, acha que você vai ser sempre aquilo ali". O relato a seguir, de H., sublinha o papel das redes de apoio nesse processo, pessoas que acreditam em vez de duvidar da capacidade dos homens em abandonar o tráfico. Para esse homem, sair e manter-se longe do tráfico tornou-se uma fonte de orgulho:

> Aí eu cheguei aqui também na comunidade já estava pacificada e muita gente falava 'Vamos ver se ele vai meter mão agora.' A gíria meter mão é se vai formar de novo ou não. 'Vamos ver qual é a dele, ih, não vai meter a mão porque tá com polícia aí, isso aí daqui a pouco ta roubando os outros de novo, não tem jeito mais não.' E hoje em dia eu bato no peito e digo que eu mostrei tudo ao contrário, eu posso bater no peito eu dizer que eu sou um projeto e eu sou uma pessoa especial, eu hoje em dia eu ando de cabeça erguida. Eu tenho o meu trabalho eu ainda tenho a ajuda do projeto que eles me davam antes entendeu • H., 23 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

Diversos entrevistados referiram-se à sua saída do tráfico como consequência do seu amadurecimento. Também explicaram o seu envolvimento como resultado das atitudes imaturas e imprudentes que tinham na altura da adesão. A decisão de abandonar o tráfico de drogas foi geralmente apresentada como **produto de uma atitude responsável, que refletia a sua maturidade recém alcançada.**

Alguns entrevistados também referiram a sua **desilusão face ao crime**, insistindo nas mudanças ocorridas no mundo criminal ao longo da última década: não podiam justificar moralmente a violência crescente do crime. Além disso, se, como vimos, alguns entrevistados beneficiaram-se com a violência criminal;

quando questionados sobre a sua saída, alguns relataram o desejo de se ver livres do peso de saberem que o seu bem-estar tinha sido obtido à custa de outros. Nas palavras de A.: "é péssimo, é bom quando você usufrui, é feliz sem tirar a felicidade de ninguém. Você é um criminoso, é taxado como um criminoso, na humanidade é ser do mau e ninguém quer ser do mau".

Adicionalmente, o relato de G. indica que a saída foi vivida como uma **ampliação de horizontes:** o reconhecimento das oportunidades de vida que desconhecia durante a sua passagem pelo crime. "Você tá no tráfico, você usa mais droga. Você vive no mundo da droga ou na droga no mundo, você pensa isso", afirma G. E continua: "Mas não é bem assim, porra, a gente tem um mundão aí. Vários bagulhos pra fazer, curso, só basta sair de dentro pro cara cair na real". Se a vida no tráfico era vista como uma ilusão, faz sentido que alguns dos entrevistados se refiram à saída do tráfico como o momento de reconhecimento da realidade.

As narrativas de outros enfatizaram a importância da capacidade de análise, de um olhar distanciado e crítico dentro e fora da criminalidade. Alguns explicaram que ganharam essa capacidade durante o tempo em que estiveram presos ou na eventualidade de circunstâncias traumáticas. Sistematicamente, os entrevistados afirmaram que "não sabiam onde se tinham metido", "que uma coisa levou a outra" ou questionavam-se: "como é que eu cheguei aqui?" – e mesmo quando equacionavam a saída do crime, o processo parecia-lhes incrivelmente difícil.

> Se você chegar agora na boca de fumo e chamar um jovem pra conversar, você vai falar horas e horas e ele não vai entender... mas se ele passar metade do processo que eu ou um dos outros jovens que estão no projeto *[que incentiva e auxilia a saída do crime]* ele compreenderia • H., 23 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

Estes relatos sugerem que, além de lhes proporcionarem meios de vida, o crime tinha-lhes dado possibilidades (e exigido deles) de agir de certas formas e de adotar formas particulares de masculinidade que favoreciam o uso da violência. Muitos deles, porém, distanciaram-se eventualmente destas atitudes.

REJEIÇÃO DE NORMAS MASCULINAS ASSOCIADAS À VIOLÊNCIA E AO TRÁFICO

Tanto os ativistas quanto os ex-traficantes rejeitavam de forma aberta as normas associadas às masculinidades dominantes e os valores ligados às facções de tráfico de drogas. Por exemplo, alguns ativistas rejeitavam valores associados a ter relacionamentos com várias mulheres e à posse de armas, ambos símbolos populares de status entre os traficant--es.

Vários ativistas também refletiam sobre e eram capazes de "ver além" e rejeitar símbolos de status e poder, incluindo o uso da violência para alcançar esses marcos:

> Acho que é o poder, né, a representação do poder, da autoridade *[...]* de que quem olha pra ele sabe que ele é uma pessoa perigosa, e a possibilidade de ficar famoso por estar segurando a arma. Eu não sinto neles uma, 'ah fulano tem que saber que, porque depois que fica como'... ter arma e aí entre eles já há uma briga pra quem fica mais famoso por ser mais violento. Então, por exemplo, você foi pego bêbado, querendo bater na mulher. Aí a tua mulher foi lá e chamou o traficante, quando eles chegam, é uma briga entre eles pra mostrar quem é mais violento, então você é utilizado como representação do poder que eles podem ter sobre uma pessoa • ATIVISTA, 43 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

O mesmo ativista reconheceu o desejo de reconhecimento dos traficantes, mesmo através da violência, apesar de, ironicamente, o reconhecimento nessas mesmas estruturas estar ligado, muitas vezes, ao domínio de outros tipos de competências:

> Nesse projeto mesmo *[trafico]*, tem alguns deles que quando falam assim, eu sou fulano, 'pow' eu nunca ouvi falar de você, nossa eles ficam numa decepção, você percebe no olhar, *[...]* Então depois que eles entram tem essa necessidade de dentro do grupo, eles crescerem em função da maior capacidade de ser violento apesar de do lado de lá os garotos que ganharam mais destaque dentro da hierarquia eram os que sabiam fazer uma conta. Eram os que tinham uma habilidade escolar melhor para lidar com os números, para lidar com dinheiro • ATIVISTA, 43 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

Essa rejeição estava menos presente entre os policiais, apesar de alguns oficiais de mais alta patente tolerarem a vontade dos soldados de baixa patente em demonstrar o seu valor e usar armas de fogo mesmo quando tal não era necessário. A restante seção discute as estratégias usadas especificamente pelos traficantes, policiais e ativistas entrevistados pela pesquisa qualitativa.

TRAJETÓRIAS NÃO VIOLENTAS: ESTRATÉGIAS DOS EX-TRAFICANTES

Contrariamente às gangues da América Central e de outras partes do mundo, no Rio de Janeiro os homens que ocupavam posições inferiores no tráfico de drogas entravam e saíam do tráfico várias vezes. Os homens mais jovens que participaram do tráfico e aqueles que permaneceram como vendedores e mensageiros (em vez de chefes ou de ocuparem outras posições superiores) relataram ter entrado e saído do tráfico em média três ou quatro vezes. Os processos de transformação rumo à violência são, por isso, tudo menos lineares.

Alguns tinham abandonado o crime há alguns anos, enquanto que outros o tinham feito recentemente, uns meses antes das entrevistas. Os ex- traficantes explicaram que a motivação para a saída do crime era resultado de um conjunto de fatores.

APOIO DE ONGs NA SAÍDA DO TRÁFICO DE DROGAS

Dos ex-traficantes entrevistados, seis tinham abandonado o crime enquanto participavam num programa de apoio de uma ONG. A longo dos últimos anos, um conjunto pequeno de ONGs no Rio de Janeiro tem liderado projetos de apoio dedicados especialmente à reintegração de ex-traficantes. Apesar de importantes, esses projetos tendem a ser de pequena escala e temporários, uma vez que são baseados em subvenções (em vez de institucionalizados, com o apoio do governo). Durante o curso da pesquisa, apenas um projeto procurava de forma ativa recrutar homens jovens em processo de saída do tráfico (outro projeto empregava uma geração mais velha de traficantes).

Tipicamente, esses projetos de ONGs proporcionam oportunidades de educação e capacitação profissional e uma bolsa durante o período de um ano, até os ex-traficantes conseguirem emprego (o que é geralmente complicado, devido aos seus antecedentes criminais). É-lhes oferecido também apoio legal e psicológico, assim como aconselhamento sobre o valor do trabalho e da família, os benefícios em longo prazo associados a levar uma vida "na legalidade" e a expansão de horizontes e expectativas que uma vida fora do crime pode trazer.

Para todos, conseguir um emprego foi-se tornando mais difícil à medida que iam entrando novamente no mercado de trabalho formal, especialmente depois de grandes ausências ou em virtude do cadastro criminal, e sem que tenham outras competências ou nível de educação apropriado. Como exemplo dos desafios que enfrentam, ex-traficantes que participavam num programa de apoio de uma ONG disseram que alguns já tinham regressado ao tráfico, ainda que em menor grau, entre o início e meio da pesquisa de campo.

Embora pese a desconfiança de alguns entrevistados face à religião, a adesão a instituições religiosas – especialmente à igreja evangélica – ou a crença em Deus tinha sido essencial em algumas trajetórias. Através da fé, eles conseguiram o

apoio psicológico necessário, reafirmando princípios contrários ao crime. Nesta pesquisa, este tema surgiu em menor número nas entrevistas, mas historicamente a conversão tem sido um dos meios mais bem aceites para a saída do tráfico no Brasil (Teixeira, 2008, 2011) e em outras partes da América Latina.

TENSÕES COM FAMILIARES ENCORAJAM OS TRAFICANTES A SAIR DO CRIME

O sofrimento causado aos familiares em resultado de envolvimento no tráfico; a incapacidade de se manter a par da vida familiar cotidiana; a percepção de que a família depende deles; o medo de, em caso de morte, deixarem a família desamparada; e o desejo de desempenharem de forma adequada o papel de pais de família, como foi descrito anteriormente – foram as razões citadas pelos homens para o abandono do tráfico de drogas.

Em alguns casos, os homens relataram ter tomado algumas medidas para garantir o distanciamento entre a família e as atividades criminais durante o tempo em que estavam envolvidos, num esforço constante para demarcar as fronteiras entre os dois mundos, o que sugere o reconhecimento e valor que davam à família. A maioria dos ex-traficantes, chefes do tráfico, de uma geração mais antiga, e que tinham "governado" uma comunidade demonstravam preocupação com os moradores, gostavam das comunidades e relataram, a par de outros entrevistados, as formas através das quais tinham procurado proteger os membros da comunidade face à violência. Um descreveu que, numa ocasião, tinha inclusive tirado munições da arma de um policial. Dois ex-traficantes também tinham proibido o uso de violência contra mulheres: um porque não queria ser como o pai, e outro porque achava que era o correto.

ENCARCERAMENTO: SOFRIMENTO E REFLEXÕES SOBRE OS IMPACTOS NA FAMÍLIA

A prisão surgiu de forma destacada entre as experiências que ocasionaram a decisão de saída do crime. A questão da família foi também recorrente nos relatos de vários traficantes. Até aqueles que regressaram ao crime depois de terminada a sentença sublinharam a dor da experiência de encarceramento. "Fiquei 3 dias, eu era de menor, no quarto dia eu vim embora", contou, por exemplo, E., "aí eu fiquei com medo daquele negócio ali que eu nunca tinha ido pra cadeia, cadeia é um negócio sinistro. Tem um amigo meu que voltou maluco da cadeia. É um negócio muito sofrido, muito ruim, negócio assim que você vê assim e você fala, 'pô isso aqui não tá dando não'". Foi precisamente por causa desse sofrimento que C., I. e A. começaram a refletir sobre os custos do seu envolvimento no tráfico de drogas, e sobretudo sobre o fardo que tinha recaído sobre as suas famílias, conduzindo-os, em última análise, à decisão de abandonar o crime. "Eu vi que eu tinha três pessoas que dependiam da

minha mudança de vida", relata C. que tem 33 anos, "meus dois filhos e meu pai, e foi aí que eu decidi, e isso aí veio como uma porta que Deus abriu e eu foquei nisso e tenho focado". Nos casos de I. e A., a decisão de abandonar o tráfico resultou de conversas com familiares durante o encarceramento:

> Lá dentro, eu falei: 'não quero isso pra minha vida'... Minha mãe também falou muito comigo Filho você não precisa disso'. Porque eu fazendo, meu irmão que é menor do que eu vai ganhar a mesma influencia que eu *[...]* 'Caraca meu irmão faz, vou fazer também, deve ser maneiro ficar de peça no baile' *[...]*. Aí eu falei 'Não, não quero, meu irmão... Eu sei como é, eu vivi essa vida, eu não quero que meu irmão viva também'. Aí eu fui, botei na minha cabeça e sai dessa vida *[...]*. Aí meu irmão, também, chorando, minha irmã. 'Cara, meu irmão sabe que eu fui preso, imagina meu irmão seguir a mesma coisa que eu seguia?' Meu padrasto também conversou comigo, aí eu comecei a chorar *[...]*. Fiquei na solitária, me deixaram de cueca, no tempo que eu fui preso tava mó frio, lá na solitária de cueca e ainda ligaram o ar condicionado, lá dentro é um bequinho, um negócio assim de pedra pra você sentar, um buraco pra mijar e pra cagar só. Tremendo, sai de lá branco 'Meu filho branco.' Aí sai algemado • I., 18 ANOS, MESQUITA.

> A tua família, a tua esposa, eu sou casado no papel, então você não tem... Você tem filho, mas você não tem uma vida familiar, entendeu. Então você sofre e começa a passar aquele sofrimento pra sua família. Aí você vai preso vai a tua família, vai tua esposa, vai teus filhos tudo pra porta da cadeia. Aquilo ali já começa a te machucar porque você está passando sofrimento pra uma pessoa que não tem nada a ver com aquilo ali mano. Então aquilo ali começa a te magoar, teus filhos passar aquela humilhação, passar aquelas coisas todas. *[...]* A próxima a data pra eu ir embora *[da prisão para o tráfico novamente]*, a esposa chorando *[...]* 'Tu vai voltar pra essa vida? *[...]* E eu vou ficar sofrendo com nossos filhos'. Aquilo ali foi... 'Cara, vamos trabalhar, a gente consegue viver, a gente dá um jeito' • A., 51 ANOS, COMPLEXO DO ALEMÃO.

Em outros casos, a prisão representou a intensificação das práticas criminais. Funcionou como um período de estabelecimento de novos contatos com o crime, de aprendizagem e de aquisição de novas experiências. Adicionalmente, em alguns casos, a prisão garantiu-lhes segurança. Manteve os traficantes longe dos conflitos armados e, por essa razão, os anos passados na prisão eram algumas vezes uma das razões pelas quais alguns entrevistados tinham permanecido relativamente ilesos depois de tantos anos no crime. B, por exemplo, fez a seguinte avaliação: "27 anos *[no crime]*. Desses 27, dez anos preso, eu acho que se eu não tivesse ficado preso esses dez anos eu tinha morrido".

SAÍDA DEVIDO A EVENTOS TRAUMÁTICOS E RISCOS: A MORTE DE AMIGOS E O RISCO DE SEREM BALEADOS

Nas trajetórias de vida de alguns entrevistados, o abandono do crime deu-se após um evento traumático, a que se somava a idade, o cansaço face às perdas, os riscos e ao estilo de vida associado ao tráfico. Frequentemente, determinados eventos traumáticos motivaram os homens a analisar os custos de uma vida no tráfico e a concluir que o crime não compensava. Tal como foi dito pelos entrevistados, os momentos traumáticos levaram-nos a repensarem as suas vidas, a refletirem sobre si próprios e/ou a tornarem-se receptivos aos apelos dos familiares para que deixassem o crime:

> Deu infecção pulmonar, aí eu fiquei seis meses no hospital e sofrendo pra caramba, tá ligado, sofrendo pra caramba, aí eu falei, pow', vou sair desse bagulho, tá maluco, isso não é vida, não', aí como, eu procurei abrir minha mente *[...]*. Do jeito que eu era, tipo assim, que Deus me livre e me guarde e me dê muitos anos de vida, mas já era pra mim tá morto, eu fiquei seis meses no hospital, aqui oh *[mostrando sua cicatriz]*, onde tem um buraquinho, ficava um dreno, entendeu, tipo um cachorrinho. Isso foi o que me deu força • G., 26 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

Vale a pena sublinhar, contudo, que as lesões, os ferimentos a bala e outros eventos traumáticos nem sempre conduziram a pontos de viragem nas suas vidas. Na maioria dos casos, e mesmo nos casos de entrevistados que mais tarde decidiram sair por causa de algum tipo de revés desta natureza, um golpe deste teor não deu lugar a reflexões sobre a vida que levavam. Por outras palavras, a análise dos custos associados à vida no tráfico não os conduzia necessariamente à decisão de abandonar o crime. É a soma específica entre a trajetória de vida e um evento particular que transformam esse último momento de viragem.

Os entrevistados descreveram tiroteios, a morte de companheiros, a violência sofrida – que permanece com eles – o medo de serem presos ou mortos; a vida agitada que levavam, em alerta constante e longe das mulheres e filhos; as dificuldades em acompanhar o crescimento dos filhos; e as horas longas e excessivas de trabalho, "em plantão".

Os relatos abaixo são de C., que ocupava uma posição proeminente no tráfico:

> É uma situação que eu não consigo nem te explicar aqui como que é carregar um companheiro morto, com tiro na cara, com o estômago aberto, tu vendo o intestino grosso do cara saindo pra fora, ver o cara morrendo, o cara segurando na sua mão ali, vendo a agonia do cara lutando contra a morte *[...]* o cara falar: 'Não esquece dos meus filhos lá não *[...]*, cuida das minhas filhas por mim.' Tu vendo o cara morrendo e tendo que ir embora e deixar o cara ali.

> Me deu até um negócio por dentro do peito quando volta nesses assuntos *[...]*. Mas tu envolvido com aquilo tudo ali, arma, mulher pra caramba atrás de tu, e baile funk todo final de semana, rap proibido falando o teu nome, isso tudo meio que cega, a luxúria, a sensação de poder que tu tem: o impotente, o poderoso. Isso aí te cega • C., 33 ANOS, CERRO-CORÁ.

Vários homens jovens diferenciavam a adrenalina ou a indiferença sentidas durante os momentos da violência das memórias, geralmente vívidas, que vinham mais tarde, seguidas de insônia.

> Só que quando você retorna... *[...]* la pra casa, tomava aquele banho gelado, aí ficava lembrando de tudo e tal, aí acontecia muito comigo e com uns colegas meus que já não são vivos. Eu lembrava da fisionomia da pessoa, é como se eu sentisse – até me arrepiei – era como se eu sentisse o terror que eu passava pra pessoa no olhar, ou quando botava a arma na mão de uma criança, o terror no semblante do pai, ou da mãe. Um exemplo, um cara bombado, forte, e eu um simples magrelo, eu colocando, **mostrando pra ele que eu sou o cara**. Então tudo aquilo vinha, eu parava assim e pensava: 'caralho, que loucura, que doideira' e pra dormir depois... • H., 23 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

O risco e a preocupação constante foram as razões que levaram E. e G. a optar pela saída do crime:

> Você sofre muito. Eu fui pra guerra em outra favela, você vê seu amigo baleado te pedindo ajuda e eu não pude fazer nada por ele porque eu tava baleado também *[...]*. Quase que eu fui aleijado, minha mão esquerda não fecha.

> Nossa, você não imagina, você ficou 13 anos no tráfico, quantas adrenalinas você não passou? A polícia está lá do seu lado e te dá tiro e você tem que correr assim desesperado. E tu vê, tu se adiantando e outros amigos ficando *[...]*. Tu invadir a área inimiga, você não saber o que tem atrás daquele beco, em cima daquela laje *[...]*. Se eu pudesse voltar a atrás, fazer tudo diferente, eu faria tudo diferente *[...]*. É um negócio assim que tu vê que não vale a pena, tu vê que é coisa do inimigo *[diabo]* mesmo. Você vê que aquele negócio ali é só pra te deixar cego mesmo, infelizmente o inimigo é sujo mesmo, ele te cega com roupa, moto, carro, cordão de ouro, vida boa, armamento, respeito *[...]*, sensação de poder • E., 29 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

> Entrava e saía [do tráfico], mas às vezes ficava um tempão. Se escondendo de polícia, armado, dinheiro dos outros na bolsa, o cara não dorme direito, não bota a cabeça pra dormir *[...]*. Sempre preocupado com a sua vida *[...]*.

> Só baile, whisky, mulher, muita noite perdida de sono, num beco, em vielas, escondido, é fogo *[...]*. Pra mim nunca teve lado bom *[...]*. Quem tá falando que é bom é doido. Lado bom se você pode perder a sua vida amanhã? Tem três coisas: morrer, ser preso e ficar na cadeira de rodas. Só se for esses três lados bom pra eles *[...]*. O único que sobrou [dos amigos que foram contemporâneos seus no tráfico] foi eu e aquele rapaz lá, que tu tava lá conversando lá fora lá [refere-se a E.] • G., 26 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

"É QUASE IMPOSSÍVEL SAIR": JOVENS E POSTOS INFERIORES TÊM UM PAPEL A CUMPRIR

Os mais jovens e com menor status têm geralmente menos obrigações e maior probabilidade de sair do crime. Existem vários obstáculos a essa saída e esses obstáculos tendem a aumentar com a idade e posto/status. Cada um tem de lidar com um emaranhado de obrigações políticas, econômicas e morais, atravessadas pelo cariz ilegal do crime. Especialmente no caso dos homens que tinham ocupado posições superiores nas facções, estes tinham de pagar as "dívidas pendentes" (ao chefe), "e, assim, evitar ficar vulneráveis", como foi descrito por um antigo traficante.

B., por exemplo, relatou que antes de abandonar o crime teve de coordenar a entrega de armas e drogas que lhe cabiam, negociar com vários atores em outros locais ou em prisões, e até tratar das heranças de companheiros falecidos.

> Eu penso que adolescência, nessa fase de descobertas aí... Quer ver, o cara entrou pro tráfico ai o tempo passa, vai ficar adulto. ... Eles aprenderam assim, eles foram criados dessa forma. Eu lá adolescentezão, 13, 14, 15 anos, que foi o meu caso. A adolescência vai passar, vai ficar adulto, se algum dia depois de adulto ou até na adolescência mesmo ele quiser sair, já não dá mais. Primeiro porque ele se acostumou com aquela vida fácil, ele não tem profissão nenhuma, ele não sabe fazer nada, ele não sabe obedecer ninguém, ele não tem regras, ele acorda a hora que quer, dorme a hora que quer, faz o que quer. É claro, tem uma hierarquia dentro do tráfico, mas você tem essa liberdade.

> E eu vejo o seguinte: o cara entrou *[no tráfico]*, tá lá com todo seu poderio, sucesso, 20 mulheres dentro da favela, moto do ano, carro, o melhor tênis possível, um cordão de ouro. Ele não tem paz e se ele quiser sair não dá mais. Porque ele já conheceu muita gente, já viu muita coisa, conhece toda a organização da coisa, tem um montão de inimigos, o dinheiro que ele juntou, ele juntou mais inimigos do que dinheiro. Pra sair agora é quase impossível. E aí a coisa vai ser ou morrer ou ir preso • D., 31 ANOS, VIDIGAL.

É como se, ao contrário do que aconteceu no passado, as configurações mais recentes do tráfico não atraíssem atores com experiência e maturidade. Desse modo, aqueles que, à semelhança de alguns entrevistados, tinham tido a sorte de não morrer e de envelhecer no crime, acabaram por sentir-se deslocados.

B., com 43 anos e do Complexo do Alemão, descreveu como a maturidade veio acompanhada da fadiga física e mental:

> Porra, não aguento mais não, tô velho, não aguento mais ficar preso, tenho três tiros no corpo. A idade chegou não tem como bancar mais não *[...]*. Eu era magrinho, agora to gordo, não aguento correr atrás da polícia, também não aguento mais correr deles... Ai a cabeça muda, a idade vai chegando cansa, a cabeça muda, vai tendo mais a visão das coisas *[...]*. É foda, você vai cansando, pensa que é uma coisa quando vê é outra.

Os entrevistados também relataram apego àquilo que o crime lhes proporcionava, dizendo que "depois que acostumou aí pra sair é muito ruim". Falaram ainda da situação vulnerável daqueles que decidiam sair, sobretudo associada à potencial violência de que podem ser alvo da parte dos traficantes e da polícia. A., por exemplo, brincou sobre as várias ameaças de morte que tinha recebido: "Quer ver o que falo pra eles? Entra na fila quem quiser me matar porque a fila deve estar passando de São Paulo". Podiam ainda ficar numa situação de vulnerabilidade devido a dívidas com a justiça; à dificuldade em obter um emprego, especialmente no caso dos ex-detentos; ou em virtude de salários inadequados. Estas eram as razões invocadas por H., G., e E. para o regresso ao crime depois de várias tentativas de saída. Além disso, havia ainda a necessidade de darem apoio à família e a insegurança e dificuldade em imaginar futuros diferentes depois de tantos anos no tráfico. Como A. sublinhou: "40 anos de crime, pra você sair assim... Pra onde?" Essas são algumas das dificuldades que os entrevistados enfrentam durante as estratégias de saída do crime.

"NÃO VALE A PENA": A VIDA DO CRIME SIGNIFICA ISOLAMENTO SOCIAL

Durante o período das entrevistas, os homens estavam vivendo um processo de reinvenção de si mesmos e eram unânimes em descrever a experiência no crime como negativa. Eles tinham usufruído dos benefícios do crime. Contudo, descreviam uma falta de justificação moral, classificando o gozo de uma vida de prestígio e sem regras, que marcou a sua trajetória criminal, como uma "ilusão" ou "cegueira". Segundo eles, os prazeres possibilitados pelo crime os mantiveram presos a uma vida que, em última análise, "não valia a pena."

As referências feitas ao crime eram quase sempre negativas e moralmente repreensíveis, com a exceção da idealização nostálgica dos "tempos do tráfico de drogas no passado". Alguns homens insistiam que o crime tinha um lado bom; mas, ao fazê-lo, mencionavam o hedonismo do seu estilo de vida e o que tinham aprendido com as experiências do tráfico, especialmente no que diz respeito a lidar com pessoas.

Ao falar das mudanças no mundo do crime, um entrevistado enfatizou o declínio de uma abordagem centrada no apoio e na coletividade face à ascensão do individualismo. Alguns homens decidiram abandonar o crime, inspirados pelo desagrado diante das configurações atuais do tráfico de drogas:

> Então era diferente, os caras tinham uma caixinha, se você fosse preso e dependesse de um dinheiro pra você sair, você ia lá, alguém ia na caixinha pegava, te soltava, pagava polícia pra te soltar. Hoje em dia aí tu vai preso ninguém quer saber de tu. *[...]* Tinha essa união um se preocupava com o outro. Se você tivesse um esquema pra fugir de uma cadeia, todo mundo botava um dinheiro • B., 43 ANOS, COMPLEXO DO ALEMÃO.

A esse respeito, as mudanças no tráfico podem ser entendidas como favoráveis a uma versão hipermasculina das masculinidades, tal como foi explicado pelo mesmo homem do Alemão:

> Hoje em dia ta cada um por si, a lei do mais forte 'porque eu sou o fulano de tal, eu tenho não sei quantos morros, eu tenho não sei quantos fuzil, eu que mando em tudo.' Aí ficou bem dividido.

REDEFININDO "O QUE É SER HOMEM DE VERDADE": ESTIMULANDO IDENTIDADES ALTERNATIVAS NÃO VIOLENTAS

Os resultados da pesquisa sugerem que as normas sociais que valorizam os homens enquanto provedores e trabalhadores responsáveis tinham que sobrepor-se à atração face a ser provedor e usar a violência. O envolvimento em projetos de reintegração liderados por ONGs que apoiam a transição de ex-traficantes para o mercado de trabalho é uma forma de o fazer, mas está limitada à duração do projeto.

Alguns jovens explicaram que buscavam identidades alternativas – e aliciantes – enquanto homens. A possibilidade de desfrutar de atividades de lazer e realizar identidades que, apesar de desassociadas da violência mantinham ainda algumas semelhanças com as estabelecidas no crime, era central para dois jovens, ex-traficantes. Envolveram-se numa dança chamada *passinho*, uma mistura de *breakdancing* e de funk, popular nas favelas do Rio. Apesar de o *passinho* não lhes garantir o mesmo volume de renda que o tráfico, envolve a performance de uma masculinidade que motiva um fascínio semelhante da parte de algumas mulheres (semelhante ao dos bailes funk). Apesar de não apelar a masculinidades associadas à violência, está ligado a capacidades físicas, técnicas e estéticas. Dançar proporcionava-lhes um espaço de exibição das roupas de marca – o "estilo" e o status que usufruíam antes enquanto traficantes – e uma plataforma para se exibirem na rua e em vídeos populares online. Um jovem, ex-traficante que dançava e pintava casas como forma de ganhar a vida, disse que se perguntou quando estava no tráfico se haveria outra forma além do tráfico para chamar atenção.

O outro jovem dançarino entrevistado, que também tinha estado envolvido no tráfico, disse: "Agora nos bailes, não são só os traficantes que chamam a atenção – os dançarinos também."

A pesquisa sugere que uma trajetória de saída da violência também proporciona a possibilidade de ajuste de normas de gênero no sentido de uma maior equidade, tal como se pode ver através dos exemplos dos homens que assumiram papéis mais ativos na realização de tarefas de cuidado e domésticas após a saída do tráfico. Além disso, os homens também justificaram a vontade de saída do crime através do desejo de minimizarem as preocupações dos familiares e, assim, melhorar o relacionamento com membros da família dos quais se tinham distanciado ou que tinham maltratado durante o seu envolvimento no tráfico. A tendência de múltiplas entradas e saídas do crime observada junto dos homens mais jovens e menos experientes aponta para a importância de capitalizar ao máximo os momentos de saída do tráfico.

TRAJETÓRIAS NÃO VIOLENTAS: ESTRATÉGIAS DAS FORÇAS POLICIAIS

Um dos achados centrais acerca das trajetórias não violentas dos policiais é que a "não violência" não é "obrigatória." Por outras palavras, todas as estratégias discutidas nesta seção dependem da prerrogativa individual dos policiais (ou talvez do incentivo da parte de comandantes com ideias semelhantes): obter treinamento em mediação ou outro tipo de treinamento que promova os direitos humanos e a resolução não violenta de conflitos ou uma perspectiva mais ampla sobre a violência urbana no Rio de Janeiro; desempenhar atividades de "polícia de proximidade" e desenvolver vínculos de confiança com moradores; procurar apoio psicológico para lidar com a violência experienciada no trabalho ou numa fase anterior da vida.

Os resultados qualitativos demonstram uma ausência de estratégias da parte dos policiais para resistir ou reduzir o uso da violência nas ruas, especialmente nos momentos em patrulha. Comparado com os homens policiais, as mulheres policiais entrevistadas destacavam de forma mais frequente a importância do diálogo e da mediação, encarando o uso da força como o último recurso em caso de conflitos. Este resultado deve ser analisado de forma mais aprofundada no futuro, tendo em vista compreender as suas implicações, nomeadamente as maiores expectativas e aceitabilidade na força policial do uso da mediação por parte das mulheres (quando comparado com os homens).

Elas discutiam a opção de sair das ruas e assumir posições administrativas. Também discutiam a importância de ir além do treinamento básico, em especial a prossecução de educação superior na área das ciências sociais, no caso dos coronéis. Esse tipo de educação permitir-lhes-ia uma maior capacidade crítica e de análise da segurança pública. Um coronel de 51 anos explicou, por exemplo, como usou a literatura, a poesia e a arte na formação de outros oficiais, inclusive para refletir sobre a morte.

Esse debate sobre a morte é parte de um discurso que se afasta da normalização – e até glorificação, como é sugerido pelo coronel – da violência, das armas e da morte que prevalece entre os traficantes.

Evitando levar o estresse laboral para casa

A principal estratégia não violenta sublinhada pela polícia foi a criação de mecanismos que evitassem levar o estresse laboral das ruas para a casa. Os policiais que operavam nas ruas (os Praças) estavam expostos a riscos associados com o uso da violência, pressões e sentimentos de desvalorização/sub-remuneração pelos papéis desempenhados. Por outro lado, os oficiais de mais alta patente queixavam-se de elementos estressores a nível institucional e político.

Vários policiais homens que manifestavam trajetórias não violentas refletiam sobre a importância de usar estratégias para evitar transladar o estresse laboral para a esfera doméstica. Os policiais relataram níveis extremamente elevados de estresse nos momentos de inatividade (quando estavam fora de serviço), que eram usados contra parceiras e familiares, mas também nos espaços públicos onde circulavam. Por exemplo, os policiais contaram histórias de medo de serem reconhecidos ou mortos quando estavam de folga. As parceiras dos policiais, duas delas integrantes da PMERJ, descreveram momentos de

estresse acrescido durante os protestos violentos que antecederam a Copa do Mundo, ampliados pelas más condições de trabalho e pela baixa remuneração.

As mulheres policiais também reconheceram esse tipo de estresse. Mas, como uma comandante explicou, o seu casamento com outro oficial da PMERJ foi importante para que percebesse e reconhecesse o estresse de ambos, sobretudo no período em que ele esteve no batalhão de choque:

> Eu tenho um facilitador muito grande: o meu marido é da mesma profissão e ele, assim, agora que ele ta no projeto UPP. Mas antes ele era da polícia repressiva, era batalhão de choque daí tu vê né, a tranquilidade *(risos)*, aí quer dizer tudo pra ele era tiro, porrada e bomba. Então, assim, imagina os dois revoltados juntos dentro de casa? Então a gente sempre teve que criar mecanismos • POLICIAL E ESPOSA DE OUTRO POLICIAL, 38 ANOS.

Finalmente, os policiais partilharam estratégias de comunicação com os filhos sobre a presença de armas em casa, de modo a minimizar riscos potenciais:

> Agora ele já tá maiorzinho eu falo com ele, não pode mexer, isso aqui é uma arma, isso aqui machuca • SOLDADO DA PMERJ, 41 ANOS.

> Quando eu fui ficando mais velha *[...]* ele tentava me deixar familiarizada com a arma, não tornava um objeto de curiosidade, então a arma desarmada ele falava assim: 'pega a arma, que está ali em cima, pelo cabo e traz pra mim', e eu pegava. E assim, ele tentava não tornar algum muito proibido para não atiçar a nossa curiosidade, mas ele sempre teve essa relação muito aberta com a gente: 'Não é para vocês mexerem nisso, isso é perigoso. Se vocês mexerem, vocês vão ter muitos problemas. Se vocês tiverem curiosidade para saberem como a arma funciona, eu posso levar você para a lugares para vocês entenderem, estandes de tiro...' Então eu nunca tive maior fascínio por arma • MULHER JOVEM, 23 ANOS, FILHA DE OFICIAL DA PMERJ.

Procurando apoio psicológico no seio das forças policiais

O apoio psicológico é chave para prevenir a transferência de violência das ruas para os lares. Este tipo de serviço, é, contudo, extremamente raro. À data do trabalho de campo, havia 50 psicólogos para 50.000 policiais militares. Vários entrevistados citaram a importância do apoio familiar ao lidar com a violência urbana, enquanto que vários policiais homens referiram a necessidade de apoio psicológico para a redução do estresse.

Uma psicóloga da Polícia Militar falou, em particular, longamente sobre o potencial dos serviços psicológicos. Deu conta de fortes resistências, por parte dos policiais, para procurar ajuda. Na sua opinião, grande parte dessa relutância deve-se às normas de gênero rígidas que associam os homens a policiais duros.

> Está muito estereotipado nessa imagem de policial militar tem que ser durão, que terapia é coisa para 'fraquinho'. Que enxergar os sentimentos, falar disso, sofrer, ainda, eu acho que ainda tem muita resistência • PSICÓLOGA, 37 ANOS, PMERJ.

O seguinte caso é também exemplo da resistência dos homens aos serviços psicológicos e do papel central – que continua a ser incomum – que um comandante pode desempenhar no apoio ao tratamento de policiais e, principalmente, à sua saída do trabalho de patrulha:

> Eu não acreditava, porque ele falava que a mulher continuava dizendo que ele ainda estava nervoso mas ele estava achando que estava melhor; e não quis, não tem como obrigar. Eu já falei pro chefe dele 'olha, eu acho que ele precisava, mas ele não quer e tem total liberdade de não querer. Mas se eu fosse você eu não colocava ele na rua por enquanto.' Esse chefe ouviu mas outro poderia não ouvir. E ai o que eu sempre fiz, fazia por escrito, se ele não ouvia falava vou fazer um ofício e você assina por favor, fazia, esse ficou trabalhando lá interno.

Abordar questões relacionadas com a autoestima e as experiências de desmoralização dos policiais surgiu como um elemento importante do apoio psicológico:

> Mais é porque ele tem os problemas dele lá de dificuldades de alto estima essas coisas *[...]* De uma forma geral os policiais tem uma autoestima muito ruim, eu e minhas colegas agente sempre ouviu isso *[...]*. Como eu falei, eles trabalham muito e não são valorizados agentes que trabalham. Eles têm uma carga horária de no mínimo 40 horas, no mínimo porque eles sempre trabalham mais, têm serviço, eles saem tarde. A gente tem hora para entrar tem hora para sair, se o batalhão está de prontidão ninguém pode sair • PSICÓLOGA, 37 ANOS, PMERJ.

De fato, uma das estratégias destacadas pelos profissionais incluía o incentivo de oficiais respeitados e com capacidade de influência para que buscassem e promovessem os serviços psicológicos, tendo em vista servir de exemplo para outros e "normalizar" a procura de ajuda. A esposa de um policial descreveu a vivência do marido depois de uma experiência de quase morte:

> E estresse pós-traumático. Ele pra mim era uma 'propaganda' enorme. Eu sempre falei 'poxa, conta pra todo mundo.' E ele contava mesmo. Ele era um cara altamente respeitado. Respeitado porque era altamente operacional, devia ser muito matador, não tinha medo, ia mesmo para o combate, muito conhecido, muito respeitado, tanto que nunca ninguém fez uma brincadeirinha dessas com ele e as pessoas vinham falar comigo com muito respeito pra saber se ele estava melhor, se ele estava se tratando. 'Ah, que bom que está melhorando.' É uma propaganda que precisa muito. Ele falou 'eu não sabia que era uma doença, eu achei que estava ficando maluco', e ai um amigo falou: 'não, vai na psicóloga e tal' e ai ele passou a falar para os outros, eu melhorei com a psicóloga, com a terapia • ESPOSA DE POLICIAL, 35 ANOS, NOVA AMÉRICA.

O marido regressou do trabalho com o desejo de se manter longe das ruas, tendo conseguido rejeitar a forma de humilhação de gênero que lhe foi dirigida pelo seu comandante: "Ah você quer ficar interno? Então, vai limpar banheiro". E ele: "ta bom!"

TRAJETÓRIAS NÃO VIOLENTAS: ESTRATÉGIAS ENTRE ATIVISTAS

Rejeitando a violência e o tráfico durante a infância

Os ativistas que promoviam a paz, a não violência e a igualdade social tinham crescido nos mesmos ambientes dos traficantes, tendo, todavia, seguido caminhos afastados da violência. Dois tinham sido anteriormente traficantes de drogas, mas desde a infância que não se identificavam com a vida do tráfico.

As estratégias assinaladas pelos ativistas passavam pela rejeição da violência que tinham testemunhado ou vivido enquanto crianças e adolescentes, em vez de a sua replicação. Um conjunto de ativistas relataram que o facto de terem crescido num entorno marcado pela violência – e tendo visto amigos a ir para o cárcere ou a morrer em resultado do seu envolvimento no tráfico – fez com que quisessem prosseguir os estudos e outras oportunidades:

> O tempo foi passando e eu comecei a ver mais coisas: a galera se envolvendo com trafico, sendo preso, gente morrendo também. Aí eu me liguei que aquilo ali não era uma parada que eu queria pra mim tipo, vê nego morrendo na frente da tu casa • ATIVISTA, 24 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

Alguns entrevistados tinham familiares que tinham sido vítimas de violência policial e outros cujos parentes tinham-se juntado a ou sofrido violência às mãos dos traficantes de droga.

Desenvolvendo e mantendo grupos de pares não violentos

Alguns ativistas expressaram um sentido de agência, desenvolvendo a sua identidade através de grupos de pares que não estavam envolvidos no tráfico. Um dos ativistas explicou como decidiu usar a sua câmera, criando um grupo de pares na comunidade unido pelo mesmo hobby. Uma parte essential desta estratégia de resistência passa pelo desenvolvimento de um grupo de pares fora do tráfico:

> Comecei a fazer sozinho – peguei a câmera e comecei a fotografar. Aí veio um amigo, falou que tinha comprado uma câmera nova, e que queria aprender a usar. Depois veio outro amigo, dizendo que tinha uma câmera mas que nunca tinha usado direito. E teve outro amigo que gostou da ideia, e quis comprar uma câmera para ele também. E foi aumentando o grupo, e a gente começou a 'oficializar'. Todo sábado, circulando pela Rocinha, fotografando tudo. A gente aprendia tudo, ver a luz, questão de ângulo, questão de sombra. Tinha até moradores que passavam e posavam... era bem engraçado • ATIVISTA, 31 ANOS, ROCINHA.

A existência de um grupo de pares durante a adolescência serviu de mecanismo protetor para os homens, impedindo-os de aderir a facções de tráfico de drogas. Um ativista descreveu a influência positiva e protetora que o seu grupo de pares exerceu sobre si quando era adolescente:

> A gente fortalecia muito o grupo, até hoje quando a gente se encontra *[...]*. Mesmo os que foram morar fora *[da favela]*, né, tem sempre essa relação de que tem que voltar, que a gente tem que se reunir. Então ficou essa coisa muito forte. A gente defendia muito por conta da violência também, né, era uma forma da gente se proteger. Normalmente quem andava sozinho sofria muito com a violência de alguns grupos, né. E o nosso grupo era o grupo mais aberto, era o grupo que aceitava todo mundo, aqueles que não eram aceitos em outros grupos estavam sempre, era o grupo mais careta, era um grupo que se protegia muito, né • ATIVISTA, 43 ANOS, COMPLEXO DA MARÉ.

Aprendendo a mediar desde cedo

À semelhança de outros grupos de entrevistados – policiais, traficantes e homens que usaram VPI –, um conjunto de ativistas recordava ter-se envolvido em brigas e comportamentos violentos durante a infância. Todavia, além de contarem com grupos de pares distintos e mais positivos, alguns ativistas relataram servir de mediadores na comunidade desde cedo. O ativista mencionado acima – que é atualmente fotojornalista na comunidade e cresceu num contexto de violência na favela (mas não em casa) explicou como eventualmente recebeu a alcunha de "ONU":

> Eu sempre fui meio 'ONU'. Na quarta série um professor falou isso para mim, que eu parecia a ONU. Porque eu me dava bem sempre com os mais arruaceiros e com os mais nerds, eu sempre era o do meio. E eu tentava sempre apartar as brigas. Porque era de um lado, o cara arruaceiro, que só queria saber de briga e era meu amigo. E de outro, o que não queria saber disso *[de briga]*, nem sabia brigar, e era envolvido • ATIVISTA, 31 ANOS, ROCINHA.

Os ativistas exigiam ainda que os policiais atuassem como mediadores, sobretudo tendo em conta o atual vácuo em termos de mediação de conflitos, que era anteriormente preenchido pelo tráfico. Em virtude disso, alguns ativistas relataram um aumento da violência pública e privada. Esse fato evidencia a importância dos policiais agirem como mediadores, questionando o papel agressor vs. mediador da polícia.

Mobilidade social dos ativistas

Um fator essencial de facilitação da saída do tráfico especialmente proeminente entre os ativistas tinha a ver com a maior mobilidade que usufruíam em toda a cidade. Se é verdade que eles viviam e atuavam nas favelas em que tinham crescido, as suas redes sociais e referências iam muito além da favela e, como tal, estavam menos limitados pelas vulnerabilidades vividas por aqueles que permaneciam quase que exclusivamente dentro da comunidade (incluindo os traficantes e as suas famílias). Ativistas da Rocinha e Rocha Miranda, por exemplo, deslocavam-se pelo centro da cidade, ganhando acesso a redes, incluindo oportunidades de emprego além daquelas anteriormente tidas como acessíveis aos moradores das favelas. Ainda assim, o impacto potencial que essas lideranças poderiam ter na redução da violência em muitas comunidades é também cortado pelos riscos associados ao trabalho em contextos violentos, como os que eles habitam.

Contrariamente, os traficantes tinham poder e mobilidade dentro do território que dominavam, mas não podiam entrar em áreas controladas por outras facções, e raramente saiam da favela em que habitavam. A masculinidade era criada e contestada dentro do grupo, e na mesma comunidade podia alcançar-se, perder-se e reconquistar-se status através do respeito aos olhos dos traficantes e das mulheres. Porque estes raramente saiam das favelas onde tinham crescido, os ex-traficantes que participaram num projeto de reintegração promovido por uma ONG tiveram a oportunidade de visitar locais turísticos famosos do Rio de Janeiro que não conheciam até então. Viver na favela representava, assim, proteção para os traficantes, dado o seu status, mas também significava maior vulnerabilidade e limitações em termos de oportunidades e aspirações.

Esta maior mobilidade da parte dos ativistas e a restrição de mobilidade da parte dos traficantes também significava que os ativistas eram mais expostos a formas de masculinidade distantes daquelas que privilegiavam a violência e a desigualdade de gênero.

CONCLUSÕES E ESTRATÉGIAS

03

CONCLUSÕES

As experiências vividas durante a infância e adolescência em contextos caracterizados pela desigualdade socioeconômica e níveis elevados de violência urbana promovem o uso de violência da parte dos homens e, especialmente, a sua *disponibilidade para usar a violência*, como demonstram os resultados desta pesquisa. As entrevistas sugerem que eram raras as vezes em que os homens *queriam* usar a violência; pelo contrário, eles se sentiam pressionados a usá-la, particularmente em grupos envolvendo outros homens. A sua disponibilidade para recorrer à violência era acompanhada por recompensas relacionadas aos ideais hipermasculinos que, por seu turno, eram ativamente encorajados pelas suas redes masculinas de pares envolvidos em grupos que contribuíam para a violência urbana.

Quando os homens não demonstravam disponibilidade para usar a violência, arriscavam retaliações violentas contra si próprios. Todavia, no meio de riscos e incentivos para recorrer à violência, os homens respondiam com pequenas formas de resistência e prosseguiam trajetórias de distanciamento frente à violência e aos grupos armados. **O seu mundo alargava-se, incluindo outros modelos de envolvimento enquanto pais e parceiros igualitários e cidadãos ativos, interessados em fazer parte da construção de uma cidade mais segura e mais inclusiva.** A pesquisa qualitativa sugere que quando estes eram capazes de manter trajetórias distantes da violência, sentiam-se mais satisfeitos com essas opções do que com a vida onde a violência era eminentemente esperada e os ameaçava. Um antigo traficante explicou:

> Ninguém quer ficar no crime não. *[...]* 'Não, eu amo o crime'. Tu não vai encontrar ninguém pra falar isso pra você. *[...]* Ele pode falar da boca pra fora, porque não tem noção da vida, mas eles falar de coração pra você, eu duvido, não encontra isso, não tem como você encontrar isso • A., 51 ANOS, COMPLEXO DO ALEMÃO.

A CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES E TRAJETÓRIAS DE SAÍDA DA VIOLÊNCIA É COMPLEXA E DINÂMICA • Alguns homens deixaram o tráfico e tornaram-se ativistas pela paz, enquanto outros saíram e regressaram pouco depois. A polícia podia promover abordagens que não visassem o confronto no seu trabalho, trazendo, contudo, a violência e a tensão para casa. Existiam incentivos econômicos reais para aderir e permanecer no tráfico.

Os resultados desta pesquisa apontam para três conclusões principais. **Em primeiro lugar, os impactos da violência urbana são disseminados e não estão confinados às ruas: todos os dias, parceiros e familiares experienciam o peso da violência urbana e do estresse socioeconômico que é esperado que os homens suportem.** Quando estes efeitos mais alargados forem atendidos, filhos e filhas poderão crescer na cidade onde vivem sem medo do que lhes poderá acontecer a si e aos seus – especialmente se forem homens, jovens, negros e pobres. A zona com maior índice de homicídios (Norte) registrou de forma sistemática os maiores níveis de todos os tipos de violência – pública e privada – e os mais altos índices de medo entre os residentes.

Em segundo lugar, é essencial deixar para trás a ideia de que a violência é "natural" para os homens e enfrentar e combater o fato de, em cidades brasileiras como o Rio de Janeiro, a maioria esmagadora das vítimas de homicídios serem homens, jovens, negros e pobres. É indispensável ir além do modelo repressivo de policiamento e da culpabilização de indivíduos.

Em terceiro lugar, a pesquisa sugere que a exposição à violência urbana, quer através da experiência pessoal da violência, quer indiretamente, em resultado da residência em áreas com elevadas taxas de homicídio promove trajetórias violentas. Nesse sentido, os resultados apontam para uma transmissão da violência entre esferas públicas/urbanas e privadas/domésticas. Na análise multivariada, os homens que tinham sido expostos à violência urbana desde a infância eram quase quatro vezes mais propensos a ter usado algum tipo de violência (pública ou privada) e tinham quase quatro vezes mais probabilidade de usar violência nas relações íntimas do que os homens que não tinham sido exposto à violência urbana. Além disso, na análise multivariada, os homens que relataram sentir medo de algum tipo de ator social eram quase duas vezes mais propensos a reportar ter usado violência nas relações íntimas.

ESTES RESULTADOS SUGEREM QUE O MEDO DOS HOMENS FACE AO MUNDO EXTERIOR/ESFERA PÚBLICA SE TRADUZ NO USO DA VIOLÊNCIA CONTRA AS PARCEIRAS ÍNTIMAS[20] • O medo gera ressentimento face a outros, desafia identidades masculinas dominantes, e cria sentimentos de impotência. Os homens respondem a estes sentimentos usando violência contra pessoas vulneráveis ou percebidas como mais frágeis do que eles – designadamente parceiras íntimas – como forma de reaver o poder.

De forma semelhante, os resultados quantitativos desta pesquisa sugerem uma associação entre estresse laboral/econômico e perpetração de violência urbana física e verbal. Além do medo, as identidades masculinas dominantes podem ser desafiadas em situações de estresse econômico e baixa autoestima, moldando, de novo, masculinidades violentas.

20. Estes resultados podem ser consultados nas tabelas de razões de probabilidade ajustadas, no Anexo 2.

Em síntese, é importante enfrentar as estruturas patriarcais que criam violência, as motivações políticas e financeiras que perpetuam políticas de segurança repressivas, e a ausência de mecanismos de apoio da prossecução de não violência. De todos os grupos, apenas as forças policiais tinham espaços formais de terapia – mas muito reduzidos se comparados com as necessidades existentes. **O foco em versões de masculinidade e feminilidade não violentas, equitativas e assentes no cuidado, em trajetórias de saída da violência e em estratégias de promoção da não violência representa uma nova e profunda agenda para a segurança pública, e para a construção de cidades mais seguras e inclusivas.**

OS INDICADORES DE VIOLÊNCIA URBANA SERÃO REDUZIDOS QUANDO AS MEDIDAS DE BEM-ESTAR JUVENIL, OPORTUNIDADES, IGUALDADE SOCIAL E DE RENDA MELHORAREM • Um dos pressupostos das abordagens de segurança pública no Rio de Janeiro – familiar em outras cidades latino americanas – é o de que o aumento do número de integrantes das forças policiais resultará na diminuição da violência urbana. Por conseguinte, um volume significativo de recursos financeiros e políticos têm sido dedicados a respostas de emergência e temporárias à violência e ao reforço de soluções repressivas.

Samira Bueno, diretora executiva do Fórum de Segurança Pública, afirmou recentemente que enquanto as UPPs davam a sensação de que era possível reverter os padrões da violência urbana, uma questão permanecia: "até quando será possível reduzir (os números da criminalidade) só com a atividade policial? Há um limite para esse modelo."[21] Esta pesquisa teve lugar durante um momento crítico na história da segurança pública do Rio de Janeiro e num momento em que as alternativas ao confronto podem ser mais relevantes que nunca.

Um modelo de segurança pública mais integrado teria muito a ganhar ao considerar as vulnerabilidades, condições sociais, e trajetórias não violentas existentes que pudessem ser potenciadas em programas de prevenção e outros tipos de programas sociais de longo-prazo com efeitos sobre a diminuição dos níveis de violência urbana. As soluções existentes negligenciam as estruturas patriarcais, desigualdades de gênero e raça. O desenvolvimento de modelos de segurança mais inclusivos e abrangentes requer o enfrentamento das sub-reconhecidas e evitáveis normas hipermilitarizadas e masculinas que sustêm a violência. Acima de tudo, as favelas permanecem isoladas de modelos de segurança inclusivos e de esforços robustos de reforma policial – assim como de oportunidades de melhor educação, saúde e emprego que facilitem trajetórias não violentas desde cedo.

Esta pesquisa demonstrou como ex-traficantes, policiais, parceiras e familiares a residir em cenários de violência urbana empregam estratégias importantes para suplantar as vulnerabilidades, evitar, desde logo, o recurso à violência e desenvolver trajetórias não violentas. As trajetórias desses homens e mulheres – analisadas a partir das suas próprias experiências – constituem subsídios e fontes importantes de conhecimento para a promoção da não violência. Estas conclusões têm diversas implicações políticas e práticas, e desafios e mudanças estão já em curso para transformar as vulnerabilidades em caminhos de não violência; muitas dessas implicações são discutidas no que resta deste relatório.

21. Ver: http://oglobo.globo.com/rio/estudo-mostra-rio-como-quinta-capital-menos-insegura-17646269

ESTRATÉGIAS DESTINADAS A PROGRAMAS, POLÍTICAS E PESQUISAS

Em primeiro lugar, as estratégias de promoção da não violência devem refletir as mudanças na violência urbana. Devem ainda refletir a natureza mutável do tráfico de drogas no Rio, nomeadamente a organização do crime através das facções e menos através dos laços com a comunidade. Também devem oferecer alternativas viáveis e atraentes para os jovens, incluindo os de menor idade.

De forma geral, as políticas de segurança pública devem incorporar uma perspectiva de gênero inovadora, não punitiva e não moralizadora, de modo a fazer frente aos problemas estruturais de violência do país. A transformação da diferença em desigualdade é um grave problema social, que gera a maior parte das violências que vivemos. São necessárias ações nos vários territórios urbanos, para além das ações diretamente vinculadas aos indivíduos agressores, que ajudem a pactuar novas formas de convivência locais. As estratégias destacadas, em seguida, correspondem aos resultados desta pesquisa e refletem a necessidade de ações a partir de diversos pontos de vista e setores para respostas mais integrais e duradouras.

DAR PRIORIDADE A PROGRAMAS DESTINADOS À PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA E À TRANSFORMAÇÃO DE NORMAS DE GÊNERO • São necessários programas que trabalhem com grupos em situação de risco para abordar as normas e valores em torno das masculinidades que podem levar os jovens a entrar no tráfico de drogas e a usar a violência. Uma vez que os resultados deste estudo mostram que é mais fácil para os jovens que ocupam posições inferiores no tráfico sair destas organizações, devem ser feitos esforços para intervir antes da sua entrada no tráfico e enquanto os jovens ocupam posições de crianças soldado.

Os esforços de prevenção de violência e de construção de alternativas devem ser integrados e feitos nas instituições educacionais, postos de saúde, organizações que trabalham com mulheres e adolescentes, empresas, entre outros.

Várias metodologias avaliadas e validadas de educação em grupo que visam prevenir a violência podem servir de base para adaptação. Entre estas inclui-se o Programa H/M (H de homens e M de mulheres). Estes programas abordam os processos de socialização com base no gênero, oferecendo oportunidades para os jovens refletirem e desenvolverem alternativas para lidar com as pressões reais para alcançar e demonstrar status (i.e., através da exibição de roupas de marca adquiridas através da participação em grupos armados), e as pressões para usar violência com forma de exercer e obter respeito. É crucial apoiar esforços destinados a promover as iniciativas dos homens jovens no desenvolvimento dos seus próprios marcadores não violentos de masculinidade e de status, na resolução de conflitos através do diálogo e no favorecimento de relações saudáveis. É igualmente importante que esses esforços sejam correspondidos com alternativas e oportunidades viáveis para meninos e meninas.

OFERECER ESPAÇOS PARA OS JOVENS LIDAREM COM A VIOLÊNCIA QUE VIVENCIARAM DURANTE A INFÂNCIA • Essa recomendação inclui disponibilizar serviços de prevenção secundária de violência (serviços específicos para jovens que testemunharam ou experienciaram violência) nas escolas e em outros espaços que os jovens frequentam, tendo em vista prevenir transferências intergeracionais de violência.

Programas como "*Living Peace*" (Vivendo a paz, em português) têm sido adaptados em contextos de pós-conflito e podem ser adaptados também para cenários de violência urbana crônica. "*Living Urban Peace*" ("Vivendo a paz urbana") e "*Youth Living Peace*" ("Jovens vivendo a paz") são modelos promissores que se encontram nas fases de planejamento e desenvolvimento. Centram-se na prevenção de violência secundária através de atividades socioeducativas e sessões de terapia de grupo que juntam homens jovens e profissionais. Permitem que os jovens desenvolvam estratégias positivas de enfrentamento ("*coping*") e recuperem relacionamentos saudáveis e não violentos em contextos marcados por elevados índices de violência. Estas abordagens também promovem o fortalecimento das capacidades das organizações comunitárias em termos do apoio a vítimas e sobreviventes, *advocacy* junto de decisores políticos, tendo em vista implementar programas e políticas de prevenção e resposta à violência juvenil e exposição à violência. Estes grupos são igualmente importantes para futuros policiais e outros homens que não usam violência, quer no contexto do tráfico de drogas, quer nos seus relacionamentos íntimos.

PROMOVER EDUCAÇÃO EM GRUPO PARA HOMENS ADULTOS QUE USARAM OU PODERÃO VIR A USAR VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS (VPI) E VIOLÊNCIA SEXUAL • Os espaços onde os homens que usam violência contra uma parceira íntima podem pedir ajuda são extremamente limitados e insuficientes, como sugerem os dados quantitativos sobre perpetração destes formas de violência de gênero. Existem grupos para homens condenados pelo uso de VPI (muitos outros entrevistados, porém, usavam /usaram VPI, mas nunca foram condenados) e uma pequena parte dos policiais pode ser encaminhado para um psicólogo. Contudo, os resultados deste estudo apontam para a necessidade de fortalecer os esforços de prevenção e de interrupção dos ciclos de violência física ou comportamentos controladores que, por vezes, conduzem à VPI física.

ADOTAR ESTRATÉGIAS INTEGRADAS DE APOIO ÀS TRAJETÓRIAS NÃO VIOLENTAS DE MÚLTIPLOS ATORES • incluindo investimento em esforços de desarmamento civil e programas que apoiem a saída de jovens do tráfico de drogas. Uma importante iniciativa de desarmamento foi organizada em 2004 no Brasil, tendo o Rio de Janeiro sido o segundo estado com o maior número de armas entregues (Bandeira & Bourgois, 2005). Seguiram-se outras campanhas nacionais de desarmamento, com destaque para a de 2011, mas com números significativamente inferiores de armas entregues[22].

22. Desde 2004, as campanhas de desarmamento recolheram 650.336 armas em todo o Brasil (Ministério da Justiça, 2014). A campanha de 2004/2005 foi a que recolheu: 443.719 armas em todo o país (Waiselfisz, 2014), enquanto que a de 2011/2012, que se tornou permanente nessa data, recolheu, até 2014, 101.822 armas a nível nacional (Souza, 2014, p. 21).

Contudo, nenhum programa substancial foi criado a nível governamental para apoiar as transições que muitos dos homens (sobretudo homens jovens) atravessam depois de entregar as suas armas e/ou deixar o tráfico de drogas. A nossa pesquisa desaconselha a aprovação do Projeto de Lei 3722[23] e recomenda o investimento em campanhas de entrega voluntária a nível nacional, eficazes e com enfoque na conscientização, visando sensibilizar a opinião pública sobre os riscos e uso de armas de fogo.

As iniciativas tomadas nesse campo por um pequeno conjunto de ONGs, além de terem um âmbito restrito, em curto-prazo são insuficientes para apoiar as trajetórias não violentas da população – trajetórias essas que são vitais para a melhoria da segurança pública. Perante a ausência de alternativas positivas, os jovens enfrentam riscos mais elevados de adesão a facções de tráfico ou de se envolverem em trajetórias violentas acompanhadas por manifestações de violência nos seus relacionamentos familiares e íntimos. Logo, há a necessidade de prevenir a violência entre jovens em risco de aderirem a grupos armados e de apoiar jovens que já se encontram envolvidos em grupos armados e desejam sair.

DAR RESPOSTA ÀS NECESSIDADES PRÁTICAS DE EMPREGO E AS NECESSIDADES DE RENDA NO CURTO-PRAZO • A crise financeira que emergiu no último ano da pesquisa (2015) constitui uma oportunidade para refletir sobre as normas de gênero associadas à masculinidade hegemônica e aos homens como "provedores". Quer os grupos de homens que usaram VPI, quer os ex-traficantes relataram sentimentos de vergonha ou perda de identidade enquanto homens em resultado de estarem desempregados. A questão "sem renda = sem masculinidade" é corroborada em pesquisas anteriores sobre masculinidades no Brasil (Barker, 2005).

As implicações da violência urbana sobre as desigualdades são claras: as comunidades de baixa renda experienciam violência urbana e tentativas políticas falhas para a minimizar. Negócios locais, residentes e famílias sofrem retrocessos econômicos em bairros inseguros e as favelas que tinham se tornado temporariamente mais segura (com a implantação das UPPs, por exemplo) estão a retornar a níveis de violência do passado que alteram as rotinas diárias e as oportunidades de seguir trajetórias não violentas.

ADOTAR ABORDAGENS QUE RECONHEÇAM A INTERSEÇÃO DE VÁRIAS FORMAS DE VULNERABILIDADE, POR EXEMPLO, INTERVENÇÕES QUE REFLITAM A IDADE, RAÇA, EXPERIÊNCIAS INFANTIS E ASPIRAÇÕES DOS PARTICIPANTES •(em vez de replicarem abordagens uniformes destinadas aos jovens, independentemente do contexto). Os programas de prevenção da violência podem ser muito mais eficazes se baseados em evidências de acordo com fatores sociodemográficos específicos. Os homens e mulheres entrevistadas relataram que a sociedade (classes média e alta) assumem que os residentes das favelas são violentos sem entender as dinâmicas econômicas e sociais mais amplas. Além disso, incentivar as campanhas, tais como a da Anistia Internacional"Jovem, Negro, Vivo"em níveis nacionais e internacionais – é fundamental para aumentar a consciência sobre e lidar com a violência urbana de uma forma que traz visibilidade ao invés de marginaliza o grupo mais em risco.

23. Projeto de Lei 3722 elimina restrições ao porte de armas, diminui a idade mínima para a aquisição de armas de 25 para 21 anos, permite que os cidadãos possam ter mais de seis armas sem terem de dar qualquer tipo de justificação e elimina o critério de ausência de antecedentes criminais para a autorização para compra de armas, o que significa que pessoas condenadas por crimes culposos ou investigadas por crimes como homicídio, tráfico de drogas, receptação ou porte ilegal de armas podem ter a compra autorizada.

DAR RESPOSTA À VIOLÊNCIA POLICIAL, NOMEADAMENTE ATRAVÉS DE MECANISMOS DE PROMOÇÃO DA TRANSPARÊNCIA E NOTIFICAÇÃO/DENÚNCIA. • São necessários esforços substanciais para reformar as forças policiais de modo a garantir um distanciamento face às táticas militarizadas que favorecem o uso excessivo da força, a corrupção, a tortura e a falta de investigações periódicas. Devem ser dados incentivos aos homens e mulheres policiais – começando por remunerações decentes – para que eles valorizem e integrem de forma séria os métodos de resolução de conflitos e a não violência no seu dia a dia. Ao fazê-lo, terão maiores oportunidades de contrariar o *éthos* militarizado, de guerra, que persiste nas forças policiais e que, por conseguinte, podem tornar-se aliados na construção de comunidades mais pacíficas.

É necessário levar em consideração que geralmente os próprios policiais foram criados em contextos de violência urbana. Por essa razão, a promoção de apoio psicológico destinado aos integrantes das forças policiais e, em especial, apoio sobre como lidar com ameaças de violência e morte dentro e fora do trabalho revestem-se de particular importância. Os oficiais de patentes mais altas, bem como respeitados soldados de "combate", têm um papel a desempenhar, incentivando os oficiais de baixa patente a procurar serviços psicológicos e quebrando, assim, os tabus em torno da busca de serviços de saúde mental por parte dos homens. Trabalhar com as forças policiais requer ainda construir pontes e reduzir as diferenças existentes entre os altos comandantes e os policiais que atuam sobretudo nas ruas, e que, por isso, estão mais expostos a e tendem a usar mais frequentemente a violência armada. Por fim, os programas destinados às polícias devem potenciar as estratégias existentes visando a redução do estresse entre a esfera laboral e a doméstica.

PROMOVER TREINAMENTOS SOBRE MEDIAÇÃO E RESOLUÇÃO DE CONFLITOS DIRECIONADOS A JOVENS • tendo em vista dotá-los de competências de resolução não violenta de conflitos nas comunidades, nos relacionamentos e nas famílias. Práticas de mediação e resolução não violenta de conflitos têm sido desenvolvidas e testadas em favelas e em outras comunidades durante os últimos anos. Vários homens e mulheres policiais entrevistados sublinharam a importância das competências de mediação e resolução de conflitos.

Existem exemplos dessas práticas em algumas (poucas) UPPs que, apesar de enfrentarem resistências e terem pouco apoio, se constituem como abordagens promissoras. No modelo atual, todavia, apenas alguns policiais recebem treinamento especial em mediação – como se tal não fizesse parte do seu trabalho diário. Para ultrapassar o modelo de polícia assente no confronto, é necessário que esses mecanismos sejam completamente integrados, se tornem padrão e sinônimos de "verdadeiro treinamento policial".

Alguns dos entrevistados que relataram ter tido uma infância onde o diálogo e a não violência predominaram (mulheres e homens policiais e ativistas) explicaram como isso os influenciou a usar o diálogo como forma de resolver conflitos mais tarde, já adultos. São necessários mais programas sobre cuidado e comunicação destinados a pais e mães.

O diálogo existente entre policiais e residentes deve ir além do jargão da "polícia de proximidade" e basear-se em trocas e ações legítimas que priorizem a segurança dos cidadãos.[24] Um exemplo local é a promoção de fóruns comunitários, uma iniciativa que foi iniciada pelo antigo programa UPP Social, mas que não teve continuidade. Finalmente, é necessário treinamento específico sobre como usar e portar armas dentro das comunidades, tendo em vista reduzir o impacto diário e militarizado da presença policial em todos os tipos de comunidade.

Encorajar o envolvimento dos homens nas tarefas de cuidado, a paternidade ativa e modelos positivos e não violentos. A realização de tarefas de cuidado por parte de pais biológicos ou não deve ser promovida enquanto estratégia revolucionária e baseada em evidências. Uma mulher do Complexo do Alemão relatou que o seu marido, um ex-traficante, tinha tido uma infância sofrida em parte devido ao comportamento violento de seu pai, mas que tinha recebido apoio dos seus pais para se manter fora do tráfico. Trabalhos sobre paternidade e cuidado a nível internacional têm demonstrado um potencial promissor em contextos afetados por conflitos.

O Programa P (de paternidade) também pode ser eficaz. Os resultados demonstram como as experiências de violência ou as experiências negativas que resultam do relacionamento com pais, pro exemplo, afetam o uso e resistência à violência por parte dos homens, ao longo de suas vidas adultas.[25] Os programas de prevenção devem ainda considerar os conceitos de respeito, dignidade, e outros atributos pelos quais os jovens anseiam. Os programas centrados na promoção do cuidado não violento por parte dos pais e das mães têm um enorme potencial na prevenção da violência nas próximas gerações.

DAR RESPOSTA ÀS INTERAÇÕES ENTRE VIOLÊNCIA NAS ESFERAS PÚBLICAS E PRIVADAS TRATANDO AS COMO ASSUNTOS DE VIOLÊNCIA URBANA • A compreensão do fardo da violência urbana no nível domiciliar e em público, permitirá desenvolver estratégias capazes de dar resposta às múltiplas dimensões da violência urbana. As dicotomias entre violência doméstica ou violência "genderizada" e violência de homens-contra-homens, geralmente tida como parte do campo da segurança pública ou violência urbana existem desde longa data e têm resultado, por exemplo, na desconsideração das implicações de gênero da violência urbana. Todavia, a relevância da análise das interações entre esses tipos de violência e vulnerabilidades fica clara se considerarmos um dos seus denominadores comuns: o uso por parte dos homens da violência enquanto forma de correção ou imposição de ordem, no caso dos homens que buscam restabelecer o respeito e o status perdido. Ultrapassar as múltiplas formas de violência exige que sejam levadas em consideração as formas rígidas de masculinidade que reforçam normas e comportamentos violentos.

24. Adaptado da apresentação de Ignácio Cano e outros, "O futuro das UPPs" (27 de janeiro 2015, Universidade Estadual do Rio de Janeiro).

25. O Programa P está disponível em: <http://www.promundo.org.br/en/wp-content/uploads/2013/12/FInal-Program-P-Single-Page.pdf>.

As formas não físicas de violência merecem igualmente atenção. Os resultados mostram que essas formas de violência são prevalentes nos relacionamentos íntimos em contextos de violência urbana. Os homens sentem-se atingindo o "limite" e muitas vezes recorrem à violência física depois de serem constantemente "provocados". A prevenção da violência física e de outras formas de violência devem fazer parte da agenda de segurança. Os programas de prevenção da violência devem alcançar os casais antes do "ponto de ruptura" – usando, por exemplo, os sinais evidenciados nos grupos reflexivos que juntam homens e mulheres.

CONDUZIR PESQUISAS ADICIONAIS PARA FORTALECER A BASE DE EVIDÊNCIAS ATUAIS SOBRE POLÍTICAS E PROGRAMAS QUE PROMOVEM A NÃO VIOLÊNCIA • Entre as áreas a explorar em pesquisas futuras inclui-se a compreensão mais aprofundada da violência durante a infância. Sabemos que a violência durante a infância leva a violência intergeracional, mas vários participantes recusaram a violência, afirmando que não queriam ser como os seus pais (ou outros familiares) e, por essa razão, não a usaram. Como é que essa rejeição pode ser estimulada e alavancada? Quais são os fatores específicos que apoiam os homens a rejeitar a violência ao longo da vida? Por exemplo, alguns traficantes e ativistas (dos quais alguns tinham estado anteriormente envolvidos no tráfico) descreveram de forma repetida as tragédias que viveram durante a infância, nomeadamente a morte de um ou ambos os pais. Para os ativistas entrevistados, tal representou um impulso para a responsabilização, para a ação e para a criação de uma vida diferente. Muitos dos homens e mulheres que entraram no tráfico, por outro lado, explicaram a sua adesão pela necessidade de meios econômicos para fazer face a uma infância difícil, marcada pela perda.

As vidas dos homens e mulheres em contextos caracterizados por níveis elevados de violência urbana crônica e cotidiana são altamente complexas. É preciso evitar colocar a responsabilidade pelo desenvolvimento de soluções para a vida de cidadãos individuais apenas nos atores não estatais. Pelo contrário, as respostas e responsabilidades devem ser integradas e partilhadas também entre atores de segurança pública e outros decisores políticos. Dessa forma, os avanços registrados na área de pesquisa, políticas e intervenções programáticas podem começar a mudar o paradigma de segurança baseado no confronto, marginalização e "nós vs. eles", em direção a um que apoie as trajetórias não violentas e leve em consideração de forma abrangente as dinâmicas entre masculinidades e gênero e violência urbana nas ruas e além destas.

REFERÊNCIAS

ANISTIA INTERNACIONAL. "'Eles usam uma estratégia de medo': proteção do direito ao protesto no Brasil.", 2013. Disponível em: <http://issuu.com/anistiabrasil/docs/ai_br_campaign_digest_19_005_2014_f >.

ANISTIA INTERNACIONAL. *You Killed My Son: Homicides by Military Police in the City of Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Anistia Internacional, 2015.

ARIAS, D. E. "Trouble en Route: Drug Trafficking and Clientelism in Rio de Janeiro Shantytowns". *Qualitative Sociology*. v. 29, p. 427-45, 2006.

ASTORGA, L. "The Social Construction of the Identity of the Trafficker". In: *Globalisation, drugs and criminalisation: Final Research Report on Brazil, China, India and Mexico*. Unesco, 2002, p. 39-55.

BAIRD, A. "Negotiating Pathways to Manhood: Rejecting Gangs and Violence in Medellin's Periphery. *Journal of Conflictology*. v. 3, n. 1, 2012.

BANDEIRA, AR & BOURGOIS, J. Armas de fogo: proteção ou risco? Guia prático: respostas a 100 perguntas. Rio de Janeiro: Viva Rio, 2005, p. 104. Disponível em: <http://www.rolim.com.br/2002/_pdfs/armas_protecao_risco.pdf>.

BARCELLOS, C. & ZALUAR, A. "Homicides and Territorial Struggles in Rio de Janeiro Favelas". *Rev Saude Publica. Feb.* v. 48, n. 1, p. 94-102, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v48n1/0034-8910-rsp-48-01-0094.pdf>.

BARKER, G. *Dying to be Men: Youth, Masculinity and Social Exclusion*. London: Routledge, 2005.

_____. "Gender Equitable Boys in a Gender Inequitable World: Reflections from Qualitative Research and Programme Development in Rio de Janeiro". *Sexual and Relationship Therapy*, v. 15, n. 3, p. 263-282, 2000.

_____. "Male Violence or Patriarchal Violence? Global Trends in Men and Violence". Paper for the *V Coloquio Internacional de Estudios sobre Varones y Masculinidades*, 2015.

_____. "Non-Violent Males in Violent Settings: an Exploratory Qualitative Study of Prosocial Low-Income Adolescent Males in Two Chicago (USA) Neighborhoods". *Childhood.* November, v. 5, n. 4, p. 147-148, 1998.

_____. *Men with Guns: Masculinity, Arms, Conflict and Post-Conflict*. Presentation at JHB Meeting, 2010.

_____. & RICARDO, C. "Young Men and the Construction of Masculinity in Sub-Saharan Africa: Implications for HIV/AIDS, Conflict and Violence". *Social Development Papers no. CPR 26. Conflict prevention and reconstruction series*. Washington, DC: The World Bank, 2006.

_____; CONTRERAS, M.; HEILMAN, B.; SINGH, A.; VERMA, R.; Nascimento, M. *Evolving Men: Initial Results from the International Men and Gender Equality Survey (IMAGES)*. Washington, DC: International Center for Research on Women (ICRW) and Rio de Janeiro: Instituto Promundo, 2011.

_____; GREENE, M.; NASCIMENTO, M.; SEGUNDO, M.; RICARDO, C.; TAYLOR, A.; AGUAYO, F.; SADLER, M.; DAS, A.; SINGH, S.; FIGUEROA, J. G.; Franzoni, J.; FLORES, N.; JEWKES, R.; MORRELL, R. & KATO, J. *Men Who Care: A Qualitative Multi-Country Study on Men and Non-Traditional Caregiving Roles*. Washington, D.C.: International Center for Research on Women (ICRW) and Rio de Janeiro: Instituto Promundo, 2012.

BROWNE, A. & FAGAN, J. "Violence between spouses and intimates: Physical aggression between women and men in intimate relationships". *Understanding and Preventing Violence, volume 3: Social Influences*, p. 115-192, 1994.

BORGES, D.; CANO, I. *Índice de Homicídios na Adolescência – IHA 2012*. Rio de Janeiro, LAV; Observatório de Favelas; Unicef, 2014. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/br_IHA2012.pdf>.

CAMPBELL, H. & HANSEN, T. "Getting Out of the Game: Desistance from Drug Trafficking". *International Journal of Drug Policy,* v. 23, n. 6, p. 481-487, 2012.

CANO, I. (Org.). *Os donos do morro: uma avaliação exploratória do impacto das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) no Rio de Janeiro*. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2012.

CONNELL, R. *Masculinities*. 2nd edition. Berkeley: University California Press, 2005.

CONTRERAS, M.; HEILMAN, B.; BARKER, G.; SINGH, A.; VERMA, R. & BLOOMFIELD, J. "Bridges to Adulthood: Understanding the Lifelong Influence of Men's Childhood Experiences of Violence Analyzing Data from the International Men and Gender Equality Survey". Washington, DC: International Center for Research on Women (ICRW) and Rio de Janeiro: Instituto Promundo, 2012.

CRENSHAW, K. W. "Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color". *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

DE WAAL, F. *The Age of Empathy: Nature's Lessons for a Kinder Society*. New York: Broadway Books, 2010.

DOWDNEY, L. *Nem guerra, nem paz: comparações internacionais de crianças e jovens em violência armada organizada*. Rio de Janeiro: Viva Rio, ISER, IANSA, 2005.

DOWSETT, G. W. "Moving Masculinities and Social Change: Why Do Men Matter?" *Working Paper 20*. Melbourne: La Trobe University, 2006.

ENLOE, C. *Globalization and Militarization: Feminists Make the Link*. London: Rowman and Littlefield, 2007.

FLOOD, M. "Men's Collective Struggles for Gender Justice: the Case of Antiviolence Activism". In: KIMMEL, M. S.; HEARN, J.; CONNELL, R. W. *Handbook for Studies on Men and Masculinities*. London: Sage, 2005.

FLOOD, M. *Where Men Stand: Men's Roles in Ending Violence Against Women*. Sydney: White Ribbon Prevention Research Series, 2010.

FLOOD, M. "Engaging Men from Diverse Backgrounds in Preventing Men's Violence Against Women". *Stand Up! National Conference on Eliminating All Forms of Violence Against CaLD Women*, 29-30 Abril, Canberra, 2010.

GENEVA DECLARATION SECRETARIAT. *Global Burden of Armed Violence,* 2011. Disponível em: <http://www.genevadeclaration.org>.

_____. *Global Burden of Armed Violence*, 2015. Disponível em: <http://www.genevadeclaration.org>.

GILL, L. "Creating Citizens, Making Men: The Military and Masculinity in Bolivia". *Cultural Anthropology*, v. 12, n. 4, p. 527-550, 1997.

GREENE, M.E. & LEVACK, A. "Synchronizing Gender Strategies: A Cooperative Model for Improving Reproductive Health and Transforming Gender Relations." Washington, DC: Population Reference Bureau for the Interagency Gender Working Group of USAID, 2010.

GREIG, A. "Troublesome Masculinities". *IDS Bulletin*, Special Issue: Intergenerational transmissions: cultivating agency, v. 40, n. 1, 2009.

HRDY, S. *Mothers and Others: The Evolutionary Origins of Mutual Understanding*. New York: The Belknap Press, 2011.

HUME, M. "The Myths of Violence: Gender, Conflict, and Community in El Salvador". *Latin American Perspectives*. p. 35-59, 2008.

HUME, M. "Researching the Gendered Silences of Violence in El Salvador". *IDS Bulletin*, v. 30, n. 3, mai., 2009.

INSTITUTO DE SEGURANÇA PÚBLICA (ISP). (2014). Dados oficiais. Disponível em: http://www.isp.rj.gov.br/Conteudo.asp?ident=150

INSTITUTO DE SEGURANÇA PUBLICA. Incidências Criminais e Administrativas referentes às 38 Unidades de Polícia Pacificadora. 16/11/2015. Disponível em: http://www.isp.rj.gov.br/Noticias.asp?ident=341

JEWKES, R. "Intimate Partner Violence: Causes and Prevention". *The Lancet*, v. 359, n. 9315, p. 1423-1429, 2002.

JUSTIÇA GLOBAL. *Segurança, tráfico e milícia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2008.

KATO-WALLACE, J.; BARKER, G.; EADS, M. & LEVTOV, R. "Global Pathways to Men's Caregiving: Mixed Methods Findings from the International Men and Gender Equality Survey and the Men Who Care Study". *Global Public Health: An International Journal for Research, Policy and Practice*, 2014.

KIM. "Gender roles, accessibility, and gendered spatiality". *Journal of the Korean Geographical Society*. v. 42, n. 5, p. 808-834, 2007.

KIMMEL, M. *The Gendered Society*. New York: Oxford University Press, 2000.

KRAUSE, K.; MUGGAH, R. & GILGEN, E. *Global Burden of Armed Violence 2011*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KRUG, E. G.; DAHLBERG, L. L.; MERCY, J. A; ZWI, A. B., & LOZANO, R. "World Report on Violence and Health. *World Health*, p. 1-18, 2002.

LAM, C.B. & McBridge-Chang, C.A. Resilience in Young Adulthood: The Moderating Influences of Gender-Related Personality Traits and Coping Flexibility. *Sex Roles*, 2007.

LEITE, MP. "Entre a 'guerra' e a 'paz': Unidades de Polícia Pacificadora e gestão dos territórios de favela no Rio de Janeiro". *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*. v. 7, n. 4, 2014.

LYRA, D. "Conflitos de lealdade e princípios de coesão social entre jovens traficantes do Rio de Janeiro: algumas considerações". In: VIEIRA DA CUNHA, N. & FELTRAN, G. de S. (Orgs.). *Sobre periferias: novos conflitos no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2013.

MACHADO DA SILVA, L. A. "Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano". *Sociedade e Estado.* Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, 2004.

_____. & LEITE, M. "Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas? *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 22, n. 3, 2007.

MAPA DA VIOLÊNCIA. (2013). *Mortes matadas por armas de fogo,* 2013. Disponível em: <http://mapadaviolencia.org.br/pdf2013/MapaViolencia2013_armas.pdf>.

MAPA DA VIOLÊNCIA. (2014). Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2014_jovens.php>.

MAPA DA VIOLÊNCIA. *Mortes matadas por armas de fogo*. Brasília: 2015, 2015. Secretariat for Policies to Promote Racial Equality; National Secretariat for Youth; General Secretariat of the Presidency. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. (2014). Disponível em: <https://www.justica.gov.br/desarmamento/publicacoes/documento-tecnico-politica-nacional-do-desarmamento.pdf/view>.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. "Campanha do desarmamento recolhe 4,1 mil armas em 2014", 2014. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/noticias/campanha-do-desarmamento-recolhe-4-1-mil-armas-em-2014>.

Misse, M. et al. *Quando a polícia mata: homicídios por 'autos de resistência' no Rio de Janeiro (2001-2011)*. Rio de Janeiro: Booklink, 2013.

MOSER, C. "The Gendered Continuum of Violence and Conflict: An operational Framework". In: MOSER, C. O. N. CLARK, F. (Orgs.). *Victims, Perpetrators or Actors? Gender, Armed Conflict and Political Violence*. London/New York: Zed Books, p. 30-52, 2001.

MOSHER, D.L & Serkin, M. "Measuring a Macho Personality Constellation". *Journal of Research in Personality*. v. 18, n. 2, p. 150-163, 1984.

MOURA, T. *Rostos invisíveis da violência armada: um estudo de caso sobre o Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

_____. Novíssimas guerras: espaços, identidades e espirais da violência armada. Coimbra: Almedina, 2010.

_____; SANTOS, R. & SOARES, B. "Auto de Resistência: the Collective Action of Women Relatives of Victims of Police Violence in Rio de Janeiro". *Journal of the Motherhood Initiative for Research and Community Involvement*. v. 1, n. 2, 2010.

_____ & ROQUE, S. "Invisible Vulnerabilities: The Cases of Rio de Janeiro (Brazil) and San Salvador (El Salvador)". In: DAY, D.; GRINDSTED, A.; PIQUARD, B.; ZAMMIT, D. (Orgs.). *Cities and Crises*. Bilbao: Bilbao University Press, p. 73-87, 2009.

MOURÃO, B.M., MUSUMECI, L., RAMOS, S. *As UPPs: o que pensam os policiais?* Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), 2015.

MUGGAH, R. "Researching the Urban Dilemma: Urbanization, Poverty and Violence". *International Development Research Center (IDRC)*, 2012.

MURRAY, J., DE CASTRO CERQUEIRA, D.R. & KAHN, T. "Crime and Violence in Brazil: Systematic Review of Time Trends, Prevalence Rates and Risk Factors". *Aggress Violent Behav*. v. 18, n. 5, p. 471-483, 2013. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3763365/#bb0260>.

PULERWITZ, J.; BARKER, G. "Measuring Attitudes Toward Gender Norms Among Young Men in Brazil: Development of the GEM scale". *Men and Masculinities*. v. 10, n. 3, p. 322-338, 2008.

REICHER, S. "The Context of Social Identity: Domination, Resistance, and Change". *Stephen Reicher Political Psychology*. v. 25, n. 6, 2004 – Symposium: Social Dominance and Intergroup Relation.

RODRIGUEZ, A. *Labirintos do tráfico: vidas, práticas e intervenções*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

ROQUE, S. "Por que razões não se 'mobilizam' os jovens? Gerindo possibilidades mínimas em Bissau". In: PUREZA, J. M.; ROQUE, S. e CARDOSO, K. (Orgs.). *Jovens e trajetórias de violências: os casos de Bissau e da Praia*. Coimbra: CES/Almedina, p. 149-207, 2012.

SANTOS, R., ROQUE, S., ARAUJO, S. & MOURA, T. *Women and Gun Violence: Key Findings from Rio de Janeiro (Brazil), San Salvador (El Salvador) and Maputo (Mozambique)*. Peace Studies Group (NEP/CES), Initiative for Peacebuilding – Early Warning Analysis to Action (IfP-EW), International Alert, European Commission, 2011.

SMALL ARMS SURVEY. *Too Close to Home: Guns and Intimate Partner Violence*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 16-45, 2013.

SOUZA, R. S. R. "Política Nacional de Desarmamento. Documento Técnico". Disponível em <https://www.justica.gov.br/desarmamento/publicacoes/documento-tecnico-politica-nacional-do-desarmamento.pdf/view>.

TEIXEIRA, P. C. "O pentecostalismo em contextos de violência: uma etnografia das relações entre pentecostais e traficantes em Magé". *Capa*, v. 10, n. 10, 2008.

_____. "De 'Corações de pedra' a 'corações de carne': algumas considerações sobre a conversão de 'bandidos' a igrejas evangélicas pentecostais. *Dados.* Rio de Janeiro, v. 54, n. 3, 2011.

THEIDON, K. "Reconstructing Masculinities: The Disarmament, Demobilization and Reintegration of Former Combatants in Colombia". *Human Rights Quarterly*. v. 31, n. 1, 2009.

UNESCO. *Vidas poupadas: o impacto do desarmamento no Brasil*. Ministério da Justiça e Ministério da Saúde, 2005.

VESS, J. Barker, G. NARAGHI-ANDERLINI, S. HASSINK, A. *The other side of gender: men as critical agents of change*. United States Insitute of Peace. Special report, 2013.

VIERA DA CUNHA & SANTIS VELTRAN (ORGS.). *Sobre periferias: novos conflitos no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2013.

VISHER, C.A. & TRAVIS, J. "Transitions from Prison to Community: Understanding Individual Pathways". *Annual Review of Sociology*. v. 29, 2003.

WACQUANT, L. *Urban Outcasts: A Comparative Sociology of Advanced Marginality*. Cambridge; Malden, MA: Polity Press, 2008.

_____. *Designing Urban Seclusion in the Twenty-First Century*. The 2009 Roth-Symonds Lecture, New Haven: Yale University, 2009.

WAISELFIZS, J. "O Estatuto do Desarmamento deve ser revogado? Não. Menos armas, menos mortes". *Folha de São Paulo*. São Paulo, 06 dez. 2014. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2014/12/1558401-o-estatuto-do-desarmamento-deve-ser-revogado-nao.shtml>.

WIDOM, C. S. "The Cycle of Violence". *Science*. v. 244, n. 4901, p. 160-166, 1989.

WILDING, P. "'New Violence': Silencing Women's Experiences in the Favelas of Brazil". *Journal of Latin American Studies*. v. 42, n. 4, p. 719-747, 2010.

WILDING, P. *Negotiating Boundaries: Gender, Violence and Transformation in Brazil*. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Understanding and addressing violence against women: intimate partner violence*, 2012.

ZALUAR, A. "Dilemas da Segurança Pública no Brasil". In: *Desarmamento, Segurança Pública e Cultura da Paz*. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2005.

ANEXOS

ANEXO 1 | METODOLOGIA, CONSIDERAÇÕES ÉTICAS E LIMITAÇÕES

METODOLOGIA QUALITATIVA

As seguintes favelas e bairros da grande área metropolitana do Rio de Janeiro representadas na pesquisa qualitativa não foram identificadas, de forma a proteger a confidencialidade dos informantes: Complexo do Alemão, Andaraí, Caju, Catumbi, Cerro-Corá, Formiga, Madureira, Complexo da Maré (informantes de diferentes facções/favelas), Mesquita, Nova América, Rocinha, Santa Marta, e Vidigal. Incluem uma mistura de tamanhos de área e população, comunidades com UPP e sem UPP, e localizações geográficas com relação ao centro da cidade. As idades dos entrevistados variaram entre os 18 e os 53 anos. O período de envolvimento de ex-traficantes variava entre alguns meses e três décadas. Os três entrevistados mais velhos tinham ocupado posições de liderança no tráfico (cerca de um terço), enquanto que outros ocupavam posições inferiores.

Os participantes foram selecionados através da abordagem bola de neve, a partir de programas conhecidos de ONGs. A análise foi realizada através de um programa de software online, "Dedoose". Vários eventos públicos, uma análise dos mídia ao longo de três anos e, em particular, discussões com parceiros e outras organizações apoiadas pelo IDRC contribuíram para a análise.

As histórias de vida e as categorias de participantes são diversas; porém, partilham uma característica fundamental: **todos** os participantes consideravam que estavam a abdicar de algo negativo (tráfico de drogas ou trajetórias violentas) por algo que percebiam como positivo (não fazer parte de gangues, ou não ser violento). O fato de *se encontrarem em transição* provavelmente condicionou a forma como apresentavam as suas histórias – o "passado violento" era negativo e o presente não violento era positivo. Todavia, a saída de gangues ou o abandono de versões não violentas de masculinidade não são estados permanentes: os pesquisadores tiveram conhecimento de que vários entrevistados na Maré, por exemplo, regressaram ao tráfico de drogas após esta pesquisa, o que sugere que os

caminhos de saída da violência têm um cariz precário e delicado. Também entrevistamos um antigo membro de uma milícia. Por questões de segurança e dada a dificuldade em identificar "ex" milicianos, não realizamos entrevistas adicionais e esta entrevista foi descartada na análise.

As entrevistas com mulheres e com familiares são essenciais por vários motivos: a) apresentam narrativas que complementam as providenciadas pelos homens envolvidos em grupos violentos em cenários de violência urbana, oferecendo um olhar próximo, de quem viveu e acompanhou as trajetórias destes homens, mas externo ao dos homens; b) proporcionam ainda uma base de comparação em termos de diferenças de gênero das experiências de homens e mulheres em contextos de violência urbana; e c) permitem clarificar as formas através das quais a violência que ocorre sobretudo entre homens afeta de forma profunda as vidas de mulheres e familiares, reconhecendo que importa *a quem perguntamos* e *a quais experiências damos valor* quando buscamos compreender a magnitude das experiências de (não) violência.

A inclusão de atores que não apenas homens no contexto de violência urbana também reforça o fato de o homicídio ser apenas um dos rostos da violência urbana no Brasil. Vulnerabilidades e formas múltiplas de violência são vividas diariamente por homens e mulheres – quer nos espaços públicos, quer nas relações íntimas e familiares. Dados da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro em 2012 mostram que comparado com 2011, houve um aumento de 23,8% dos casos de estupro e de outras formas de violência sexual notificadas à polícia do Rio de Janeiro. Além disso, medidas de "sentimento de segurança" variam de acordo com o sexo, idade, raça e status socioeconômico.

Por fim, essas histórias de vida são complexas, uma vez que as vidas estão constantemente em mudança, em face de novas oportunidades e desafios. Por exemplo, novas oportunidades de emprego mudam os cálculos dos indivíduos relativamente à geração de renda fora das gangues. É importante reconhecer que as histórias de vida estão enraizadas em momentos históricos e culturais complexos, pelo que a nossa capacidade de compreendê-las e de atribuir causalidade será sempre limitada.

METODOLOGIA QUANTITATIVA

Tendo em consideração a heterogeneidade da AISP em termos de notificação de taxas de homicídios e o ajustamento da amostra correspondente à AISP 23 (Sul), a divisão Norte-Sul é algo imprecisa, ao mesmo tempo que corresponde, em traços gerais, às áreas mais e menos expostas à violência urbana. A zona Sul inclui uma das áreas de maior renda da cidade e, por isso, tem sido alvo de maior investimento em segurança pública; a zona Norte é distante do Centro do Rio e das áreas onde reside a classe média e tem sido palco de menores investimentos na área de segurança pública.

QUESTIONÁRIO

O questionário foi construído com base no Questionário Internacional sobre Homens e Igualdade de Gênero (IMAGES). O questionário foi adaptado para incluir questões sobre violência urbana, bem como inseguranças vividas diariamente em cenários urbanos, de aspecto "micro", e frequentemente negligenciadas, como ameaças e intimidações e questões relativas ao medo da violência. Doravante, o questionário adaptado será referido como IMAGES-VU (Violência Urbana).

O questionário foi pré-testado e aplicado por entrevistadores treinados e com experiência, com idades entre 22 a 50 anos, que abordaram os sujeitos nas suas residências entre segunda-feira e domingo durante março e maio de 2015 e janeiro e fevereiro de 2016, de acordo com o protocolo de amostragem, definindo o número de entrevistas por cada sector dentro de macro-áreas. Tendo em vista controlar as variações de capacidade de leitura e estandardizar a aplicação, o questionário foi lido em voz alta na residência dos participantes no questionário domiciliar. As entrevistadoras aplicaram o questionário às entrevistadas e os entrevistadores aos entrevistados. A formação das mulheres e dos homens entrevistadores consistiu em oficinas de 8h de duração nos escritórios do Promundo, onde os entrevistadores foram apresentados ao protocolo de estudo e ao instrumento usando o Manual de Entrevistadores do Promundo (Promundo, 2013). Durante as oficinas, todos os entrevistadores aplicaram o questionário e discutiram questões éticas, bem como o protocolo de segurança. Um supervisor de trabalho de campo da equipa de pesquisa acompanhou o processo de coleta de dados nas diferentes localidades e realizou controle de qualidade.

O questionário IMAGES–VU englobou os seguintes temas:

- EMPREGO • Situação laboral; desemprego ou subemprego; estresse e reações associadas aos desemprego;
- EDUCAÇÃO • Nível de educação;
- EXPERIÊNCIAS INFANTIS • Vitimização por violência durante a infância; testemunho de violência baseada no gênero; testemunho de consumo de drogas entre adultos;
- RELAÇÕES EM CASA (NO DOMICÍLIO ATUAL) • estado marital/coabitação; divisão/participação em tarefas domésticas; percepção de satisfação relativamente a vida familiar; tomada de decisão no domicílio; uso do tempo em tarefas específicas de trabalho doméstico e cuidado familiar, incluindo cuidado de crianças;
- PATERNIDADE • relacionamento dos homens com filhos (e com crianças não familiares que residem no domicílio): número de crianças; condições de vida de cada criança; uso de violência contra crianças (violência psicológica, física e sexual);
- ATITUDES FACE A MULHERES E MASCULINIDADE • atitudes relativas a igualdade de gênero (usando a Escala de Atitudes Equitativas de Gênero para Homens – GEM- e outros instrumentos);

- SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA • questões sobre estilo de vida (consumo de substâncias, exercício físico etc.); uso de/vitimização de violência em outros contextos; morbilidade;
- RELAÇÕES ENTRE PARCEIROS/CONJUGUES • relacionamento atual/satisfação; historial de relacionamento;
- RELACIONAMENTOS E VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO • uso de violência (física, sexual e psicológica) contra parceiros; vitimização por violência às mãos de parceiros; violência sexual cometida por homens contra não parceiros; compra ou pagamento por sexo por parte dos homens (autorrelatos).

ANÁLISE ESTATÍSTICA

As análises foram conduzidas usando a versão 23 da IBM SPSS Statistics. Estatísticas descritivas e de inferências bi-variadas foram usadas para avaliar a força das associações entre variáveis independentes (causa) e dependentes (efeito), explorando principalmente as relações entre a exposição à violência urbana, posse e atitudes face às armas, indicadores socioeconômicos, bem como atitudes equitativas de gênero e a perpetração de diferentes formas de violência. Testes Chi-square forneceram provas da significância estatística das diferenças observadas, definidas como $p<0,05$. Os modelos restringiram-se às respostas válidas, excluindo aqueles que responderam "Não sabe" e "Não se lembra".

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O estudo foi aprovado pelo comitê ético do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em todas as entrevistas foram obtidas autorizações por escrito. Os princípios de consentimento, confidencialidade e participação voluntária na pesquisa e gravação áudio foram lidos a todos os participantes. Os participantes foram lembrados em vários momentos ao longo da entrevista que não eram obrigados a responder a questões que não quisessem responder. Na generalidade, as equipes seguiram as diretrizes dos Protocolos de Segurança e Ética do IDRC, tendo em vista garantir a confidencialidade, privacidade, proteção face à violência e outros riscos associados – especialmente quando entrevistavam homens e mulheres (que não pertenciam ao mesmo casal). Os entrevistados foram treinados para seguir os procedimentos de ética, sobretudo em situações mais desafiadoras. Por razões de segurança, os entrevistadores domiciliares estavam equipados com identificações institucionais e camisas, e foram organizados em grupos de dois ou mais. Apesar das medidas de segurança, a violência urbana contínua forçou os entrevistadores a abortar as atividades em várias ocasiões.

Os questionários quantitativos originais, em papel, foram guardados em armários trancados nos escritórios de parceiros locais e cópias foram guardadas no depósito do escritório do Promundo, no Rio de Janeiro, por um período máximo de cinco anos, de acordo com procedimentos institucionais para o tratamento e armazenamento de dados. Os entrevistadores e transcritores foram instruídos a não usar nem os nomes verdadeiros, nem os dados demográficos dos participantes. Foram desenvolvidos códigos únicos, de forma a tornar anônimos os questionários quantitativos. Apenas a equipe de pesquisa imediata tinha acesso aos dados qualitativos transcritos e aos questionários quantitativos em papel, que estavam armazenados.

LIMITAÇÕES

Pese embora os cuidados tidos para garantir a manutenção da privacidade e confidencialidade, a desconfiança e o medo sentido pelas populações em cenários marcados por violência, incluindo a intensificação inesperada de episódios violentos em algumas comunidades, prejudicaram a coleta de dados. Foram adotadas algumas estratégias práticas de forma a proteger os entrevistadores treinados e com experiência durante o processo de coleta de dados. Contudo, a exposição à violência urbana durante o processo de coleta de dados traduziu-se em atrasos e em desistências por parte dos entrevistadores e pode também ter enviesado a seleção dos entrevistados. A natureza imprevisível e fluida da violência urbana no Rio de Janeiro também representa desafios em termos de validade temporal e capacidade de fazer generalizações a partir dos resultados.

O caráter sensível das questões sobre normas sociais equitativas de gênero, posse e uso de armas de fogo, e especialmente vitimização e uso da violência, colocaram importantes desafios. De fato, várias questões colocadas referem-se a assuntos sensíveis, nomeadamente agressões criminosas graves, incluindo assassinato, estupro e abuso sexual. A subnotificação e os relatos seletivos representam, pois, um desafio significativo, que é agravado pelos desejos sociais, dificuldades dos sujeitos em lembrar-se das experiências da infância e vieses associados à divulgação e revelação dos fatos.

A triangulação de métodos de pesquisa neste estudo permitiu uma visão mais completa e rica das associações entre exposição e perpetração da violência urbana, masculinidades, normas de gênero e posse de armas de fogo, e uma melhor compreensão das masculinidades não violentas em contextos caracterizados por violência urbana e dos processos de transmissão intergeracional da violência e da transmissão da esfera pública para a doméstica.

No caso da pesquisa qualitativa, os participantes que tinham deixado o crime com a ajuda de programas institucionais influenciaram as narrativas no momento das entrevistas: eram mais propensos a frases autorreflexivas. Estes discursos reforçaram o desejo de recusar o crime e reafirmar a dedicação às suas novas condições de vida.

ANEXO 2 | **ANÁLISE MULTIVARIADA**

QUADRO 1 | PERPETRAÇÃO DE QUALQUER TIPO DE VIOLÊNCIA DE ACORDO COM VARIÁVEIS-CHAVE, RAZÃO DE PROBABILIDADE AJUSTADA

VARIÁVEIS PREDITIVAS	AMBAS AS ÁREAS			NORTE			SUL		
	RAZÃO DE PROBABILIDADE AJUSTADA (N=434)	95% IC		RAZÃO DE PROBABILIDADE AJUSTADA (N=355)	95% IC		RAZÃO DE PROBABILIDADE AJUSTADA (N=79)	95% IC	
MEDO DE ATOR SOCIAL	1,25	0,72	2,15	1,19	0,62	2,28	1,32	0,43	4,10
TESTEMUNHAR VPI DURANTE A INFÂNCIA	1,32	0,80	2,16	1,19	0,69	2,05	2,16	0,63	7,47
NÍVEL DE EDUCAÇÃO									
SEM EDUCAÇÃO									
PELO MENOS ENSINO FUNDAMENTAL	1,12	0,08	14,88	1,12	0,08	15,21			
PELO MENOS ENSINO MÉDIO	1,52	0,11	20,15	1,46	0,11	19,71	1,79	0,49	6,48
PELO MENOS ENSINO SUPERIOR	1,06	0,07	15,12	0,87	0,06	12,74	2,65	0,38	18,73
OUTRO	727968665,84	0,00		831155188,48	0,00		867887910,32	0,00	
EXPOSIÇÃO A VIOLÊNCIA URBANA ANTES DA IDADE DOS 18 ANOS	**3,9*** **	2,32	6,59	**4,02*** **	2,26	7,16	4,09*	1,04	16,14
ESTRESSE RELACIONADO COM O TRABALHO	**1,50**	0,95	2,35	1,35	0,82	2,23	2,43	0,78	7,51
ESCALA GEM	**0,98***	0,96	1,00	**0,98***	0,96	1,00	0,94	0,82	1,08

VALORES A NEGRITO COM SIGNIFICÂNCIA ESTATÍSTICA A P<0,05
* 0,05>P>0,01
** 0,01>P>0,001
***P<0,001

QUADRO 2 | PERPETRAÇÃO DE VPI DE ACORDO COM VARIÁVEIS-CHAVE, RAZÃO DE PROBABILIDADE AJUSTADA

VARIÁVEIS PREDITIVAS	AMBAS AS ÁREAS			NORTE			SUL		
	RAZÃO DE PROBABILIDADE AJUSTADA (N=434)	95% IC		RAZÃO DE PROBABILIDADE AJUSTADA (N=355)	95% IC		RAZÃO DE PROBABILIDADE AJUSTADA (N=79)	95% IC	
MEDO DE ATOR SOCIAL	**1,83***	1,08	3,12	**2,43****	1,25	4,72	0,79	0,27	2,25
TESTEMUNHAR VPI DURANTE A INFÂNCIA	1,26	0,82	1,95	1,25	0,76	2,04	1,26	0,44	3,54
NÍVEL DE EDUCAÇÃO									
SEM EDUCAÇÃO									
PELO MENOS ENSINO FUNDAMENTAL	0,47	0,04	6,08	0,48	0,04	6,16			
PELO MENOS ENSINO MÉDIO	0,44	0,03	5,61	0,51	0,04	6,44	0,41	0,13	1,33
PELO MENOS ENSINO SUPERIOR	0,29	0,02	4,03	0,26	0,02	3,66	0,84	0,14	5,06
OUTRO	1,01	0,03	35,50	1358095455,20	0,00		0,99	0,05	19,56
EXPOSIÇÃO A VIOLÊNCIA URBANA ANTES DA IDADE DOS 18 ANOS	**3,73*****	2,00	6,94	**3,05****	1,59	5,84	1573780780,56	0,00	
ESTRESSE RELACIONADO COM O TRABALHO	**1,21****	0,80	1,84	1,43	0,90	2,27	0,99	0,34	2,88
ESCALA GEM	0,95	0,91	0,98	**0,94****	0,91	0,98	1,00	0,88	1,12

VALORES A NEGRITO COM SIGNIFICÂNCIA ESTATÍSTICA A P<0,05
* 0,05>P>0,01
** 0,01>P>0,001
***P<0,001

QUADRO 3 | PERPETRAÇÃO DE VIOLÊNCIA URBANA FÍSICA, DE ACORDO COM VARIÁVEIS-CHAVE, RAZÃO DE PROBABILIDADE AJUSTADA

VARIÁVEIS PREDITIVAS	AMBAS AS ÁREAS			NORTE			SUL		
	RAZÃO DE PROBABILIDADE AJUSTADA (N=434)	95% IC		RAZÃO DE PROBABILIDADE AJUSTADA (N=355)	95% IC		RAZÃO DE PROBABILIDADE AJUSTADA (N=79)	95% IC	
MEDO DE ATOR SOCIAL	1,15	0,69	1,91	1,31	0,71	2,40	0,86	0,29	2,57
TESTEMUNHAR VPI DURANTE A INFÂNCIA	0,76	0,49	1,18	0,79	0,48	1,29	0,64	0,22	1,88
NÍVEL DE EDUCAÇÃO									
SEM EDUCAÇÃO									
PELO MENOS ENSINO FUNDAMENTAL	4,32	0,31	60,08	3,92	0,29	52,92			
PELO MENOS ENSINO MÉDIO	4,43	0,32	61,54	3,68	0,27	49,57	1,66	0,48	5,76
PELO MENOS ENSINO SUPERIOR	4,81	0,32	71,79	3,66	0,25	53,61	3,35	0,54	20,89
OUTRO	1,21	0,03	44,81	0,00	0,00		0,47	0,01	18,30
EXPOSIÇÃO A VIOLÊNCIA URBANA ANTES DA IDADE DOS 18 ANOS	**3,4*** **	2,00	5,82	**3,32*** **	1,85	5,96	**4,15***	1,03	16,70
ESTRESSE RELACIONADO COM O TRABALHO	**1,7***	1,13	2,57	1,49	0,94	2,34	**3,2***	1,08	9,47
ESCALA GEM	**0,96***	0,93	0,99	**0,96***	0,93	1,00	0,90	0,79	1,03

VALORES A NEGRITO COM SIGNIFICÂNCIA ESTATÍSTICA A P<0,05
* 0,05>P>0,01
** 0,01>P>0,001
***P<0,001

PROMUNDO
IDRC | CRDI
International Development Research Centre
Centre de recherches pour le développement international
Canada
UKaid
from the British people